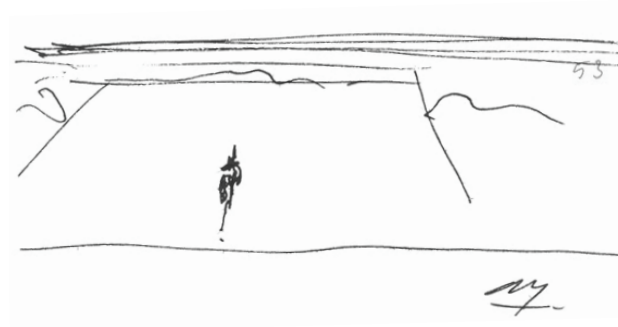




FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



DA DEFESA À CONTEMPLAÇÃO DA PAISAGEM

Intervir no lugar do Forte e da 7^a Bateria do Outão no contexto da Arrábida

Catarina de Oliveira Tavares Mascarenhas

Dissertação e Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientador: Professor Arquiteto António Pedro Moreira Pacheco

Coorientador: Professor Doutor Pedro Paulo Marques da Silva de Abreu

Júri

Presidente: Professor Doutor Paulo Pereira

Vogal: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

Lisboa, FAUL, Julho 2014

DA DEFESA À CONTEMPLAÇÃO DA PAISAGEM

Intervir no lugar do Forte e da 7ª Bateria do Outão no contexto da Arrábida

Catarina de Oliveira Tavares Mascarenhas

Dissertação e Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientador: Professor Arquiteto António Pedro Moreira Pacheco

Coorientador: Professor Doutor Pedro Paulo Marques da Silva de Abreu

Júri

Presidente: Professor Doutor Paulo Pereira

Vogal: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

Lisboa, FAUL, Julho 2014

RESUMO

Título Da Defesa à Contemplanção da Paisagem	A 7ª Bateria de Costa, no Outão, é um lugar singular situado em pleno Parque Natural da Arrábida, testemunho de ocupações militares de períodos cronológicos distintos. Marcado pela presença de uma fortificação do séc. XVII, o lugar foi, já no séc. XX, integrado num sistema de defesa costeira moderna – o conjunto de oito Baterias de Artilharia de Costa do Exército.
Sub-título Intervir no lugar do Forte e da 7ª Bateria do Outão no contexto da Arrábida	
Nome Catarina de Oliveira Tavares Mascarenhas	Encontrando-se atualmente desativado e parcialmente desmantelado, sem qualquer perspetiva futura, abre-se uma oportunidade para refletir sobre a reabilitação deste património e das estruturas que merecem a manutenção da sua memória.
Orientador Arquiteto António Pedro Moreira Pacheco	
Coorientador Doutor Pedro Paulo Marques da Silva de Abreu	O objeto de estudo é analisado segundo um olhar em várias escalas, através de um enquadramento mais alargado, incidindo sobre as temáticas da defesa de costa de Lisboa e de Setúbal, da individualidade da Serra e da ocupação da região do Outão.
Mestrado Integrado em Arquitetura	
FAUL Lisboa, Julho 2014	Reitera-se a importância da especificidade do lugar da 7ª Bateria, discorrendo sobre a história, as características formais que o sítio, o edificado e a envolvente apresentam e sobre o seu sentido e experiência fenomenológica.
	Apresenta-se a proposta delineada para a intervenção, com vista à leitura do território da Arrábida, assim como o projeto que lhe dá corpo, transformando este lugar defensivo da costa num lugar de contemplação da paisagem.

PALAVRAS-CHAVE

Forte, Bateria, Lugar, Paisagem, Património, Arrábida

ABSTRACT

Title
From territorial defense
to the contemplation of
landscape

Subtitle
The intervenience
of the Fort and 7th
Battery of Outão in the
Arrábida context

Name
Catarina de Oliveira
Tavares Mascarenhas

Main Advisor
Architect António Pedro
Moreira Pacheco

Co-Advisor
Doctor Pedro Paulo
Marques da Silva de
Abreu

Master in Architecture

FAUL
Lisbon, July 2014

The 7th Artillery Battery Coast in Outão is a singular site located in the Arrábida Natural Park, a testimony of military occupations through various chronological periods. Identified by the presence of a XVII century fortification, in the XX century the site was integrated into a modern coastal defense system - the set of eight Coastal Artillery Batteries, under the Army's jurisdiction.

Being now partially disabled and dismantled, facing no future prospect, the site in question has become an opportunity to reflect on both the rehabilitation of this kind of heritage as well as the preservation of the memory of these structures.

This work was conducted based on the analysis involving different scales, through a wider framework, focusing on the Lisbon and Setúbal coastal defense, the Arrábida mountain range's individuality and the occupation of the Outão region.

The specificity of the 7th Battery site is reiterated through the analysis of not only its history, the formal characteristics of the place, the buildings and the surrounding features, but also its meaning and phenomenological experience.

The outline for the proposed intervention focuses on a new reading of the Arrábida territory and so does the project that aims at materializing it. The purpose of this work is to turn this coastal defensive point into a place for the contemplation of the landscape.

KEY-WORDS

Fortress, Artillery Battery, Site, Landscape, Heritage, Arrábida

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Pedro Abreu pela inquietante confiança e convicção durante este caminho, pela generosidade e firmeza das palavras, pelo *fazer-ver*.

Ao Professor Pedro Pacheco pela franqueza e disponibilidade, pelas sucessivas pistas, dúvidas e certezas, pelas críticas que foram essenciais à evolução do trabalho.

Ao Professor Paulo Pereira, pelo imenso conhecimento e pela boa disposição com que sempre respondeu aos meus pedidos de ajuda. Ainda ao Professor Jorge Spencer e ao Professor Diogo Burnay, pela paixão pela arquitetura.

Às entidades e pessoas a que me dirigi, principalmente Câmara Municipal de Setúbal, Arquivo Histórico Militar, Projeto SIDCARTA e antigos militares do Regimento de Artilharia de Costa.

À Sofia e ao Fred, aliados e cúmplices desta aventura, pelas boas e longas horas de trabalho, de confidências e viagens. Ao João, pelos petiscos, companheirismo e ajuda preciosa.

Aos meus amigos que me conseguiram roubar horas de trabalho, para proveito dos essenciais momentos de descontração. À Matilde e à Ju, pela eterna amizade.

Ao Tomás, por me fazer rir todos os dias, pela sintonia, pela inesgotável paciência e compreensão. À minha segunda casa, pela alegria diária.

À minha família. Ao Tiago e à Ana e, por último, incontornavelmente, aos meus pais. Pelo exemplo, apoio incondicional e força. Não só durante este atribulado percurso, como ao longo da vida.

ÍNDICE

I INTRODUÇÃO	1
1.1 Enquadramento e Objeto	3
1.2 Inquietações e Objetivos	4
1.3 Método	5
1.4 Estrutura	6
II O TERRITÓRIO	9
2.1 A defesa da costa de Lisboa e Setúbal	11
As fortificações medievais e abaluartadas, de 1480 a 1850	12
A defesa moderna, de 1850 a 1999	17
2.2 A individualidade da Arrábida	22
A Serra-Mãe	24
A proteção e os seus intervenientes	30
2.3 O ponto extremo do Outão	34
A ocupação militar	35
A ocupação recreativa	39
A ocupação industrial	41

III O LUGAR	45
3.1 Leitura Histórica	47
O Forte Velho do Outão, séc. VXII	47
A 7ª Bateria de Costa, séc. XX	50
3.2 Leitura Formal	57
O Sítio e o Edificado	57
A Paisagem	65
3.3 Leitura do Sentido	68
O lugar de promontório e o horizonte	70
A experiência fenomenológica e a carência de sentido	73
IV A PROPOSTA	83
4.1 Sobre o Tema	85
O Tema no lugar do Forte e da 7ª Bateria	87
Premissas programáticas	89
Expectativas sobre o uso	91
2.2 Sobre a Forma	94
O que se mantém	94
O que se anula	97
O redesenho do sítio	100

V O PROJETO	105
5.1 O Forte Velho	107
O <i>toque</i> com o solo e a galeria de entrada	107
O caminho de ronda e o P. O.	109
5.2 Construir a Norte	112
Desenhar o Muro	112
Habitar na espessura	114
5.3 Construir a Poente	116
Desenhar o Vazio	116
O edifício em percurso	118
5.4 A Bateria	122
VI CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
FONTES DOCUMENTAIS	132
MAQUETES E PEÇAS DESENHADAS	141
ANEXOS	
Anexo 1 Caderno de Análise - Do(s) Território(s) ao Lugar	
Anexo 2 Caderno de Processo - Da(s) Ideia(s) ao Projeto	

ÍNDICE DE IMAGENS

(Capa) Casa Van Thillo, Alberto Campo Baeza, 2014

In <http://www.campobaeza.com/van-thilo-house/?type=catalogue> (cons. a

1. Culatra de uma peça de artilharia Vickers, de origem inglesa, de 15,2cm m/47-44
In Quadros Auxiliares de Instrução, Edição do CAV/SMATI, Setembro de 1989
2. *Ciudad de Lisboa, 1661, a 4 de febrero. Verdadera Relación del porto de Lisboa y sus fortificaciones modernas que aún non están acabadas.*
In <http://guerradarestauracao.wordpress.com/2010/01/>
3. Gravura da Torre e Vila de Cascais de Georgius Braunn, séc. XV
In CARITA, Rui – *A Cidadela de Cascais: Pedras, Homens e Armas*. Lisboa: Estado Maior do Exército, 2003, p. 26
4. Fortaleza de Santiago do Outão por João Thomas Correa, data entre 1699 e 1743
In Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/12158>
5. Fortaleza de São Gião (São Julião da Barra), 1655
In <http://guerradarestauracao.wordpress.com/2009/12/27/a-defesa-da-costa-portuguesa-em-1644-2-a-fortaleza-de-sao-giao-sao-juliao-da-barra/>
6. Forte do Bugio, s/d
In <http://www.leuchtturm-welt.net/HTML/PGPK/PG.HTM>
7. *Plan de Lisbonne son port, ses rades et ses environs avec une petite carte routièrre du Portugal* de Calmete-Beauvoisin, 1820
In Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/4007>
8. Evolução tipológica dos sistemas defensivos costeiros
In Anexo 1, *Caderno de Análise – Do(s) Território(s) ao Lugar*
9. Localização das oito Baterias de Artilharia de Costa do Exército, 2013
In Anexo 1, *Caderno de Análise – Do(s) Território(s) ao Lugar*
10. Dois oficiais do RAC, 1996
Fotografia de Alberto Frias. In *A Muralha Atlântica*. Expresso, 9 Novembro 1996. p. 115
11. Posto de Observação da 2ª Bateria da Parede, 1996
Fotografia de Alberto Frias. In *A Muralha Atlântica*. Expresso, 9 Novembro 1996. p. 109
12. Exercícios de tiro na 2ª Bateria da Parede, 1996
Fotografia de Alberto Frias. In *A Muralha Atlântica*. Expresso, 9 Novembro 1996. p. 110
13. Ortofotomapa da Arrábida, com indicação do área de intervenção
In Anexo 1, *Caderno de Análise – Do(s) Território(s) ao Lugar*
14. Postal de Américo Ribeiro, Arrábida - Estrada para o Portinho, década de 1950
In http://prosimetron.blogspot.pt/2011_07_10_archive.html

15. Vista sobre o braço Poente da Serra da Arrábida, 2013
In <http://www.visitsetubal.com.pt/portfolio/serra-da-arrabida/>
16. Flora dominante na Serra da Arrábida, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas a partir de imagens do *Google*
17. Procissão de Nossa Senhora da Arrábida, década de 1930
In <http://setubaldoutrostempos.blogs.sapo.pt/>
18. Convento Novo da Arrábida, 2012
In <http://reisdopedal.blogspot.pt/2012/01/volta-dos-conventos-da-arrabida.html>
19. Vista sobre o braço nascente da Serra da Arrábida, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
20. Postal de Américo Ribeiro, Portinho da Arrábida, década de 1950
In http://prosimetron.blogspot.pt/2011_07_10_archive.html
21. Sebastião da Gama no Portinho da Arrábida, década de 1940
In http://www.geocaching.com/geocache/GC1XN6G_sebastiao-da-gama-o-poeta-e-o-professor-setubal
22. Pedreiras perto de Sesimbra, 2010
In <http://expresso.sapo.pt/arrabida-esventrada=f602078>
23. As duas pedreiras contíguas da Secil, 2010
In <http://expresso.sapo.pt/arrabida-esventrada=f602078>
24. O complexo da Secil, no Outão, 2010
In <http://expresso.sapo.pt/arrabida-esventrada=f602078>
25. Vista sobre o ponto extremo do Outão, a partir da Praia de Albarquel, 2013
Elaborado por Catarina Mascarenhas
26. Postal de Mendes Estafeta, Fortaleza do Outão, início do séc. XX
In <https://www.flickr.com/photos/portimagem/8709014765/>
27. Carta da defesa da Barra do Sado, 1481
In Arquivo do Museu da Cidade
28. Carta da defesa da Barra do Sado por João Thomas Correa, data entre 1699 e 1743
In Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/12158>
29. Fotografia de Américo Ribeiro, Palacete da Comenda, década de 1950
In <http://nestahora.blogspot.pt/2007/08/o-palacete-da-comenda-e-uma-dormida-de.html>
30. Postal do Sanatório do Outão, início do séc. XX
In <http://roteiro.jmobp.com/View/RoteiroView.php?opcao=8&item=2101&ge=1>
31. Evolução do complexo industrial da Secil e das pedreiras adjacentes, 1950
Fotografia aérea cedida por Direção-Geral do Território
32. Evolução do complexo industrial da Secil e das pedreiras adjacentes, 1989
Fotografia aérea cedida por Direção-Geral do Território
33. Evolução do complexo industrial da Secil e das pedreiras adjacentes, 2003
In Google Earth
34. Ortofotomapa da 7ª Bateria de Costa, no Outão, 2008
Fotografia aérea cedida por Direção-Geral do Território

35. Forte Velho do Outão por João Thomas Correa, data entre 1699 e 1743
In Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/12158>
36. Vista sobre a Fortaleza de Santiago do Outão, a partir do mar, 2013
Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Setúbal
37. Ante-projecto do acesso à Bateria do Outão, data entre 1945-1950
In <http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/imgweb/03/3-36-49/9742-3-36-49.jpg>
38. Vista sobre as peças de artilharia com militares do RAC
In <http://regimentodeartilhariadecosta.blogspot.pt/>
39. Planta de piso térreo do Forte, 1946
Planta cedida por Projeto SIDCARTA
40. Planta de coberturas do Forte, 1946
Planta cedida por Projeto SIDCARTA
41. Vista sobre as peças de artilharia, quando a Bateria se encontrava ao ativo
In <http://regimentodeartilhariadecosta.blogspot.pt/2011/10/7-bateria-do-outao.html>
42. Vista sobre a área a norte do Forte, quando a Bateria se encontrava ao ativo
In <http://regimentodeartilhariadecosta.blogspot.pt/2011/10/7-bateria-do-outao.html>
43. Guarnição da peça de artilharia
In Quadros Auxiliares de Instrução, Edição do CAV/SMATI, Setembro de 1989 (encontrado na 7ª Bateria do Outão)
44. Exercícios de tiro na 7ª Bateria: interior da peça e respetiva guarnição, 1996
Fotografia de Alberto Frias. *In* *A Muralha Atlântica*. Expresso, 9 Novembro 1996. p. 113
45. Maquete 1.1000, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas. Maquete elaborada em conjunto com Ana Sofia Guerra e Frederico Vicente
46. Últimos disparos das peças de artilharia na 7ª Bateria, 1998
In <http://www.operacional.pt/os-ultimos-disparos-do-%E2%80%9Cmuro-do-atlantico%E2%80%9D-portugues/>
47. Entrada da 7ª Bateria, na curva da EN n.º 379-1, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
48. Vista do lado Norte do Forte, 1947
Desenho de J. Tarracha.
In <http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/imgweb/03/3-36-49/9756-3-36-49.jpg>
49. Galeria de entrada do Forte, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
50. Galeria de entrada do Forte, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
51. Desenho do aquartelamento e do Posto de Observação, no interior do Forte, 2013
Elaborado por Catarina Mascarenhas
52. Vista da perspectiva oposta, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
- 53 e 54. Desenhos das peças de artilharia e edificações complementares, 2013
Elaborado por Catarina Mascarenhas

55. Planta do piso térreo das edificações semienterradas de apoio à bateria, 1946
Planta cedida por Projeto SIDCARTA
56. Vista sobre o *plateau* de terra batida, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
57. Vista sobre o pátio alongado das edificações semienterradas de apoio à bateria, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
58. Vista sobre a Fortaleza de Santiago do Outão, a partir do Forte Velho, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
59. Horizonte Nordeste, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
60. Horizonte Nascente, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
61. Horizonte Sul, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
62. *East-West/West-East*, instalação de Richard Serra, Qatar, 2014
In <http://www.publico.pt/cultura/noticia/esculturas-monumentais-de-richard-serra-no-deserto-do-qatar-1631710#/0>
63. *Peine del Viento*, Eduardo Chillida, San Sebastián, Espanha
In <http://www.mascontext.com/issues/8-public-winter-10/el-peine-del-viento/>
64. Relação entre a Fortaleza de Santiago do Outão e o Forte Velho
In <http://portugaldreamcoast.com/>
65. Relação da 7ª Bateria com a paisagem, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
66. Intervenção da arquiteta paisagista Teresa Moller, Punta Pite, Chile, 2005
In <http://pruned.blogspot.pt/2007/10/pure-geography.html>
67. Esquissos preliminares, Louis Kahn, 1959
In <http://www.studyblue.com/notes/note/n/arch-311-presentation-14-louis-kahn/deck/9891070>
68. Esquema conceptual das principais componentes da proposta, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas
68. *Peque nestes binóculos agora e vá ver passarinhos lá fora*, 2014
In <https://www.facebook.com/MuseudaLuz/photos/pb.203318646348026.-2207520000.1400866880.733940426619176/?type=3&theater>
70. Vista do lado Sul do Forte, 1946. Desenho de J. Tarracha.
In <http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/imgweb/03/3-36-49/9757-3-36-49.jpg>
71. Vista para o Forte Velho, a partir do mar, 2013
Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Setúbal
72. Vista a norte do Forte, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
73. Vista sobre o campo de futebol e o aterro, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas

74. Vista sobre o pátio alongado e algumas construções mais precárias, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
75. Vista sobre a envolvente a norte do Forte, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
76. Maquete 1.1000 das pré-existências, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas. Maquete elaborada em conjunto com Ana Sofia Guerra e Frederico Vicente
77. Planta relativa às demolições e manutenções no âmbito da proposta
Elaborado por Catarina Mascarenhas
78. Vista noturna sobre Troia e Setúbal, 2013
Fotografia de Catarina Mascarenhas
79. Implantação da proposta-conjunto, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas
80. Esquissos da proposta: perspetiva e cortes gerais, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas
81. Esquisto em corte do projeto no Forte Velho, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas
82. Vistas aéreas sobre o Forte Velho 1950, 1989 e 2008
Fotografias aéreas cedidas por Direção-Geral do Território
83. Fotomontagem da reabilitação da galeria de entrada, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas
84. Esquisto geral da reabilitação do Forte e esquisto em corte pelo P.O., 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas
85. Fotomontagem da vista exterior, do lado Poente do Forte, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas
86. Fotomontagem da reabilitação da galeria semiexterior, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas
87. Fotomontagem do *terraço* (com o pavimento original) na cobertura da galeria, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas
88. *Shift*, Richard Serra, 1970-72
In <http://ark-in.tumblr.com/>
89. *Running Fence*, Christo and Jeanne-Claude, 2000
In <http://ark-in.tumblr.com/>
90. Esquisto da implantação do alojamento e cafetaria, em relação com o Forte e a encosta
Elaborado por Catarina Mascarenhas
91. Esquissos do *edifício-muro*, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas
92. Esquisto do espaço de trabalho e esquema do habitáculo dentro da espessura do muro
Elaborado por Catarina Mascarenhas
93. *The monk's house*, Christopher Alexander
In ALEXANDER, Christopher – *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press,

1977, p. 642

94. *Displaced/replaced mass*, Michael Heizer, 1969
In <http://ark-in.tumblr.com/>

95. *Dissipate #8 of nine nevada depressions*, Michael Heizer, 1968
In <http://ark-in.tumblr.com/>

96. *Padrões*, entradas de luz natural e circuito deambulatório, Christopher Alexander
In ALEXANDER, Christopher – *A Pattern Language*. 1977, *op cit*, p. 646 631

97. *Centro de gravidade da vida social*, Christopher Alexander
In ALEXANDER, Christopher – *A Pattern Language*. 1977, *op cit*, p. 621

98. *A Line Made by Walking*, Richard Long, 1967
In <http://www.richardlong.org/Sculptures/2011sculptures/linewalking.html>

99. Esquissos do primeiro pátio e das edificações pré-existentes, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas

100. Esquisso da vista geral do CIIA, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas

101. Esquissos da galeria, que possibilita uma dupla visão sobre a paisagem
Elaborado por Catarina Mascarenhas

102. Planta dos paióis subterrâneos das granadas e cartuchos, 1946
Planta cedida por Projeto SIDCARTA

103. Planta à cota superior, 1946
Planta cedida por Projeto SIDCARTA

104. Corte transversal pela estrutura da peça de artilharia, 1946
Corte cedido por Projeto SIDCARTA

105. Fotomontagem das peças de artilharia recuperadas, sem o pavimento asfáltico, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas

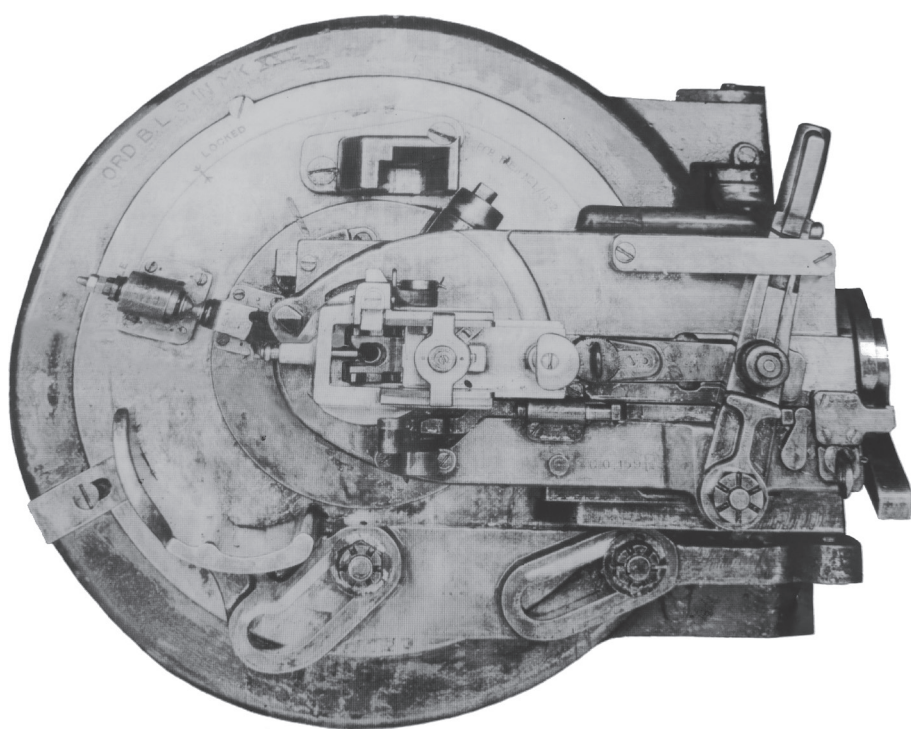
106. Fotomontagem da escada de acesso aos paióis subterrâneos, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas

107. Fotomontagem das peças de artilharia, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas

108. Corte e perspectiva sobre as peças de artilharia, 2014
Elaborado por Catarina Mascarenhas

109. Turó de la Rovira, Barcelona, 2013
In <http://www.diariosdeunabicileta.com/2013/06/barcelona-curiosidades.html>

CAPÍTULO I
_INTRODUÇÃO



1. Culatra de uma peça de artilharia Vickers, de origem inglesa, de 15,2cm m/47-44

1.1 | ENQUADRAMENTO E OBJETO

Os lugares fortificados foram fundamentais para a consolidação dos limites do território, especialmente das fronteiras marítimas. Dada a longa extensão do litoral, Portugal deteve um notável conjunto de sistemas defensivos de costa, que tinham como objetivo proteger as populações ribeirinhas e as áreas de interesse estratégico.

Contudo, a arquitetura militar, que foi idealizada e edificada como obra maciça e perene, acabou por desempenhar funções delimitadas num determinado enquadramento temporal. Hoje as fortificações perderam a sua utilidade primeira, tornando-se, em muitos casos, espaços ao abandono, em estados de conservação por vezes deploráveis.

O objeto de estudo deste trabalho é um desses casos. A chamada 7^a *Bateria de Costa*, no Outão, é um lugar singular que apresenta estruturas defensivas de períodos diferentes, localizado na Serra da Arrábida, num território sobranceiro ao Hospital Ortopédico de Santiago do Outão. Marcado pela presença de uma fortificação do séc. XVII, o lugar foi, já no séc. XX, integrado num sistema de defesa moderna costeira – o conjunto de oito Baterias de Artilharia de Costa do Exército. *(figura 1)*

Encontrando-se atualmente desativado e parcialmente desmantelado, sem qualquer perspetiva de reutilização militar, suscitando até vivências menos desejadas, cria-se uma janela de oportunidade para refletir sobre a pertinência da revitalização deste lugar, situado em pleno Parque Natural e com uma relação privilegiada com a paisagem, como aliás era condicionante no estabelecimento dos lugares defensivos da costa.

1.2 | INQUIETAÇÕES E OBJETIVOS

Este trabalho surgiu da motivação de desenvolver uma problemática pouco estudada, fora do contexto urbano e distinta daquelas tratadas no decorrer do curso, encarando o Trabalho Final de Mestrado como um último desafio desta etapa. A primeira ambição foi a de que este constituísse, não só um momento para o desenvolvimento pessoal e académico, como também um novo contributo, ainda que pequeno, para a discussão sobre a reconversão e a reabilitação do património e de estruturas que mereçam a manutenção da sua memória.

Nesse sentido, a 7^a Bateria do Outão, sem rumo contemporâneo, constitui uma verdadeira oportunidade para *trazer para cima da mesa* novas temáticas de estudo. Através de um documento teórico e de uma experimentação pela prática de projeto, pretende-se explicitar e defender os motivos que fazem do objeto de estudo um lugar oportuno para uma intervenção, uma vez que não existe nenhuma reflexão sobre a possibilidade aqui colocada.

O conjunto de peças escritas e gráficas apresentadas procuram explorar a revitalização desta estrutura, inserida num contexto físico ímpar, através de uma intervenção que parte da identidade do lugar. No seu sentido global, ambiciona-se que este trabalho reconheça a disciplina da Arquitetura como o único meio capaz de compatibilizar uma nova realidade, formal e funcional, com a memória do passado, devolvendo-lhe um conteúdo vivo, capaz de perdurar no presente e no futuro.

1.3 | MÉTODO

O processo de trabalho pretendeu sempre encarar o objeto de estudo como, ele próprio, o meio criador das questões de trabalho, evitando trazer temáticas exteriores àquelas que o lugar, por si só, já indicia, sendo por isso este o elemento que determina o método.

Neste entendimento, procurou-se, desde a primeira instância, alcançar um profundo conhecimento do território em questão, não só como espaço ou sítio físico mensurável, mas também segundo uma dimensão existencial, que se prende com a reciprocidade entre a sua forma, o seu sentido e o eco que tem ao nível da experiência do sujeito que o habita¹. Esta compreensão compõe-se de três leituras, histórica, formal e fenomenológica, que pretendem cobrir todas as perspetivas da existência do lugar: temporal, física e imaterial.

Foi efetuada uma extensa pesquisa de cartografia, iconografia e bibliografia, juntamente com visitas prolongadas ao lugar, e a outros considerados determinantes, acompanhadas por apontamentos e levantamentos fotográficos. Por forma a complementar esta procura mais convencional, houve ainda oportunidade para contactos informais com algumas entidades e intervenientes, que direta ou indiretamente se revelaram bastante úteis, como sejam a Câmara Municipal de Setúbal, diversos Arquivos e antigos militares do Regimento de Artilharia de Costa.

O exercício de projeto caminhou paralelamente a este processo, sendo que o levantamento das pré-existências assim como as questões da representação e argumentação gráfica adquiriram bastante importância.

¹ Entenda-se *habitar*, não como o simples usufruto de uma residência, mas segundo o sentido existencial que Heidegger atribui ao termo em HEIDEGGER, Martin – *Construir, habitar, pensar*. Ensaios e conferências. Petrópolis: Vozes, 2001

1.4 | ESTRUTURA

O conteúdo desta dissertação encontra-se dividido em seis capítulos estruturantes. Excluindo o primeiro e o último, respetivamente *INTRODUÇÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS*, os capítulos centrais abordam os temas do trabalho, correspondendo a cada um deles uma fase determinada do pensamento e processo metodológico. Estes constituem efetivamente o corpo do documento e pretendem esgotar o objeto de estudo em diferentes escalas, partindo duma observação mais alargada, a do território, estreitando-a até ao detalhe do projeto.

Este primeiro capítulo introdutório, como se viu, pretende dar algumas luzes para a melhor compreensão e leitura do documento escrito, enquanto suporte e fundamentação da intervenção projetual.

O segundo capítulo, *O TERRITÓRIO*, é entendido em três diferentes perímetros de análise. Uma vez que o lugar objeto de estudo é marcado pelo seu passado militar, surgiu a necessidade de realizar um enquadramento da história da defesa de costa de Lisboa e de Setúbal. Seguidamente, trata-se, incontornavelmente, da paisagem da Arrábida, em especial da Serra que lhe dá o nome. Por último, apresenta-se um olhar sobre a região do Outão, salientando-se as suas características naturais e os tipos de ocupação humana que aí foram ocorrendo ao longo do tempo.

Tanto neste capítulo, como no seguinte, são apresentadas análises históricas, que não se pretendem meramente descritivas ou factuais, mas antes direcionadas para os objetivos deste trabalho, tendo constituído instrumentos úteis para a compreensão do sítio e para a consequente proposta apresentada.

O terceiro capítulo recai incisivamente sobre *O LUGAR*, principal

objeto de estudo e alvo da intervenção, dividindo-se em três diferentes leituras. A primeira, sobre a história da sua apropriação e o patrimônio daí resultante; a segunda, sobre as características formais que o sítio, o edificado e a paisagem apresentam atualmente; e a terceira sobre o sentido do lugar e a experiência fenomenológica.

No quarto capítulo inauguram-se as temáticas e os princípios que moldam *A PROPOSTA* a desenvolver para a intervenção na 7ª Bateria, estando dividido em duas questões principais. Relativamente ao Tema, estabelecem-se as diretrizes da reabilitação e da introdução de um novo *tempo*, que possa contribuir significativamente para a valorização e a coesão do lugar; e na solução formal dá-se conta das opções que procuram encontrar uma *comunhão* entre as pré-existências e a necessária construção nova.

O quinto capítulo trata exclusivamente das questões relacionadas com *O PROJETO*. Este surge como a concretização de uma resposta às inquietações levantadas ao longo deste trabalho; encontra-se dividido nos quatro momentos protagonistas do conjunto.

No sexto e último capítulo apresentam-se as *CONSIDERAÇÕES FINAIS*.

É importante referir ainda a existência de dois anexos, intimamente ligados aos quatro temas centrais: nos capítulos *O TERRITÓRIO* e *O LUGAR* propõem-se uma leitura do Anexo 1, *Caderno de Análise – Do(s) Território(s) ao Lugar*; enquanto que os capítulos *A PROPOSTA* e *O PROJETO* podem ser acompanhados da consulta do Anexo 2, *Caderno de Processo – Da(s) Ideia(s) ao Projeto*.

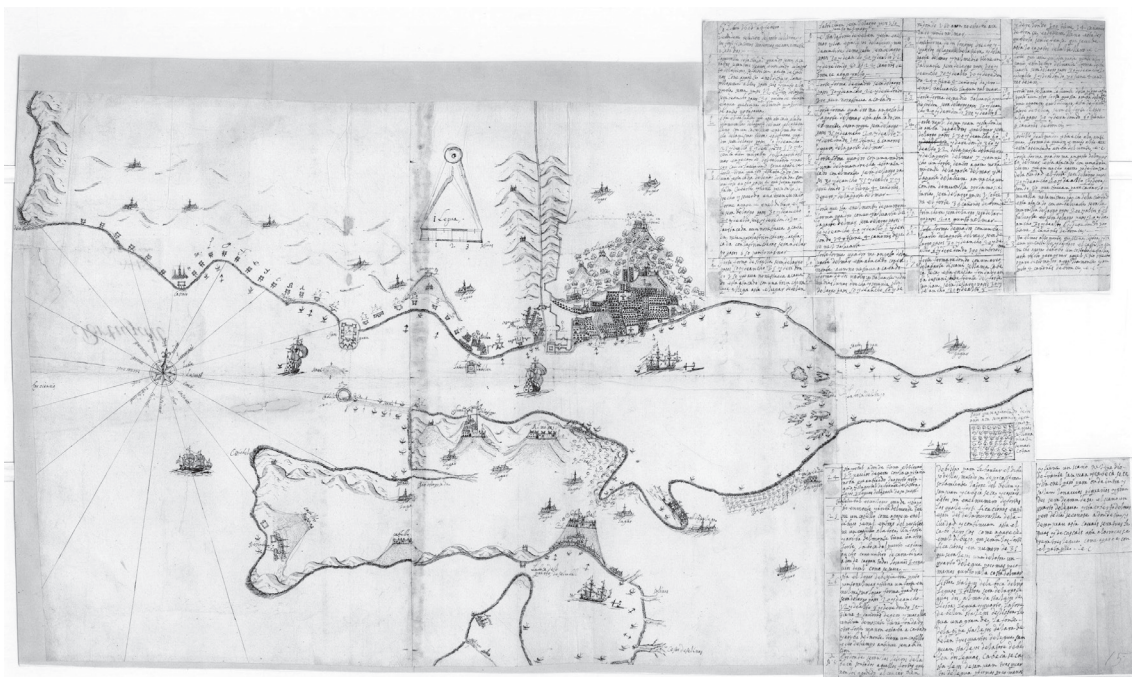
CAPÍTULO II

_O TERRITÓRIO

É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e traçar caminhos novos ao lado deles.²

José Saramago

² SARAMAGO, José – *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho, 2009



2.1 | A DEFESA DA COSTA DE LISBOA E SETÚBAL

Tratando-se a 7ª Bateria de um antigo posto defensivo da costa, ativo em dois períodos distintos cronologicamente, torna-se necessário contextualizá-los numa área mais abrangente, por forma a compreender a origem e o motivo da ocupação militar deste lugar.

Uma vez que este não se tratava de uma posição de defesa pontual, mas estava sim inserido num extenso sistema de defesa costeiro, pretende-se compreender as diferentes conjunturas que motivaram o aparecimento desta rede e a sua evolução.

Para justificar o largo perímetro desta primeira análise, importa lembrar que a defesa de Setúbal, povoação mais próxima do objeto de estudo, era complementar à de Lisboa, uma vez que a defesa da capital não se restringia aos limites da cidade, sendo por isso um plano comum de defesa das barras do Tejo e do Sado, com o objetivo de evitar qualquer ataque por via marítima. *(figura 2)*

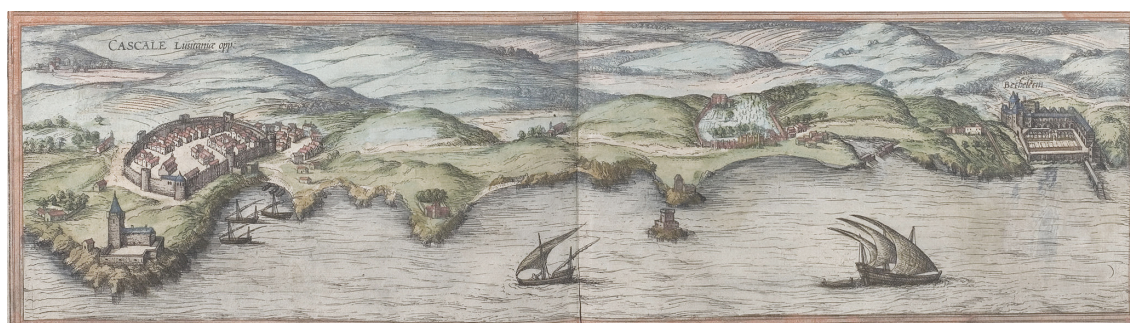
*2. (página oposta)
Ciudad de Lisboa,
1661, a 4 de febrero.
Verdadera Relación
del porto de Lisboa
y sus fortificaciones
modernas que aún non
están acabadas.
Mapa das defesas
costeiras da barra de
Lisboa e de Setúbal,
elaborado por um
espião ao serviço de
Filipe IV de Espanha*

Procura-se então fazer uma contextualização histórica, direcionada para um enquadramento ao lugar de intervenção, dividida em dois momentos distintos arquitetónica e tipologicamente: um primeiro dedicado às fortificações medievais e abaluartadas, cujo período é comumente conhecido e descrito, razão pela qual se pretende que seja uma resenha sucinta; e um segundo, referente à defesa moderna, muitas vezes esquecido neste tipo de abordagens.³

³ Esta leitura pode ser acompanhada da consulta do Anexo 1, no qual é apresentado um extenso levantamento das fortificações construídas desde o século XIV, assim como as diferentes conjunturas que motivaram o seu aparecimento ao longo do tempo. Veja-se o capítulo *ESCALA I _A Barra do Tejo e do Sado*, constituído pelos respetivos mapas e cronologias históricas.

As fortificações medievais e abaluartadas, de 1480 a 1850

No final do séc. XV, no reinado de D. João II, inicia-se um plano estruturado de defesa da capital, o primeiro que visava uma estratégia conjunta de pontos fixos fortificados, ao contrário da anterior que se baseava em naus artilhadas, fundeadas nas águas do Tejo. O plano joanino propunha a construção de três torres fortificadas, adaptadas ao tiro rasante da artilharia da época: na margem norte, em Cascais e em Belém; e na margem Sul, na Caparica.



A primeira a ser erigida foi a Torre de Santo António de Cascais, *um novo modelo de arquitetura que marcará a transição entre o castelo medieval e a fortaleza abaluartada*⁴, cujas obras se iniciaram em 1488 e que pretendia dissuadir os frequentes avanços da pirataria inglesa, francesa e moura que a vila cascalense sofria, uma vez que o Castelo de Cascais, construído entre 1364 e 1370, se encontrava degradado. (figura 3)

3. Gravura da Torre e Vila de Cascais de Georgius Braunn, séc. XV

Ainda nos finais do século XV, estava terminada a Torre de São Sebastião da Caparica, que juntamente com a futura Torre de São Vicente de Belém, defenderia esse enfiamento mais estreito da foz do Tejo. Uma vez que esta última só viria a ser levantada no reinado de D. Manuel I, foi entretanto fundeada, a meio do Tejo, a Grande Nau, que fortemente artilhada, completava provisoriamente a função pretendida. Terminada em 1520, a Torre de Belém completava então o triângulo defensivo costeiro de Lisboa, com vértices no Restelo, em Cascais e na Caparica.

Em 1553, D. João III manda edificar uma grande fortaleza na ponta de

⁴ BOIÇA, Joaquim Ferreira, Maria Ramalho e Maria de Fátima Barros – *As Fortificações Marítimas da Costa de Cascais*. Lisboa: Quertzal Editores, 2001, p.28

São Gião. O projeto inicial do Forte de São Julião da Barra é atribuído ao arquiteto Miguel de Arruda, que ocupava então o cargo de *Mestre das Obras de Fortificação do Reino, lugares d'Além e Índias*. As obras iniciaram-se em 1553, tendo sido dadas como concluídas em 1568, embora se tivessem prosseguido obras complementares, com planos sucessivos de desenho e redimensionamento. (figura 5)

Paralelamente, circulava em Portugal o primeiro tratado impresso, o *Tratado sobre as fortificações das Cidades, Castelos e Burgos*, de Albrecht Durer, escrito em 1527, que se transformou numa ferramenta importante para a edificação dos sistemas fortificados abaluartados até meados do séc. XVI.

Em 1572, durante o reinado de D. Sebastião, é ampliada aquela que foi a primeira referência a uma estrutura militar no Outão. Datada do ano de 1390, a torre medieval de vigia costeira seria por esta altura protegida por uma cerca abaluartada, sendo um dos pontos mais importantes para a defesa da foz do rio Sado e da cidade de Setúbal. (figura 4)

4. Fortaleza de Santiago do Outão por João Thomas Correa, data entre 1699 e 1743

Ainda em 1571, Francisco de Holanda sugere ao rei a construção de um baluarte no areal da Cabeça Seca, no enfiamento da Fortaleza de São Julião, no sentido de dotar a entrada do rio de um cruzamento de fogos. O projeto acabou por não avançar e, só em 1579, durante



a governação do Cardeal D. Henrique, com a forte ameaça de ataque por parte da armada castelhana, essa hipótese voltou a ser considerada, construindo-se então um forte de madeira no areal, que não teve qualquer importância na defesa da capital em 1580.

Nesse ano, o exército de Filipe II de Espanha toma a Torre de Cascais, seguindo para a Fortaleza de S. Julião da Barra, anulando qualquer hipótese de resistência. Começava então a dinastia Filipina. Durante o primeiro reinado, dá-se prioridade ao plano de reorganização e defesa da Barra do Tejo, dados os problemas de vulnerabilidade demonstrados aquando da própria invasão espanhola.

A partir de 1582 e posteriormente em 1598, é ampliada e reforçada a Fortaleza de São Julião, tendo-se transformado na maior e mais poderosa fortificação do reino de Portugal, à época. Ainda em 1582, Filipe I encomenda a Filipe Terzi o projeto da Fortaleza de S. Filipe para reforço da defesa do porto de Setúbal, tendo a sua construção sido iniciada na presença do próprio rei. Em 1589, manda edificar a Fortaleza de Nossa Senhora da Luz para reforçar a baía de Cascais, que iria absorver a anterior ineficaz Torre.

Em 1590, são iniciadas as obras das fundações do novo Forte de São Lourenço da Cabeça Seca, atual Forte do Bugio (*figura 6*), que desta vez seria concebido como uma estrutura permanente. Dada a clara complexidade da obra, esta demoraria décadas até estar concluída. A última intervenção da dinastia filipina seria a construção da Fortaleza de Santo António da Barra, em São João do Estoril, iniciada também em 1590 e terminada em 1596, com dimensões maiores que as inicialmente previstas.

Em 1640 dá-se a revolução em Lisboa, na qual é proclamada a Independência de Portugal. Torna-se então urgente criar um sistema defensivo efetivamente capaz de defender as fronteiras terrestres e marítimas do reino, dada a ameaça de ataque por parte de Espanha. Neste sentido, elabora-se aquele que foi o plano mais extenso e persuasivo de defesa da Barra do Tejo e do Sado realizado até então, privilegiando-se a construção abaluartada das fortificações. Logo em 1641, iniciava-se o estudo para a Cidadela de Cascais, estrutura

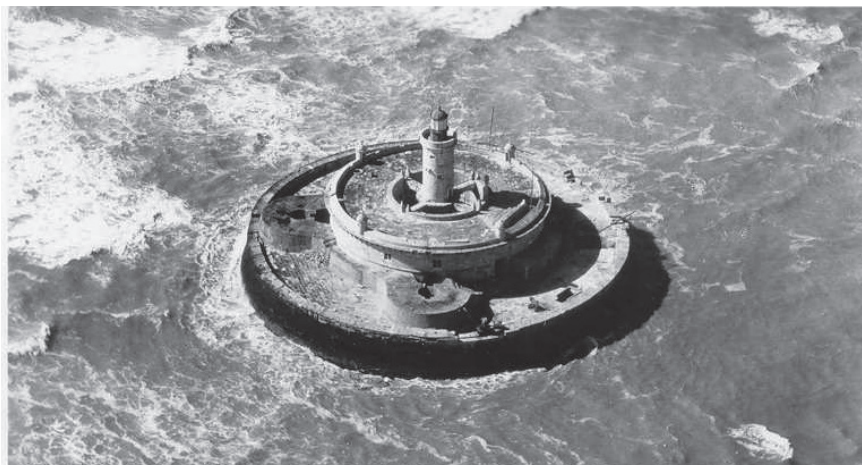
essa que ampliava em larga escala as capacidades defensivas na baía. A sua planimetria desenvolvia-se em volta da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, criando uma praça-forte seiscentista.

Entre 1642 e 1649 são levantados ao longo da costa norte do Tejo, desde o Cabo da Roca até Belém, e na costa sul, desde o Cabo Espichel até Setúbal, vários fortes, de menor escala, que constituíam a linha de defesa da Barra do Tejo e do Sado. Podem destacar-se, entre tantos outros, na margem norte, o Forte de São Jorge de Oitavos, o Forte de Santa Marta, o Forte de São João das Maias e o Forte de São Bruno; e na margem sul, o Forte do Cavalo, o Forte de Santiago de Sesimbra, o Forte Velho do Outão e a ampliação da Fortaleza do Outão. Ainda na península de Setúbal, são construídos, em 1655 e 1670, respetivamente, os Fortes de

5. Fortaleza de São Gião (São Julião da Barra), 1655



6. Forte do Bugio, s/d



São Domingos da Baralha e de Santa Maria da Arrábida.

Já em 1762, no contexto da Guerra dos Sete Anos, na qual Portugal esteve à beira de entrar em guerra com Espanha, D. José ordenou uma reforma do exército. Daqui resultaria a construção da Bateria Alta, da Galé e da Crismina e ainda o Forte de Catalazete, que reforçavam a defesa ocidental de Lisboa. No reinado de D. Maria I, é construído o Forte do Bom Sucesso, para auxílio da linha defensiva de Belém.

Após estes trabalhos de fortificação elaborados durante o período da Restauração, a linha de defesa da barra do Tejo e do Sado ficava praticamente concluída, tendo sido poucas as construções realizadas posteriormente. Existiria apenas uma intervenção de conjunto no período compreendido entre 1831 a 1833, uma vez que se esperava o ataque das forças liberais. Em 1834, a maioria das fortificações já tinha sido desartilhada, à exceção da Cidadela e da Fortaleza de Santo António da Barra.

7. *Plan de Lisbonne son port, ses rades et ses environs avec une petite carte routière du Portugal* de Calmete-Beauvoisin, 1820

Encontram-se assinaladas as fortificações da Barra do Tejo.



A defesa moderna, de 1850 a 1999

Este intervalo histórico que aqui é apresentado, usualmente não tem lugar nas descrições históricas mais convencionais sobre a defesa da capital. Todavia, é necessário para a compreensão deste trabalho, um percurso por toda a linha temporal, desde o século XIV até aos dias de hoje.

A partir da segunda metade do século XIX, dá-se uma mudança de paradigma na estratégia defensiva, fruto da evolução técnica e tecnológica da artilharia. Consequentemente, o modo de ver e projetar a arquitetura militar sofreu profundas alterações.

As fortificações erguidas até então revelavam-se verdadeiros símbolos de poder e domínio, marcas expressivas na paisagem natural ou urbana, de grande eloquência, cuja mensagem de intimidação se deveria avistar a larga distância.

Ao contrário da lógica de pensamento antecedente, a nova conceção militar caracterizou-se pela técnica de dissimulação no território, sendo constituída por pequenas construções à superfície e construções subterrâneas, galerias e paióis, possuindo geralmente dispositivos de camuflagem. A construção extremamente resistente, segundo conceitos modernistas, onde se destaca o uso do ferro fundido ou do ferro em combinação com o betão armado, compreendia entrincheiramentos mais ou menos contínuos, bem adaptados ao terreno, de modo a poder fazer fogo de uma posição protegida, baterias de tiros e vias de comunicações rápidas. Uma bateria era sinónimo de uma plataforma, onde era disposto um certo número de bocas-de-fogo de artilharia, colocadas sob o mesmo comando e ocupando, normalmente, posições de tiro próximas. *(figura 8)*

Deste modo, em 1876, é elaborado um novo plano de defesa terrestre e marítimo de Lisboa, o *Campo Entrincheirado de Lisboa*, obedecendo parcialmente ao princípio de fortificação então em voga. A defesa do porto de Lisboa compreendia dois sectores. O sector exterior seria constituído, na margem norte do Tejo, pelo Forte de São Julião da Barra, reduto Duque de Bragança e bateria de S. Gonçalo; e, na margem sul, pelas baterias de Raposeira e Alpena. O sector interior seria constituído, na margem norte do Tejo, pelas baterias da Praia, Lage e das Fontainhas,



pelo Forte de D. Luís I, pelo reduto do Alto do Duque, Forte do Bom Sucesso; e, na margem sul, pelas obras a montante da Trafaria.

Em 1911, um ano após a implantação da República, uma nova organização militar do Exército é aprovada, passando a Artilharia de Costa a designar-se como um ramo individualizado.

Deste modo, desenvolve-se uma linha de Artilharia de Costa em Lisboa e em Setúbal, que corresponde a um caso particular de sistemas de defesa, por se tratar de um conjunto do século XX (embora em alguns casos com aproveitamento de fortificações mais antigas) e, conseqüentemente, não ter ainda conhecido o seu lugar na história da arquitetura militar em Portugal, sendo relativamente desconhecido.

Durante a Segunda Guerra Mundial, apesar de Portugal se apresentar como país neutro, foi constituída uma comissão luso-britânica, coordenada pelo major-general inglês F.W. Barron, que desenvolveu um plano de defesa costeira da região de Lisboa. O chamado *Plano Barron* previa um Comando de Defesa Costeira, em Oeiras, responsável pela coordenação de dois grupos: o sector Norte - defendendo o rio Tejo e o Porto de Lisboa - e o sector Sul - defendendo o rio Sado e o Porto de Setúbal.

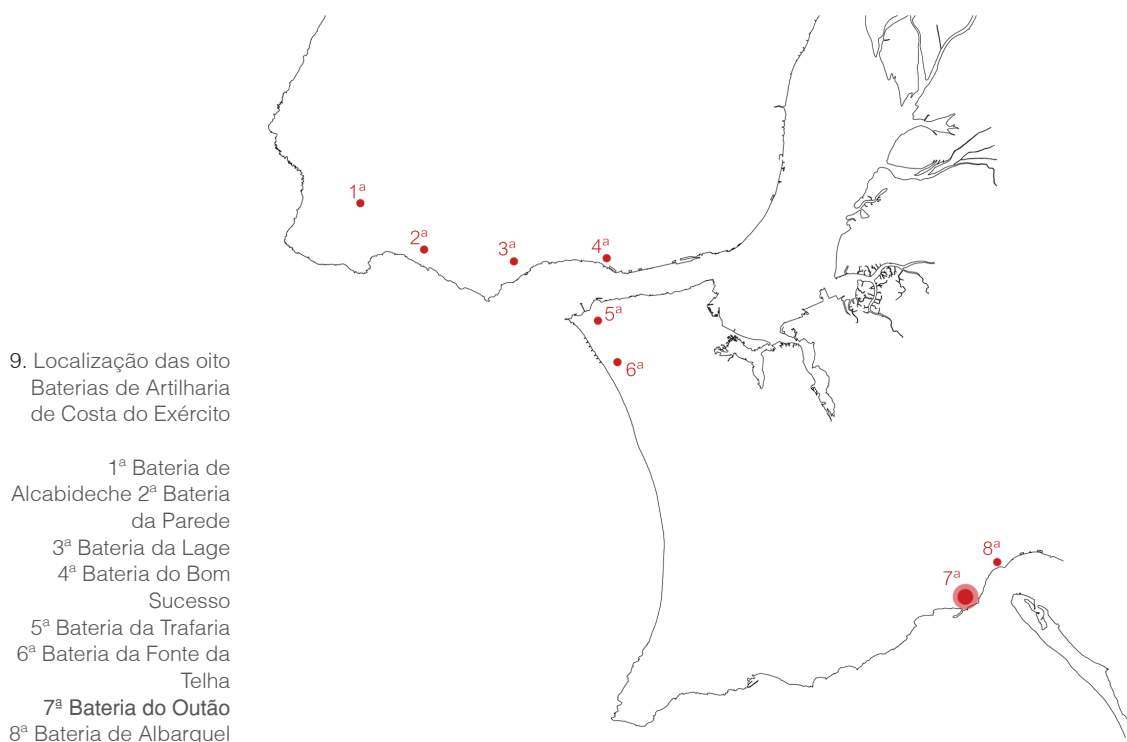
O grupo norte incluía as primeiras quatro baterias: Alcabideche, Parede, Lage (Oeiras) e Forte do Bom Sucesso (Belém-Lisboa); enquanto o grupo sul era composto pelas restantes quatro: Trafaria, Fonte da Telha, Outão e Albarquel. (figura 9)

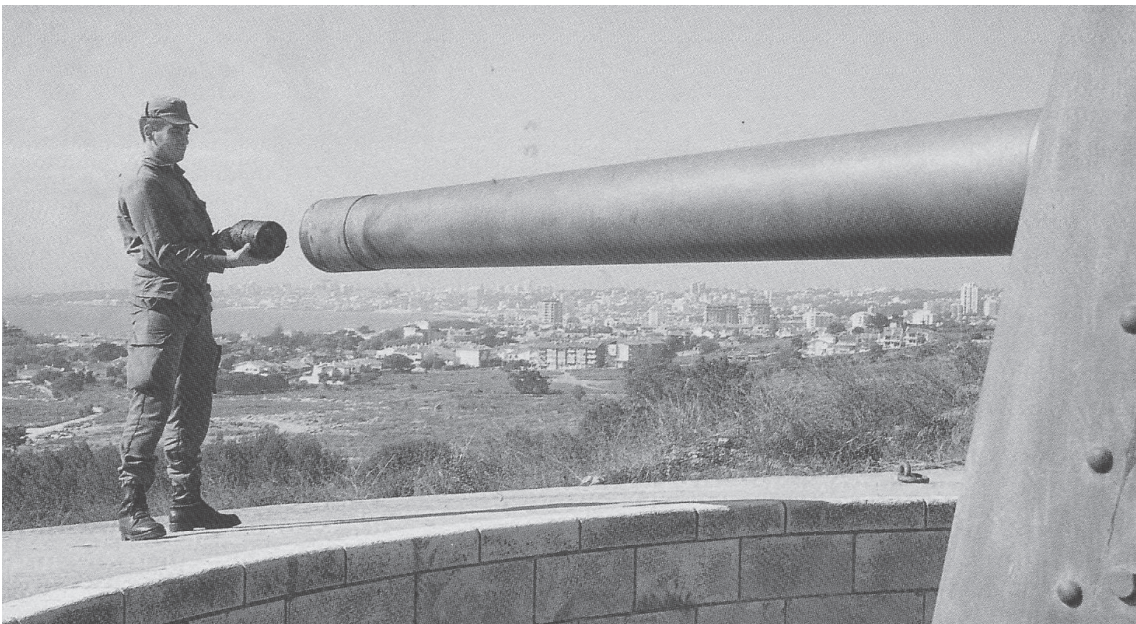
8. Evolução tipológica dos sistemas defensivos costeiros (da esquerda para a direita) Torre de vigia, Forte e Bateria

Este plano, a última reorganização de fundo da Artilharia de Costa, foi faseadamente implementado entre 1948 e 1958. Durante este período, as oito baterias previstas no *Plano Barron* tornaram-se operacionais, a maioria das quais foi instalada em fortificações compostas por casamatas e paióis subterrâneos e armadas com peças de grande calibre instaladas em torres couraçadas. Entretanto o Comando da Defesa Costeira passou a designar-se *Regimento de Artilharia de Costa - RAC*. (figura 10)

No pós-guerra foram também montadas Baterias Independentes de Defesa de Costa, fora deste plano, no Faial, Horta e Ponta Delgada, nos Açores, Funchal, na Madeira e S. Vicente, em Cabo Verde.

Com a desativação das várias baterias das ilhas e com o antigo Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea e de Costa a passar a ter apenas a valência de artilharia antiaérea, em 1976, o RAC passou a ser a única unidade de Artilharia de Costa do Exército Português. Assumiu assim, além da sua missão operacional, a função de Escola prática, competindo-lhe o estudo e o ensino desta especialidade em Portugal.





10. (página oposta)
Dois oficiais do RAC,
1996

Neste ano e no seguinte, a Artilharia de Costa sofre um novo impulso, marcado pela modernização dos sistemas de deteção e de direção de disparo, embora o material se mantivesse o mesmo. Eram então realizados exercícios de tiro, durante os quais o tráfego marítimo e aéreo nas zonas de Setúbal, Lisboa e Cascais eram suspensos e a população era avisada nas áreas de influência das peças. (figuras 11 e 12)

11. (página oposta)
Posto de Observação
da 2ª Bateria da Parede,
1996

Tendo em linha de conta que as potenciais ameaças eram pouco prováveis e com a crescente urbanização das zonas onde estava instalada a maioria das baterias, estas foram sendo desativas, tendo permanecido operacionais apenas a 6ª e a 7ª Baterias (Fonte da Telha e Outão, respetivamente) para exercícios de tiro, uma vez que se encontram junto a áreas costeiras protegidas, nas quais a construção de habitações era mais ponderada. Este conceito de defesa, assim como o próprio equipamento militar, foi-se então tornando obsoleto e, em 1999, o RAC foi completamente desativado, tendo nesse ano realizado os últimos disparos do *Muro Atlântico Português*.⁵

12. (página oposta)
Exercícios de tiro na
2ª Bateria da Parede,
1996

O alvo dos exercícios
de tiro era uma
jangada puxada por
um navio da Marinha
de Guerra.

Atualmente, com a desativação de todas as Baterias de Costa, as estruturas encontram-se maioritariamente sem afetação de uso, encontrando-se apenas vestígios bélicos abandonados e peças de artilharia moribundas. Como exceção, distingue-se o caso da 1ª Bateria, em Alcabideche, da qual só foi recuperada uma peça de tiro, visível numa rotunda dentro do perímetro do novo Hospital de Cascais; a 3ª Bateria, da Lage, em Oeiras, transformada numa Associação de Comandos; e a 4ª Bateria, do Bom Sucesso, em Belém, atual Museu da Liga dos Combatentes.⁶

5 <http://www.operacional.pt/os-ultimos-disparos-do-%E2%80%9Cmuro-do-atlantico%E2%80%9D-portugues/>. Consultado a 29.01.14

6 Foi realizada uma detalhada análise das oito Baterias. Pode ser consultada no Anexo 1, capítulo *ESCALA III _As Baterias de Costa e o lugar do Outão*.

2.2 | A INDIVIDUALIDADE DA ARRÁBIDA

Por mim direi que não conheço em Portugal nenhum outro lugar onde, em tão pequeno espaço, se possam contemplar tão variados aspectos naturais. Esta riqueza de paisagens se por um lado dificulta muito o estudo geográfico da região, por outro compensa o investigador com a diversidade de ensinamentos que lhe proporciona.⁷

O termo *Arrábida* é atribuído ao imponente maciço calcário, facilmente reconhecível e identificável, da extremidade meridional da península de Setúbal, que vai desde Palmela até ao promontório oceânico do Cabo Espichel, numa área de cerca de 35 quilómetros de comprimento e sete quilómetros de largura. É limitada a Sul e Oeste pelo Oceano Atlântico, descrevendo falésias abruptas que caem sobre ele, e a Norte e Este pelas terras baixas e arenosas e pelo morro de Palmela.

A designada cordilheira é formada por três linhas principais de relevo: a primeira composta por pequenas elevações nos arredores de Sesimbra, pelas serras do Risco e da Arrábida e pelas colinas existentes entre o Outão e Setúbal; a segunda é formada pelas Serras de S. Luís e dos Gaiteiros; e a terceira formada pelas Serras do Louro e de São Francisco.

A costa da Arrábida é ainda a maior quebra de direção do litoral ocidental português. Este segmento costeiro é uma das áreas mais representativas da biodiversidade marítima, complementando, do ponto de vista paisagístico e científico, as características únicas de toda esta região. Suscitou desde a pré-história uma ocupação humana pontual, da qual existem testemunhos arqueológicos, como é possível observar nos vestígios classificados da Lapa do Fumo, da Roça do Casal do Meio e dos Hipogeus da Quinta do Anjo.

⁷ RIBEIRO, Orlando – *A Arrábida - Esboço Geográfico*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1986, p. 8

Não se pode deixar ainda de mencionar as riquezas, associadas incontornavelmente a esta a região, que o homem desde cedo soube aproveitar: *o mármore ou brecha da Arrábida, o vinho moscatel, e laranja de Setúbal, o queijo de Azeitão e principalmente a sardinha, que fêz de Setúbal a terceira cidade do País em população.*⁸

13. Ortofotomapa da Arrábida, com indicação da área de intervenção, no Outão

Para uma completa compreensão deste território⁹ e dos seus diversos patrimónios arqueológico, paisagístico, cultural e natural, devem ser lidas as palavras sempre precisas, mas sensíveis, do geógrafo Orlando Ribeiro, no seu estudo *Arrábida – Esboço Geográfico*.



8 RIBEIRO, Orlando – *A Arrábida - Esboço Geográfico*. 1986 *op cit*, p. 69

9 Para uma alargada compreensão deste território da Arrábida foram realizados mapas de análise, presentes no Anexo 1, capítulo *ESCALA II _Sítio Arrábida/Espichel*, que podem ser consultados ao longo desta leitura. Estes mapas dão conta da estrutura natural, riscos e ameaças que enfrenta, do enquadramento legal e do modo como a Arrábida foi ocupada pelo homem ao longo do tempo, no sentido a compreender as especificidades únicas que caracterizam este território.

A Serra-Mãe

*A individualidade geográfica da Arrábida e o seu relativo isolamento conferiu a este lugar a dupla dimensão de um local de reflexão mística e de defesa do território, de exercício simultâneo da espiritualidade e de afirmação do poder militar – dupla dimensão concentrada no termo árabe Ribat, a provável origem etimológica do termo Arrábida.*¹⁰

A Serra da Arrábida, que empresta o nome a todo o sistema orográfico e hidrográfico, *mesmo, entre o povo, (...) é a principal das montanhas que formam a cordilheira e que culmina, com 499 metros, no alto do Formosinho.*¹¹

É numa das extremidades desta Serra, em forma de arco de círculo, que se localiza o lugar *objeto de estudo*.

*É a zona mais típica de toda a região, a mais bela e imponente pelo seu relevo. Podemos considerá-la limitada pelo mar ao Sul, pelo vale do Picheleiro ao Norte, pelo da Rasca a Nascente, e pelas terras do Risco a Poente.*¹²

A predominância paisagística deste território é concedida pela massa montanhosa que se desenvolve em relevos suaves e que possibilita veementes contrastes entre mar e terra, entre céu e serra, entre as obras do Homem e a Natureza, sendo um testemunho vivo e ilustrativo da história da Terra, cujos processos geológicos remontam à Era Mesozóica.

É uma região de características únicas, salientando-se o manto de vegetação natural que a cobre, ocasionalmente rasgado pelo branco do calcário. A flora é aparentemente rasteira com arbustos como o medronheiro, o folhado, a murta, a aroeira, o aderno ou as urzes. Todavia estes atingem uma escala imprevisível, erguem-se muito alto, num porte quase arbóreo, permitindo ao caminhante uma penetração em matas

14. (página oposta)
Postal de Américo Ribeiro, Arrábida - Estrada para o Portinho, década de 1950

Vista sobre o braço Nascente da Serra. Note-se o *ponto extremo do Outão*, ao fundo.

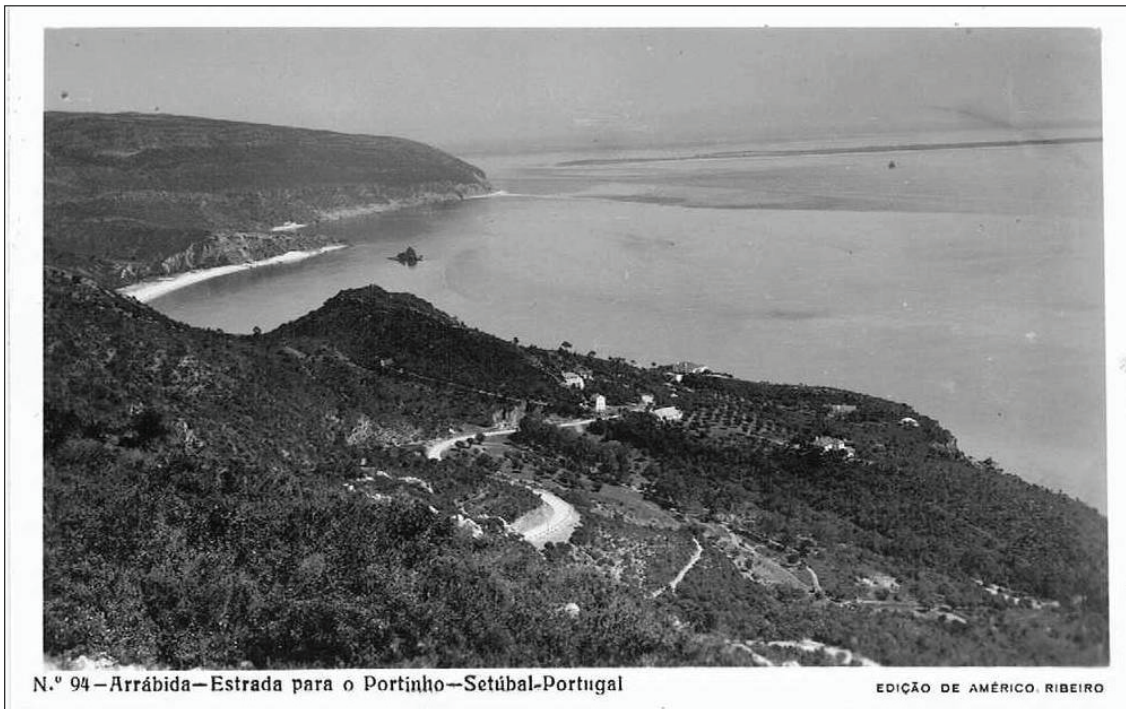
15. (página oposta)
Vista sobre o braço Poente da Serra da Arrábida, 2013

Note-se a *doçura* da paisagem, das sucessivas *conchas* das enseadas.

10 Dossier de Candidatura da Arrábida a Património Mundial (versão resumo). Disponível em <http://arrabida.amrs.pt/dossier/>. Consultado a 14.12.13

11 RIBEIRO, Orlando – *A Arrábida - Esboço Geográfico*. 1986 *op cit*, p. 10

12 *Ibidem*, p. 31



ou bosques densos pontuados com árvores, como o carvalho de folha caduca, a azinheira, o sobreiro, o zambujeiro ou a alfarrobeira. (figura 16) O perfume único é característico e demonstrativo da mata mediterrânica, elevada ao estatuto de *reliquia*, por se tratar de um vestígio notável das matas pré-glaciares que cobriam a Europa, como descreve Orlando Ribeiro:

16. (página oposta)
Flora dominante na
Serra da Arrábida

*O clima, de um tipo que se aproxima, como o Algarvio, do Mediterrâneo, é, como se viu, resultado das condições especiais de orientação da cordilheira, alongada no sentido do paralelo e avançado pelo mar que a penetra pelo Sul, por Oeste e ainda, em parte pelo Norte. Foram tais condições, unicamente realizadas neste trôço do litoral ocidental da Península, que permitiram a conservação da magnífica mata da encosta meridional do Formosinho, relíquia já muito mutilada de um período de maior exuberância vegetativa; mata virgem, impenetrável, por onde é preciso abrir caminho a machado, ostenta os restos ainda imponentes de uma pujante floresta desaparecida.*¹³

E acrescenta:

*(...) as copas tocam-se, os troncos entrelaçam-se, os arbustos predem-se uns nos outros, as trepadeiras e silvas enleiam-se; de tal forma que há plantas mortas e desenraizadas, com o tronco a apodrecer, que se conservam de pé por não terem espaço para onde cair. Reina um silêncio profundo e uma luz amortecida.*¹⁴

No interior desta *ideia de floresta virgem* existe uma grande diversidade de habitats, onde se podem encontrar espécies ameaçadas de fauna terrestre. Este *espaço da Arrábida*, que aqui se pretende descrever, mais do que caracterizar cientificamente, é de facto acolhedor, vital, fértil.

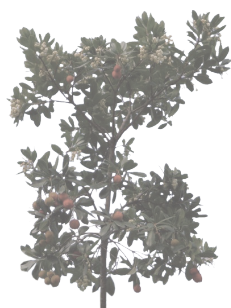
Desde cedo se apoderou desta região uma aura de montanha sagrada, desencadeando reverberações espirituais e profundas, que a particularizam como um lugar mágico e místico para diversos cultos

¹³ RIBEIRO, Orlando – *A Arrábida - Esboço Geográfico*. 1986 *op cit*, p. 56-57

¹⁴ *Ibidem*, p. 57



Phillyrea latifolia (aderno)



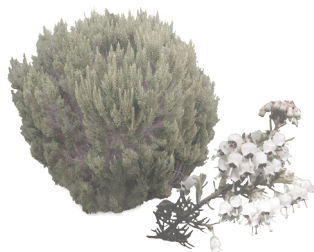
Arbutus unedo (medronheiro)



Pistacia lentiscus (aroeira)



Viburnum tinus (folhado)



Erica arborea (urze)



Myrthus comunis (murta)



Quercus ilex (azinheira)



Quercus lusitanica (carvalho)



Quercus coccifera (carrasco)



Quercus suber (sobreiro)



Ceratonia siliqua (alfarrobeira)



Olea oleaster (zambujeiro)

e levaram à formalização de capelas, conventos, santuários, igrejas e ermidas. Destaca-se o evento luminoso que terá despoletado a cristianização da serra, a lenda de Hildebrandt e da Nossa Senhora da Arrábida.¹⁵ (figura 17)

*É aqui que se encontra a origem do Convento da Arrábida. Inicia-se então um processo de fixação na memória colectiva da sacralidade do lugar, traduzida inclusivamente através de fontes literárias como as poesias de frei Agostinho da Cruz, no século XVI-XVII, que naquele convento se recolheu numa vida ascética e contemplativa, e, já no século XX, com os poemas de Sebastião da Gama (1924-1952), dedicados àquela que considerava ser a «serra-mãe».*¹⁶ (figura 18)

A costa mais ocidental da cordilheira, geralmente elevada com falésias abruptas, esconde algumas raras e pequenas praias e abrigos que muitas vezes apenas são acessíveis de barco. Mas de Alpertuche ao Outão a costa é menos elevada que no troço anterior, aparecendo uma série de famosas praias, como a de Galapinhos, da Figueirinha, do Creiro, ou dos Coelhoos.

Destaca-se pela sua grandeza e importância a baía do Portinho, onde se hospedava Sebastião da Gama, aí, mesmo nos braços da Serra, *sua mãe*. No fundo dos barrancos deste trecho há uma maior densidade de vegetação, dada a elevada humidade e abrigo dos ventos, que contrasta com o límpido azul, *no recôncavo de uma baía de águas serenas como num mar interior*¹⁷. Sobressai a Pedra da Anixa, *um rochedo miocénico, de estratos muito levantados, fendidos a meio, resíduo de um litoral desaparecido*.¹⁸ (figuras 19 e 20)

15 A lenda fala do aparecimento de uma luz no alto da serra, quando o barco em que seguia o mercador se encontrava em severo risco. O barco salvou-se por intercessão da imagem que Hildebrandt trazia no barco, mas esta desapareceu depois de a borrasca ter amainado. Penetrando na serra para perceber a origem da luz, o mercador e a tripulação acham por fim a imagem de Nossa Senhora num penedo. Hildebrandt fundaria então um ermitério por volta de 1250, dedicando-se ele próprio à vida eremítica. PEREIRA, Paulo – *Colecção Lugares Mágicos de Portugal: Montes Sagrados, Altos Lugares e Santuários*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2009, p. 175

16 PEREIRA, Paulo – *Colecção Lugares Mágicos de Portugal: Montes Sagrados, Altos Lugares e Santuários*. 2009 *op cit*, p. 173

17 RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: João Sá da Costa Editora, 1993, p. 50

18 RIBEIRO, Orlando – *A Arrábida - Esboço Geográfico*. 1986 *op cit*, p. 49

17. Procissão de Nossa Senhora da Arrábida à saída do Convento da Arrábida, década de 1930

(...)
*Daqui mais saudoso o
sol se parte;
Daqui muito mais claro,
mais dourado,
Pelos montes,
nascendo, se reparte.*
(...)

Frei Agostinho da Cruz,
Elegia II (Da Arrábida)



18. Convento Novo da Arrábida, 2012

O Convento da Arrábida, construído no século XVI, abrange, ao longo dos seus 25 hectares, o Convento Velho, situado na parte mais elevada da serra, o Convento Novo, localizado a meia encosta, o Jardim e o Santuário do Bom Jesus.
In <http://www.foriente.pt/64/historia.htm>



19. Vista sobre o braço nascente da Serra da Arrábida, 2013



A proteção e os intervenientes

Foi curiosamente Sebastião da Gama, *aquele solitário habitante do Portinho da Arrábida*, «perfeito amador» da Serra e da sua solidão¹⁹, um dos primeiros impulsionadores da sua preservação. (figura 21)

Rica em património natural, cultural e imaterial, esta região tem progressivamente conseguido alcançar a devida notoriedade e proteção. Em 1976, reconhecendo a insuficiente proteção conferida pelas medidas preventivas decretadas para a zona²⁰, é criado o Parque Natural da Arrábida, englobando parte dos concelhos de Setúbal, Palmela e Sesimbra. Atualmente, a sua gestão está a cargo do ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, assim como a totalidade da Rede Nacional de Áreas Protegidas.

O Plano de Ordenamento do Parque Natural da Arrábida em vigor está dividido em duas vertentes: a primeira é relativa à Caracterização, composta pelos respetivos Relatórios e Cartas; enquanto a segunda diz respeito ao Ordenamento, propriamente dito, cujos documentos são o Relatório de Fevereiro de 2003, o Relatório de Ponderação e as Plantas de Síntese e de Condicionantes.²¹

Quanto à legislação, é de salientar a Resolução do Conselho de Ministros n.º 141/2005, de 23 de Agosto, no qual está expresso o Regulamento do Plano de Ordenamento do Parque Natural da Arrábida.

Paralelamente, existem ainda classificações e proteções adicionais, como sejam as áreas delimitadas pela REN - Reserva Ecológica Nacional e RAN - Reserva Agrícola Nacional e ainda as áreas dos Monumentos Naturais da Pedreira do Avelino, da Pedra da Mua e dos Lagosteiros.

Em 1998, é criado o Parque Marinho Professor Luiz Saldanha, uma área marinha entre a Praia da Figueirinha, na saída do estuário do Sado e a Praia da Foz a norte do Cabo Espichel, de invulgar biodiversidade.

19 Luís Filipe Lindley Cintra In GAMA, Sebastião da – *Serra-Mãe*. Lisboa: Portugalia Editora, 1945, p. 10

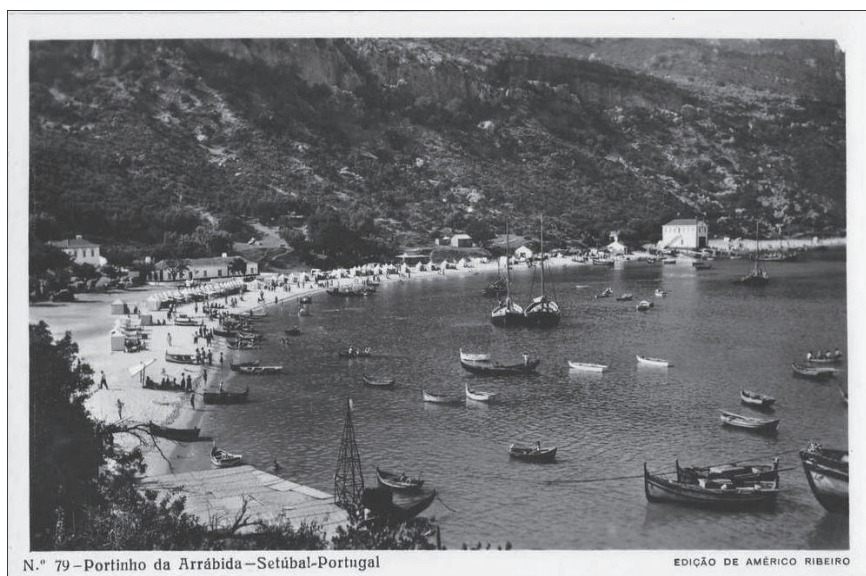
20 Decreto-Lei n.º 622/76, de 28 de julho

21 Documentos disponíveis em <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/ordgest/poap/popnar/popnar-doc>. Consultado a 16.02.14

A nível de proteções internacionais destacam-se as delimitações da Rede Natura 2000, uma rede ecológica para o espaço comunitário da União Europeia, que constitui o seu principal instrumento para a conservação da natureza. Tem como finalidade assegurar a conservação a longo prazo das espécies e dos habitats mais ameaçados da Europa, contribuindo para parar a perda de biodiversidade. O Cabo Espichel é ainda reforçado como uma ZPE – Zona de Proteção Especial.

20. Postal de Américo Ribeiro, Portinho da Arrábida

Em torno da enseada do Portinho a montanha dispõe-se em anfiteatro (...), cortada de barrancos torrenciais (...). RIBEIRO, Orlando – A Arrábida - Esboço Geográfico. 1986 op cit, p. 49



N.º 79 – Portinho da Arrábida – Setúbal-Portugal

EDIÇÃO DE AMÉRICO RIBEIRO

21. Sebastião da Gama no Portinho da Arrábida, década de 1940

*Na noite calma/
a poesia da Serra
adormecida/
vem recolher-se em
mim./
(...) e o casamento do
cheiro a maresia/
com o perfume agreste
do alecrim;/
e os gritos mudos das
rochas sequiosas que
o Sol castiga/
– passam a dar-se em
mim.*

GAMA, Sebastião da
– Serra-Mãe. 1945 op
cit, p. 38



Em 2009, foi iniciado o processo de candidatura da Arrábida²² a Património Mundial Misto pela UNESCO. Em Fevereiro de 2013, o *dossier*²³ da candidatura foi formalmente entregue na sede, em Paris. Em Outubro do mesmo ano, ocorreu no terreno a avaliação por parte dos peritos da UNESCO, sendo que a etapa seguinte será presumivelmente a emissão do parecer classificando a Arrábida como Património da Humanidade.

No entanto, existem questões que são sucessivamente tratadas com relativa superficialidade, como sejam o caso das pedreiras a céu aberto. As mais importantes explorações de inertes situam-se na área do Outão, onde está instalada a SECIL (*figura 25*), a maior empresa industrial da região, e na área entre Santana, Pedreiras e Cabo de Ares, no limite exterior Oeste do Parque.

A incoerente presença destas enormes *crateras* não pode deixar de causar polémica. As atividades extrativas têm irremediáveis impactos e consequências na paisagem, na alteração do relevo, na remoção do solo e do coberto vegetal e na diminuição de refúgios e alimentos para a fauna. A recuperação natural destas áreas e o restabelecimento dos ecossistemas naturais é um processo lento e permanente que poderá demorar séculos a acontecer. (*figuras 22 23*)

Existem ainda outras ameaças como os fogos florestais, o cenário de crescimento do tráfego marítimo e infraestruturas portuárias e o crescente aumento da pressão para a implantação turística.

O desafio lançado nesta dissertação pretende discernir qual o papel que áreas esquecidas, como a 7^a Bateria do Outão, devem assumir para a preservação e utilização ponderada desta região única, para que *possa ser visitada e apreciada cada vez por maior número de visitantes sem que daí advenham riscos de degradação física e biológica para as paisagens e ambiente*.²⁴

22 Com coordenação técnica por parte da AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal

23 Disponível em <http://issuu.com/dinateles/docs/resaoresumoarrabida>. Consultado a 22.11.13

24 FREIRE, Ana Lúcia e outros – *Parque Natural da Arrábida, Plano de Ordenamento, 1ª Fase - Estudos de Caracterização*. Setúbal, 1996, p. 6

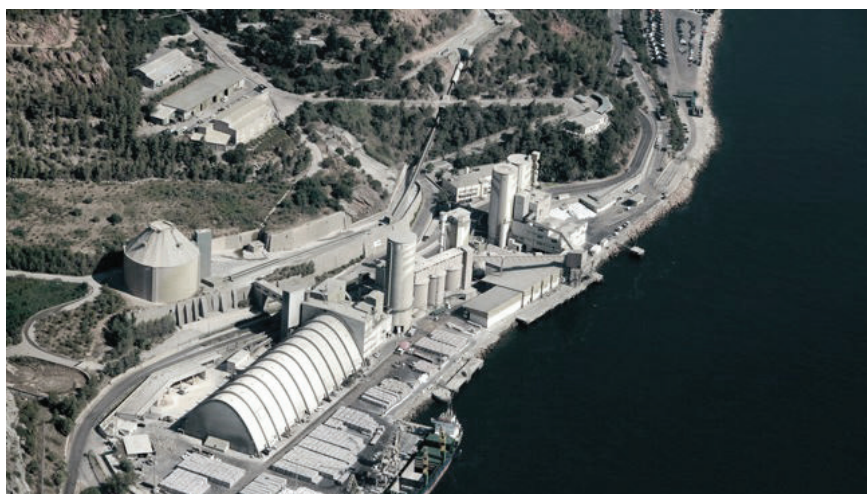
22. Pedreiras perto de Sesimbra, 2010



23. As duas pedreiras contíguas da Secil, 2010



24. O complexo da Secil, no Outão, 2010
A cimenteira ocupa 30 dos 425 hectares que são propriedade da empresa.



2.3 | O PONTO EXTREMO DO OUTÃO

Geograficamente, o Outão corresponde à área no sopé Serra da Arrábida, quando esta se desenvolve para Nascente, formando um braço de terra que avança sobre o mar. Este flanco da Serra que aqui termina separa duas baías: uma quase *selvagem*, a enseada que vai do Portinho à Figueirinha, outra humanizada, a da cidade de Setúbal.

Situa-se, deste modo, numa posição de transição entre unidades de paisagem diferenciadas. Este é o último momento, em que se pode avistar, de um lado, a Serra na sua imponente, ou, do outro, a cidade de Setúbal na sua larga extensão.

*Quem percorreu as solidões da Arrábida sente que abandonou o braço da serra penhascosa e da mata sombria e se aproxima da cidade. Setúbal jaz no começo da planície (...)*²⁵

Sendo esta a região onde se insere a área de intervenção, importa compreender os tipos de apropriação que foi conhecendo. (figura 25)

25. Vista sobre o ponto extremo do Outão, a partir da Praia de Albarquel, com apontamentos da ocupação humana, 2013



25 RIBEIRO, Orlando – *A Arrábida - Esboço Geográfico*. 1986 *op cit*, p. 34

A ocupação militar

O Outão distingue-se como o ponto da margem norte do Sado que mais se aproxima da Península de Troia, estreitando nesse momento a foz do rio que desagua no Atlântico.²⁶ Esta condição, aliada ao desenvolvimento da batimetria, forçava as embarcações a aproximar-se dessa saliência da costa. A escolha de D. João I, em 1390, para aqui erigir a Torre do Outão era, por isso, a mais óbvia, dado este conjunto de requisitos naturais.

Esta região assumia-se assim como um momento chave para o domínio do estreito canal navegável que permitia a entrada no porto de Setúbal, como refere Gustavo Portocarrero:

A descrição das instruções para entrar no porto de Setúbal através da entrada norte é reveladora (...). Por forma a entrar no estuário, as embarcações precisavam de ir em direção à Torre e mesmo antes de a atingirem viravam para nordeste entrando assim no estuário. A obrigação que as embarcações tinham de navegarem perto da Torre devido às condições geográficas do local, permitia assim à Torre impor a sua presença às suas tripulações.²⁷

Esta torre medieval é uma das mais antigas fortificações marítimas portuguesas. Viria contudo a sofrer extensas obras de modernização ao longo dos séculos, facto que comprova a importância estratégica daquele ponto. (figura 27)

Em 1572, no reinado de D. Sebastião, é ampliada de modo a *responder às novas exigências da utilização sistemática da pólvora²⁸*, obra que ficou a cargo do então *mestre das obras das fortificações*, Afonso Álvares.

Durante a Dinastia Filipina, no ano de 1625, os oficiais da Casa do Corpo Santo, importante instituição de Setúbal, requereram a Filipe III a construção, no interior da Fortaleza, de um farol para auxílio à navegação.

²⁶ Reveja-se o ortofotomapa da p. 23 (figura 13)

²⁷ PORTOCARRERO, Gustavo – *Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna: uma visão social*. Lisboa: Edições Colibri, 2003, p. 28

²⁸ IGESPAR – <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/74258/>

Em 1642, no reinado de D. João IV e no contexto do extenso plano estratégico de defesa do reino, são iniciadas novas e amplas obras de modernização e reforço da Fortaleza, não fosse esta a mais importante de toda a linha de costa para a defesa da foz do rio Sado e de Setúbal. As obras terminariam apenas em 1657. *(figura 28)*

Ainda na época da Restauração, foi edificado o Forte Velho do Outão, cuja denominação não é verossímil, uma vez que foi edificado largo tempo depois da primeira Fortaleza. Enquanto esta se posicionava ao nível do mar, pronta a responder a qualquer ataque, o segundo Forte, colocado no enfiamento da Fortaleza, numa escarpa saliente, sensivelmente à cota de 145 metros, veio reforçar o poder defensivo da primeira e alargar a vigilância do Sado. A relevância militar do ponto extremo do Outão ficava assim marcada pela existência destas duas fortificações. *(figura 26)*

Relativamente ao Forte Velho, uma vez que constitui um dos elementos principais da área de intervenção, será realizada uma pormenorizada reflexão no capítulo seguinte.

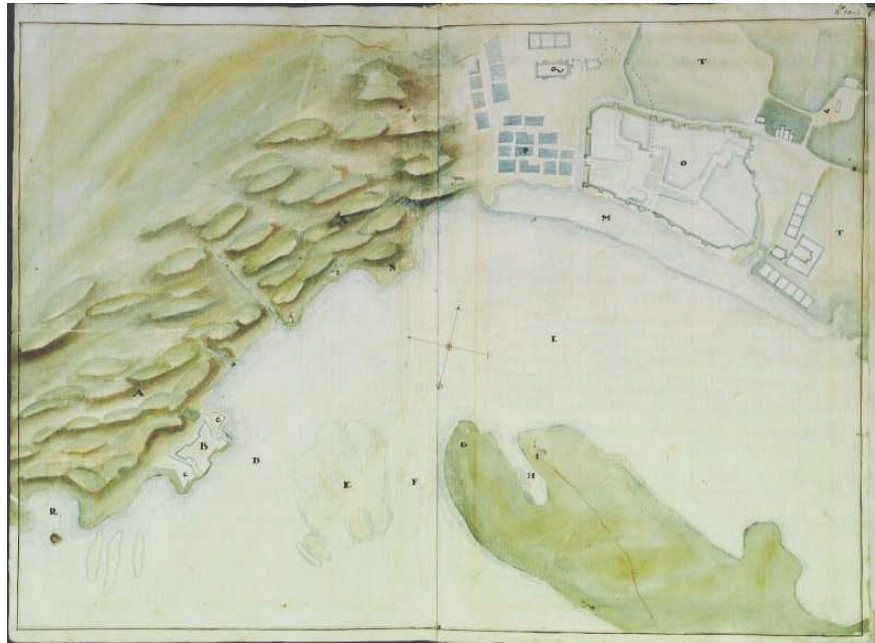
26. Postal de Mendes Estafeta, Fortaleza do Outão (já reconvertida a Sanatório), início do séc. XX

Note-se a relação com o Forte Velho, no canto superior direito da imagem.



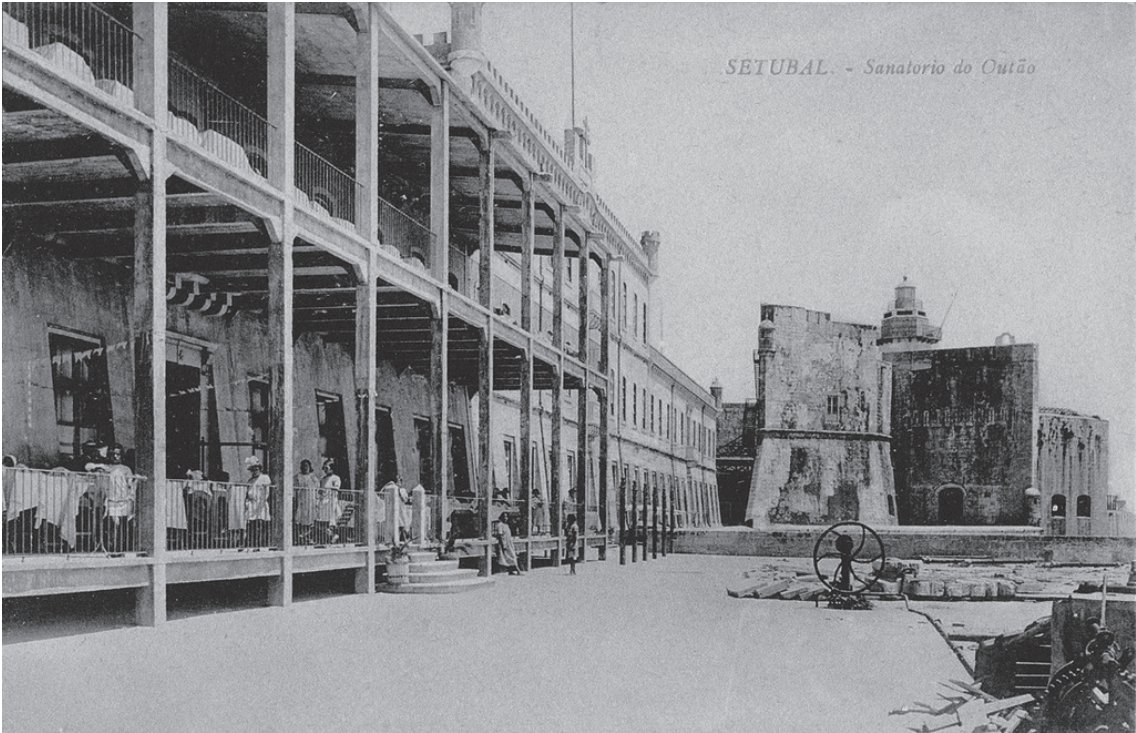
27. (à direita) Carta da defesa da Barra do Sado, 1481

Note-se a representação de Setúbal, de Troia e da Fortaleza de Santiago do Outão (identificada com a letra B)



28. (em baixo) Carta da defesa da Barra do Sado por João Thomas Correa, data entre 1699 e 1743





A ocupação recreativa

Em 1870, Ramalho Ortigão publicou a obra *Praias de Portugal*, subtitulada *Guia do Banhista e do Viajante*, na qual traça um roteiro pelas praias então em voga de norte a sul do país. O autor elabora perspicazes descrições das paisagens, dos ambientes e da sociedade que as frequenta, mas também dos benefícios do tratamento marítimo.

O livro dá conta da então crescente procura do litoral, da cura e da revitalização física e mental através dos *ares do mar* e do *ir a banhos*. Ortigão insere a cidade de Setúbal no conjunto de geografias turísticas de grande atratividade:

29. (página oposta)
Fotografia de Américo
Ribeiro, Palacete da
Comenda, década de
1950

Os subúrbios são dos mais interessantes que pode apetecer o turista, o arqueólogo, o naturalista. (...) A serra da Arrábida, ocupando uma superfície de cinco léguas, oferece aos botânicos e aos paisagistas as digressões mais agradáveis e mais profícuas. (...) Setúbal fica a sete léguas de Lisboa. A viagem faz-se com grande comodidade entre as duas cidades atravessando o Tejo e tomando o caminho-de-ferro de Sueste. Pode-se fazer a ida e volta no mesmo dia²⁹

30. (página oposta)
Postal do Sanatório do
Outão, início do
séc. XX

Comprovando as qualidades naturais daquela vertente da Serra da Arrábida, em 1890, D. Carlos I e a sua esposa, D. Maria Amélia de Orléans, convertem a Fortaleza de Santiago do Outão na residência de férias da família real, promovendo, para isso, obras de adaptação a cargo do engenheiro Xavier da Silva.

Dez anos depois, a Fortaleza foi oferecida pela Rainha D. Amélia para que aqui se instalasse um sanatório marítimo, o primeiro do género no país. Após a construção dos edifícios hospitalares no lugar das antigas casamatas, iniciavam-se as operações do *Sanatório Marítimo do Outão*, voltado para o atendimento das tuberculoses óssea e ganglionar. Em 1909, com a diminuição drástica da tuberculose, todo o conjunto foi reconvertido no Hospital Ortopédico de Santiago do Outão, instituição que ainda se mantém em funções. (figura 30)

²⁹ ORTIGÃO, Ramalho, *As Praias de Portugal, Guia do Banhista e do Viajante*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943, p. 243-245

Dadas as qualidades geográficas e climáticas desta vertente da Serra, tais como a insolação, a maritimidade e a pequena amplitude térmica anual, como apresenta Orlando Ribeiro, a região do Outão destacou-se, não só como um ponto-chave para o controlo da barra, mas como um lugar de permanência e estadia.

Completo abrigo dos ventos dos quadrantes de Norte e ainda de Oeste; exposição meridional nítida; atmosfera diáfana sob um mar de infinda serenidade. A temperatura, regulada pelas brisas marítimas, é moderada de verão e notavelmente alta no inverno (13 a 15° no Outão); os nevoeiros são raros e o ar apenas agitado por ventos tépidos do Sul. Tôda a nêsga de terra que jaz entre o litoral e as maiores altitudes da cordilheira está sob a influência directa do mar. A exposição ao Meio-dia e o abrigo do Norte pelas montanhas imprimem ao clima um aspecto francamente mediterrâneo, que só no Algarve tem paralelo; a vegetação, como se verá, é mais meridional do que a latitude da região faria supor. Dêste clima beneficiam Sezimbra, recolhida no fundo de uma baía, o Portinho e toda a encosta do Convento, o Outão, onde há um sanatório para o tratamento de doenças ósseas e escrofulose. A pureza e serenidade da atmosfera e a admirável limpidez e brilho das águas marítimas são traços inseparáveis da paisagem do mais belo trecho da Arrábida.³⁰

Também testemunho da atratividade desta região é o Palacete da Comenda, projetado no início do século XX, pelo arquiteto Raul Lino, junto à praia fluvial com o mesmo nome. (figura 29) Mais recentemente foram nesta área estabelecidos alguns parques de merendas e ainda o Parque de Campismo do Outão.

30 RIBEIRO, Orlando – *A Arrábida - Esboço Geográfico*. 1986 *op cit*, p. 52

A ocupação industrial

As pedreiras abertas no flanco dos montes, os montões de pedra, os caminhos abertos para o transporte do material, os edifícios da fábrica cobertos de pó acinzentado, imprimem a êste lugar o aspecto industrial mais nítido da região³¹.

A paisagem deste trecho é sem dúvida marcada pelo complexo industrial da Secil, uma das principais empresas produtoras de cimento em Portugal, que tem no Outão uma das suas maiores fábricas.

A sua origem data de 1904, com a fundação da Companhia de Cimentos de Portugal por um pequeno grupo de engenheiros belgas e portugueses, que aqui instalaram a sua primeira unidade industrial. As razões da escolha desta localização recaem obviamente na disponibilidade das matérias-primas e dos fáceis acessos terrestres e marítimos. Atualmente o complexo conta com dois cais acostáveis, dotados de meios autónomos de carga e descarga, e acesso a um terminal rodoviário, meios estes que privilegia em detrimento da via rodoviária.³²

Como se referiu anteriormente a existência e permanência das inúmeras explorações de inertes constitui claramente o *calcanhar de Aquiles* do Parque Natural da Arrábida e, mais recentemente, da sua candidatura a Património Mundial.

No entanto, e contrariamente aos restantes casos, a Secil tem vindo a desenvolver um esforço para diminuir o seu forte impacto ambiental, no que diz respeito essencialmente às emissões atmosféricas e de ruído, aos consumos de recursos naturais, à produção de resíduos e águas residuais e ao transporte. Interessa ressaltar aqui as medidas que visam a requalificação ambiental das pedreiras e a proteção da biodiversidade.

Em 1965, a Secil elaborou o primeiro estudo, tendo em 1982 implantado um Plano Ambiental de Recuperação Paisagística, que visava a recuperação das áreas exploradas. As principais medidas, extensíveis até hoje,

31 RIBEIRO, Orlando – *A Arrábida - Esboço Geográfico*. 1986 *op cit*, p. 67

32 Na Secil Outão ocorrem todas as fases do processo produtivo do cimento, deste a extração da matéria-prima, constituída por uma mistura de calcário, marga e argila, até à embalagem e expedição.

consistiam na reintrodução de substrato e na instalação de vegetação, por forma a diminuir drasticamente a erosão e o impacto visual. Os métodos que desde então têm sido desenvolvidos são a multiplicação de quinze espécies de árvores e arbustos nativos num viveiro próprio para replantação e o desenvolvimento da técnica da hidrossementeira³³

31. 32. 33. (página oposta) Evolução do complexo industrial da Secil e das pedreiras adjacentes. (de cima para baixo) 1950, 1989 e 2003

A hidrossementeira é uma técnica que consiste na projeção de uma mistura viscosa constituída por sementes, água, fertilizantes e fibras naturais. Estas fibras podem ser de madeira ou palha, tendo como função a proteção das sementes até à sua germinação³⁴.

Desde 1997, a cimenteira conta, para atingir estes objetivos, com o acompanhamento científico do Centro de Biologia Ambiental da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

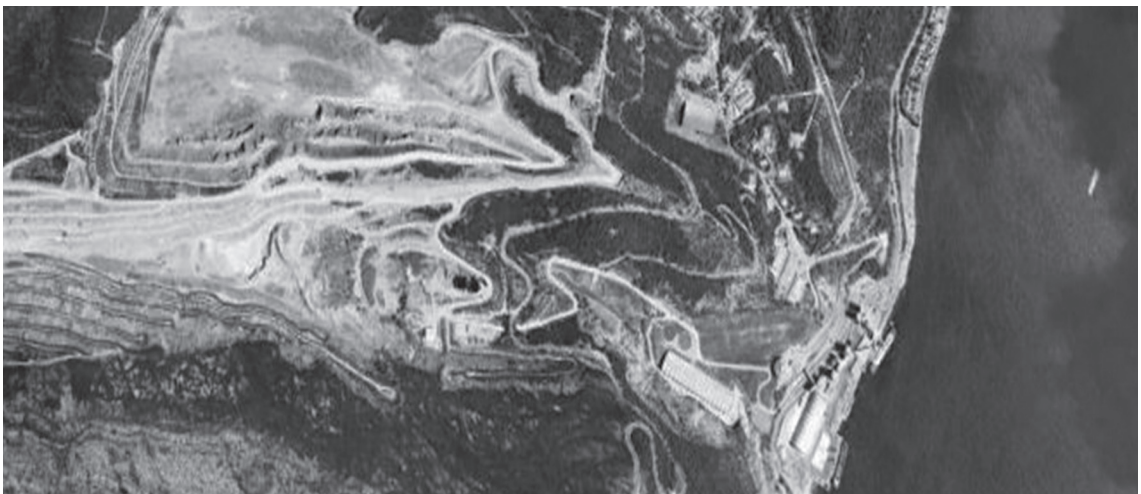
Já em 2003, a Secil-Outão criou, voluntariamente, a Comissão de Acompanhamento Ambiental. Quase trinta anos após o primeiro plano, a área recuperada era de 36,84% em 2011. Este esforço tem sido reconhecido através da atribuição de vários prémios e certificações nacionais e europeus.³⁵

Ainda assim, importa olhar para estes factos com algum espírito crítico e mesmo alguma desconfiança. Não obstante o impulso por parte da Secil em minimizar o impacto ambiental da sua presença no Outão, a verdade é que as pedreiras a céu aberto não deixam de ser feridas insanáveis e o complexo fabril, uma infraestrutura de grande escala, despropositada e descontextualizada em pleno Parque Natural da Arrábida. (figuras 31 32 33)

33 Este sistema tem vindo a ser melhorado, em colaboração com a Universidade de Évora, através da adição de “um fixador não tóxico, biodegradável e de elevada resistência, que permite a aderência das sementes à rocha, bem como a aglomeração das fibras de madeira formando uma manta protetora. Deste modo, controlam-se temporariamente a erosão e melhoram-se as condições de humidade e de temperatura até à implementação da vegetação.”

34 http://www.secil.pt/default.asp?pag=rec_paisag

35 *Declaração Ambiental Intercalar: Fábrica SECIL-OUTÃO 2012*. Disponível em: <http://www.secil.pt/pdf/outaoDA2012.pdf>. Consultado a 05.04.14



CAPÍTULO III

_O LUGAR

A origem da arquitectura não é nem a cabana primitiva, nem a caverna, nem a mítica casa de Adão no Paraíso. Antes de transformar um apoio em coluna, antes de colocar pedra sobre pedra, o homem colocou a pedra no terreno para reconhecer um lugar num universo desconhecido: para o reconhecer e modificar³⁶.

Vittorio Gregotti

³⁶ GREGOTTI, Vittorio, 1983, cit in Keneth Frampton – *Introdução ao estudo da cultura tectónica*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1998; p. 28



3.1 | LEITURA HISTÓRICA

Através desta leitura pretende-se compreender *o porquê* da existência deste lugar.³⁷ O atual território da 7ª Bateria do Outão (*figura 34*) é marcado por dois momentos distintos cronologicamente. Embora *nasçam* conceptualmente de um propósito comum, o da defesa da costa e do território, estas duas ocupações principais divergem pelo tipo de intervenção e compromisso que assumiram com o sítio. As peças edificadas pré-existentes constituem testemunhos ricos que aqui se pretendem enquadrar e contextualizar, de modo a compreender a sua importância histórica e patrimonial³⁸.

34. (página oposta)
Ortofotomapa da 7ª
Bateria de Costa, no
Outão, 2008

O Forte Velho, séc. VXII

A primeira referência ao Forte Velho do Outão, também conhecido por Atalaia ou Atalaião, remonta ao século XVI com a provável existência de uma torre de vigia nesse local. Em 1649, na época da Restauração, ter-se-ia dado o início da construção do Forte com a configuração que apresenta atualmente, que estaria já concluída em 1655³⁹.

Na planta do século XVIII, (*figura 35*) é possível ler-se a seguinte descrição: *Atalaião que mandou fazer o príncipe Dom Theodósio na Serra da Arrábida, próximo da Torre do Outão, desenhada pelo mestre de campo Gaspar Pinheiro Lobo que serviu no Brasil.*⁴⁰

37 No Anexo 1, capítulo *ESCALA III _As Baterias de Costa e o lugar do Outão* pode ser consultada uma análise gráfica mais detalhada, através de plantas e fotografias do sítio.

38 No SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, relativamente ao grau de qualidade do objeto patrimonial, é atribuído o nível 2, o qual corresponde a um imóvel ou conjunto com valor tipológico, estilístico ou histórico ou que se singulariza na massa edificada, cujos elementos estruturais e características de qualidade arquitetónica ou significado histórico deverão ser preservadas. Disponível em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25039.

39 A probabilidade do Forte estar já concluído em 1655 é retirada a partir de uma carta do mesmo ano, de D. João IV enviada a João Nunes da Cunha, Governador da Praça de Setúbal.

40 CORREIA João Tomás, *Livro de varias plantas deste Reino e de Castela (entre 1699 e 1743)*

Apesar do desenho irregular, que se adapta ao terreno, apresenta uma relativa simetria, através do volume da galeria de entrada e dos torreões laterais. Através das escadarias, era possível aceder à cota superior e percorrer o balcão corrido da muralha, do lado terra, fazendo o caminho de guarda do Forte.

Como já referido anteriormente, este foi erguido de modo a reforçar o controlo da barra do Sado. Localizado numa posição proeminente da topografia, sobranceiro à Fortaleza do Outão, a pequena fortificação viria assim colmatar a falha defensiva revelada nas invasões espanholas em 1580, quando o ataque à Fortaleza foi realizado pelo lado de terra e não por mar, como se previa.

No topo do monte que domina o Outão, existe um pequeno forte construído igualmente em meados do século XVII, a Atalaia de S. Teodósio. Se bem que este não seja exatamente um forte costeiro pode, não obstante, ser visto como fazendo parte do sistema de defesa costeira desta área uma vez que daí não só era possível controlar visualmente uma larga área geográfica, assumindo desta forma a missão das antigas atalaias, como também por se situar no local de onde em 1580 os espanhóis bombardearam a fortaleza do Outão, a sua presença agora não era de molde a facilitar a repetição desse evento.⁴¹

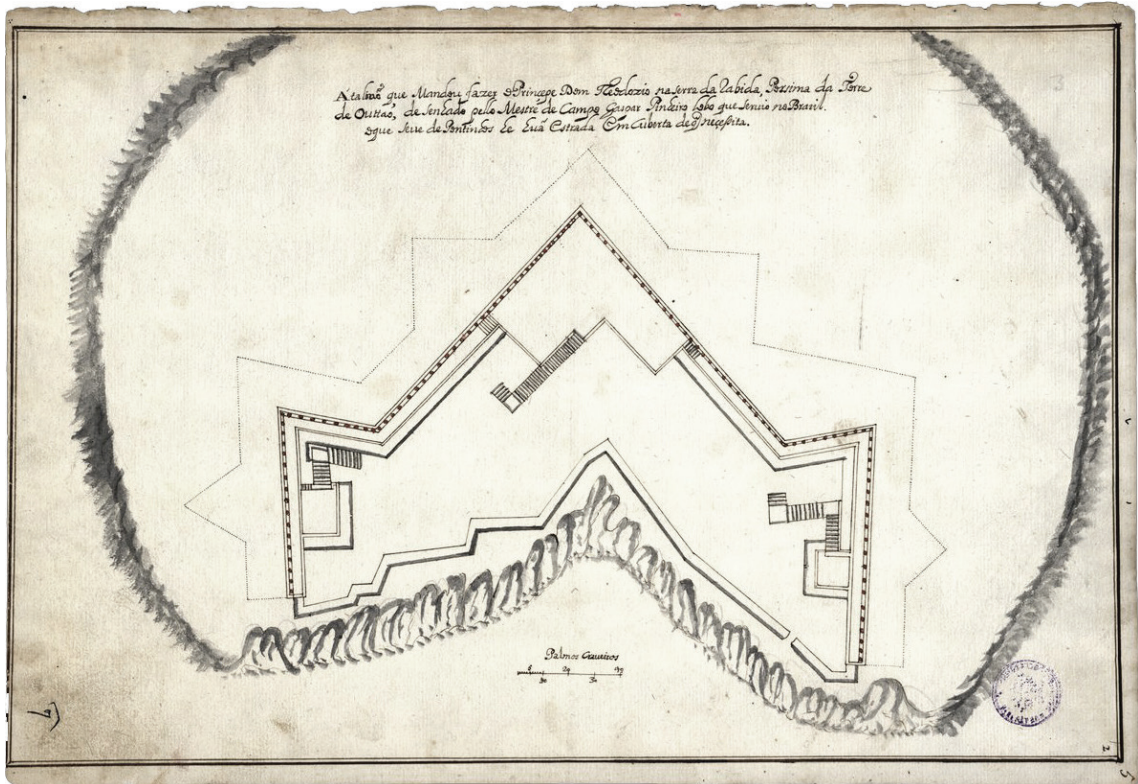
Atuando, deste modo, em estreita relação com a Fortaleza principal, à cota do mar, o Forte Velho adotou sempre uma posição complementar, embora desempenhando, como se viu, um papel crucial. Enquanto a Fortaleza do Outão tem um maior volume e visibilidade, deleitando-se nas águas do Sado, como porta de entrada da barra, o Forte Velho pouco se insinua, dissimulando-se na escarpa rochosa. (figura 36)

35. (página oposta)
Forte Velho do Outão
por João Thomas
Correa, data entre 1699
e 1743

36. (página oposta)
Vista sobre a Fortaleza
de Santiago do
Outão (atual Hospital
Ortopédico), a partir do
mar, 2013

Note-se a relação
com o Forte Velho no
maciço rochoso, em
cima.

41 PORTOCARRERO, Gustavo – *Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna: uma visão social*. 2003, op cit, p. 64



A 7ª Bateria de Costa, séc. XX

No início do século XX, no ano de 1910, dá-se início à construção, próximo dos terrenos do Forte Velho, de uma bateria de defesa moderna, a chamada Bateria da Chã do Zambujal, cuja construção foi incumbida à Inspeção das Fortificações de Lisboa. Sobre este período a informação é escassa, à exceção da planta realizada posteriormente, à data de 1957, com a configuração daquela que seria a Antiga Bateria. O registo dá conta da localização do Forte Velho, da abertura dos acessos e de uma profunda escavação no sentido Nascente-Poente. *(figura 37)*

Em 1952, é realizado o Auto de Entrega desta Bateria ao Grupo Independente da Artilharia de Costa, sofrendo, o terreno e as edificações, profundas obras de ampliação e reestruturação, por forma a se adaptarem à evolução das técnicas e das tecnologias de defesa e ataque.⁴²

São então instaladas três peças de artilharia Vickers, de origem inglesa, de 15,2cm m/47-44, com alcance máximo de 24km, voltadas a Sul. A alongada escavação da antecedente ocupação é parcialmente aproveitada, assim como algumas das estruturas semienterradas, para edificações de apoio. *(figura 38)*

No interior do Forte Velho, são construídos dois blocos para o Aquartelamento, e um terceiro, o Posto de Observação de Defesa Próxima, é instalado no lugar de um dos torreões laterais do Forte. Por esta altura, o seu desenho original sofre assim profundas alterações, nomeadamente na galeria de entrada e no acesso à sua cobertura. *(figuras 39 40)*

É ainda assegurado o abastecimento de água ao complexo, *a partir de um poço existente no sítio da Rasca por meio de um grupo eletrobomba situado num edifício anexo; este grupo leva a água para um depósito existente na bateria a partir do qual se faz o abastecimento desta.*⁴³

Incluída no conjunto das oito Baterias de Costa, e apesar de a linha defensiva não estar ainda totalmente ativa, a 7ª Bateria do Outão entra ao

42 Segundo os dados da época, o valor das obras de construção civil na Bateria foi de 9.183.500\$00; no Forte Velho foi de 661.500\$00; e o abastecimento de água no valor de 378.000\$00

43 SIPA – http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25039. Consultado a 03.09.13

serviço em 1954.

Durante o período em que se mantém operacional, (figuras 41 42) a Bateria efetua exercícios de tiro, com alguma regularidade. Para o funcionamento de cada peça, antes da ordem de fogo, é realizado o tratamento de dados, no Posto Central de Tiro, onde existe um preditor⁴⁴, o qual permite calcular, nomeadamente, a velocidade e a distância do alvo. A guarnição de cada peça é constituída por nove homens: um comandante e oito serventes. (figura 43 44)

37. Ante-projecto do acesso à Bateria do Outão, data entre 1945-1950

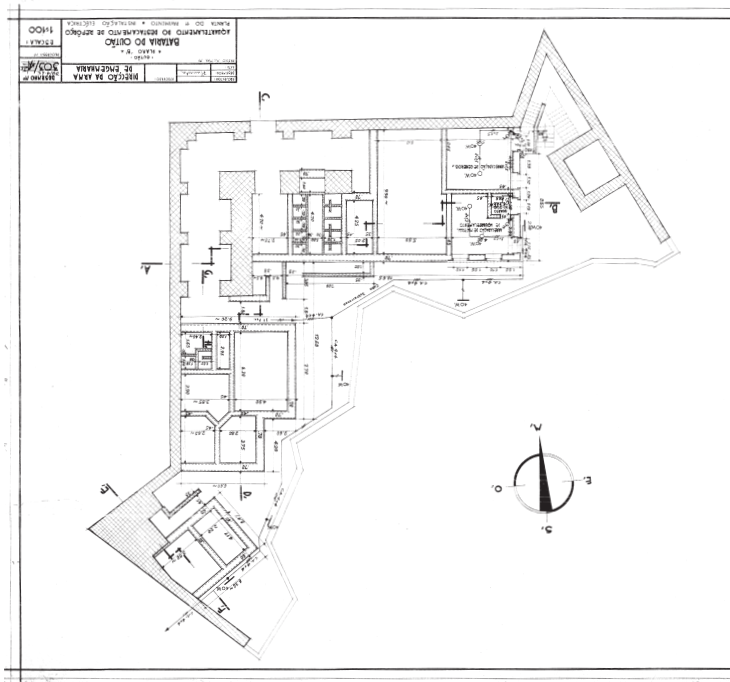
Note-se a escavação no sentido Nascente-Poente. No entanto, atualmente apenas existem as edificações a preto. Tratando-se a planta de um ante-projeto, é possível que a restante escavação não tenha chegado a existir.



38. Vista sobre as peças de artilharia com militares do RAC, quando a Bateria estava ao ativo, s/d

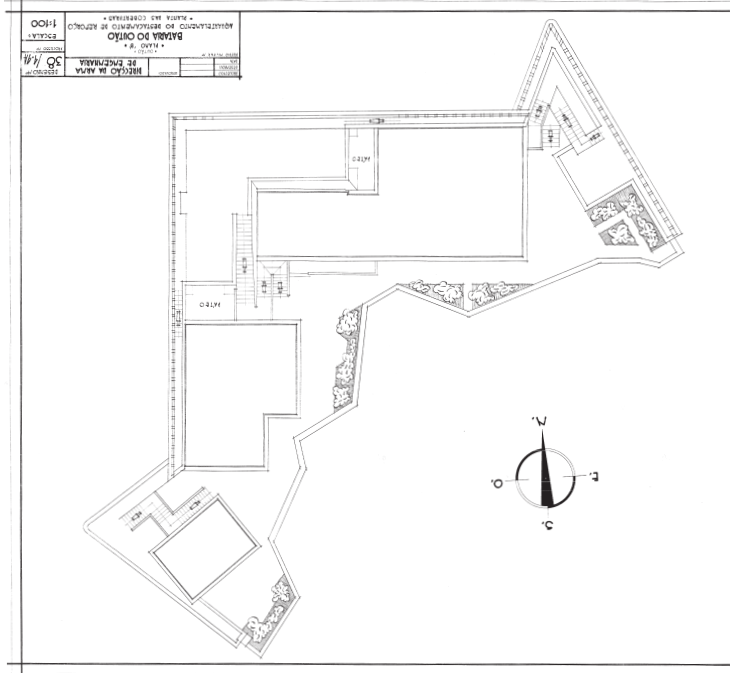


⁴⁴ O preditor consiste num instrumento militar que facultava a uma boca-de-fogo os elementos relativos à posição de um alvo móvel



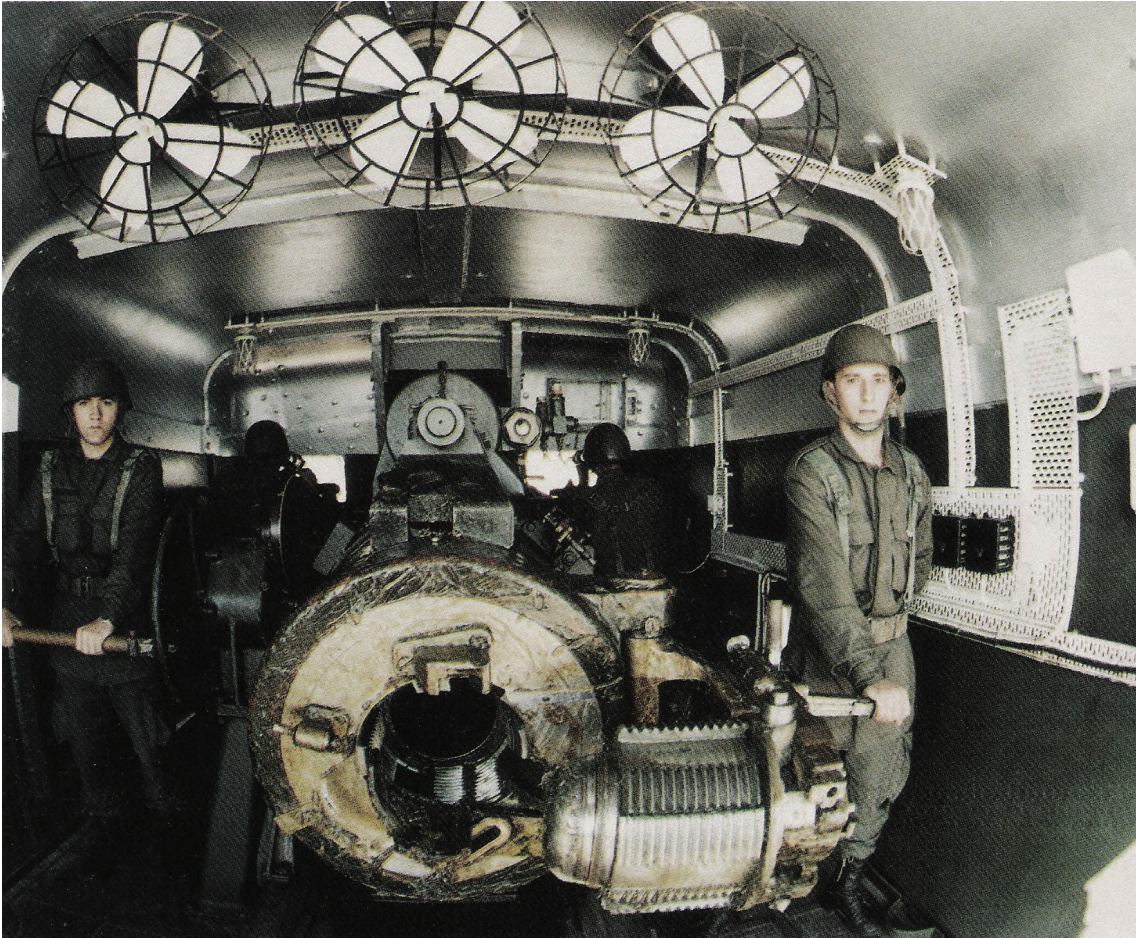
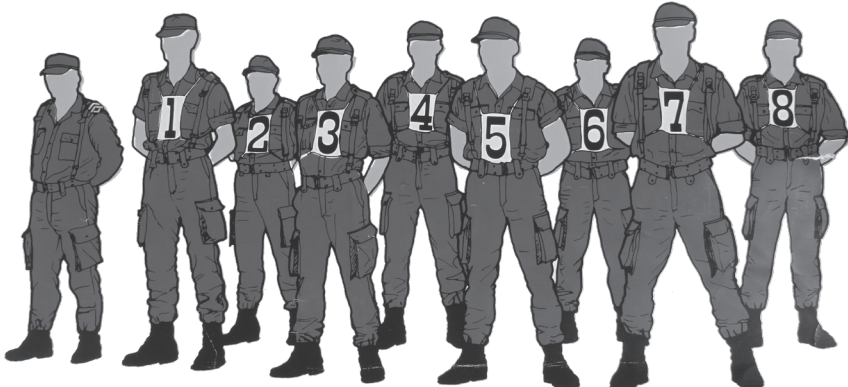
39. 40. Planta de piso térreo e planta de coberturas do Forte, 1946

Note-se os volumes do aquartelamento adossados à muralha, que ocupam, quase na totalidade, o interior do Forte.



41. 42. (página oposta) Vista sobre as peças de artilharia e vista sobre a área a norte do Forte, ambas quando a Bateria se encontrava ao ativo





43. (página oposta)
Guarnição da peça de artilharia

CP - Chefe de Peça
S1 - Servente Apontador em Direção
S2 - Servente do soquete
S3 - Servente da culatra
S4 - Servente carregador
S5 - Servente do mecanismo de elevação rápida
S6 - Servente carregador
S7 - Servente apontador em alcance
S8 - Servente municionador das cargas

A Bateria nunca viria a executar uma intervenção em cenário real. Em 1992, é desativada, embora se estabeleça um reduzido núcleo de pessoal, um sargento e três praças, para a sua manutenção e guarnição de duas das peças de artilharia.

Em 1998, são efetuados os últimos disparos: (figura 46)

(...) as peças da Serra da Arrábida, dominando a entrada do Porto de Setúbal, continuam a fazer fogo com notável eficácia como tive oportunidade de constatar. Homens e materiais, utilizando o sistema de direcção de tiro móvel, dispararam uma centena de projecteis durante uma manhã de tiro, sobre um alvo flutuando no mar. Os projecteis 23,4 sendo carregados dos paióis subterrâneos para a arma.⁴⁵

44. (página oposta)
Exercícios de tiro na 7ª Bateria: interior da peça e respetiva guarnição, 1996

No mesmo ano, com a desativação do Regimento de Artilharia de Costa, a Bateria perde definitivamente a sua função de defesa do território litoral, encontrando-se, ainda assim, em bom estado de conservação.

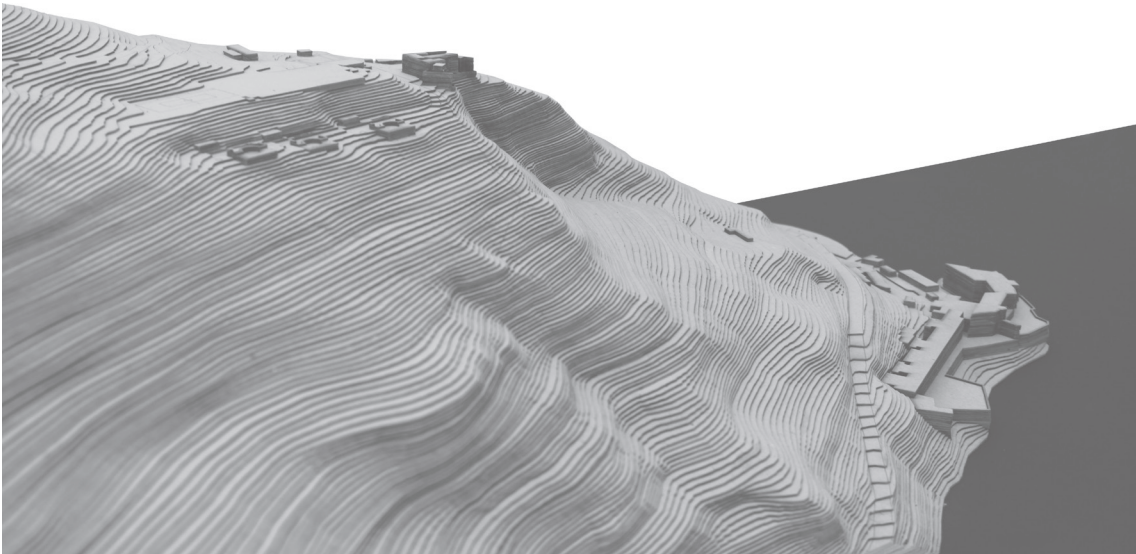
No ano seguinte, a Bateria é entregue ao Batalhão de Informações e Segurança Militar⁴⁶, enquanto o Regimento de Artilharia de Costa é formalmente extinto, procedendo-se ao desmantelamento e inativação dos sistemas de armas da Bateria.

Nos anos de 2001 e 2002, as instalações são cedidas a título precário à Federação dos Bombeiros do Distrito de Setúbal, para ações de formação das corporações do distrito, sendo que, ainda em 2002, é notificada a disponibilização do complexo obsoleto da Bateria para alienação.

O conjunto resulta, deste modo, de uma associação de estruturas defensivas de períodos diferentes, do século XVII e do século XX, testemunhos do desenvolvimento das armas de defesa e de ataque das várias épocas que nele estão patentes.

45 MACHADO, Miguel in *Os Últimos disparos do "Muro Atlântico" Português*, disponível em <http://www.operacional.pt/os-ultimos-disparos-do-%E2%80%9Cmuro-do-atlantico%E2%80%9D-portugues/> Consultado a 05.04.14

46 Por Auto de Mudança de Utente do Governo Militar de Lisboa, Quartel-General (em cumprimento da diretiva 14/98 de 30 de Dezembro de 1998 do General Governador Militar de Lisboa).



3.2 | LEITURA FORMAL

A coisa é grande se o meu olhar não pode envolvê-la; é pequena, ao contrário, se ele a envolve amplamente, e as grandezas médias distinguem-se umas das outras conforme, em distância igual, elas dilatam mais ou menos o meu olhar ou o dilatam igualmente em diferentes distâncias.⁴⁷

45. (página oposta)
Maquete 1.1000

Note-se a relação da 7ª Bateria com a topografia e com a Fortaleza de Santiago, à cota do mar.

Após a análise histórica, importa compreender os aspetos formais que conformam o lugar atualmente, através do estudo da sua existência material e física. Tendo sofrido sucessivas transformações ao nível da topografia e do edificado, procura-se clarificar a realidade pela qual o lugar se faz hoje comunicar. Não se pretende apenas uma análise tipológica e arquitetónica das pré-existências, mas antes, através de um percurso narrado, compreender as relações de diálogo que se estabelecem e que conformam a experiência e a especificidade deste sítio. A compreensão da sua forma é, por isso, desde logo, uma entrada no campo fenomenológico. Seguidamente, discorre-se sobre as particularidades da paisagem que do lugar se conquista, não fosse ela a personagem principal deste enredo.

O Sítio e o Edificado⁴⁸

O complexo da 7ª Bateria de Costa descobre-se numa saliência pontual da linha de costa, localizada a meio da encosta do ponto extremo do Outão, frente à barra do rio Sado. Traçando um perfil perpendicular à costa, passando pela Fortaleza de Santiago do Outão, compreende-se que o lugar é detentor de uma cota relativamente elevada, que lhe concede dominância sobre o litoral e um horizonte de larga visão. (figura 45)

46. (página oposta)
Últimos disparos das peças de artilharia na 7ª Bateria, 1998

⁴⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice – *Fenomenologia da Percepção*, Martins Fontes, São Paulo, 1999, p. 407

⁴⁸ Reveja-se, ao longo da leitura deste texto, o ortofotomapa da p. 46, figura 34



Seguindo a Estrada Nacional n.º 379-1, encontra-se a junção com a via de acesso à Bateria, que se bifurca à entrada, junto à casa da guarda. Esta ergue-se entre os dois portões de ferro; tem um só piso, de planta quadrangular, com barriga saliente na fachada principal, onde se rasga uma janela larga. No interior, encontram-se a sala do posto de sentinela, a sala de escrituração, as instalações sanitárias e o paiol para munições de armas ligeiras. (figura 47)

47. Entrada da 7ª Bateria, na curva da EN n.º 379-1, 2013

Sobre o pavimento duro, em macadame com revestimento asfáltico, entra-se então no espaço do complexo, limitado, jurídica e fisicamente, por uma cerca de arame, fixa em pilares de betão, pouco visível entre a ramagem das árvores.

A estrada da Bateria, que se ramifica logo à partida em dois sentidos, lança duas opções de percurso: avançar numa direção axial à entrada, num caminho reto e conciso, ligeiramente ascendente, avistando uma clareira que se abre ao fundo, a Sul; ou seguir a via sinuosa, escavada na rocha, que desenha um trajeto arredondado até encontrar o percurso anterior, deixando entre os dois uma avultada porção de maciço rochoso.

No entanto, seja qual for a direção que se persiga, o olhar está preso no Forte. A tendência natural do visitante é a aproximação às suas paredes porosas e pesadas, de pedras que se sobrepõem.

Ainda antes de entrar no domínio do Forte, abre-se, no muro de arbustos e árvores a Nascente, um terreiro amplo de pavimento em gravilha,



48. Vista do lado Norte do Forte, 1947

ladeado pela pequena Casa dos Oficiais, de um só piso, com cobertura de telha em duas águas. Inaugura-se um primeiro momento de paragem, de confronto com a paisagem, onde se desvela a vista para Setúbal.

Retomando a atenção para o Forte e para as suas paredes cegas, em alvenaria insonsa, com *opus incertum*, avista-se um portal rasgado no alçado norte: (figura 48)

É em arco de volta inteira, rusticado, sobre o qual se destaca um brasão em pedra com as armas referentes ao aquartelamento assente no muro, as mesmas que avultam na fachada da casa da guarda.⁴⁹

Atravessando as portadas de madeira escura, tem-se acesso à galeria com cobertura em abóbadas de berço. (figura 49) Em planta, desenvolve-se em L, onde os dois braços são praticamente simétricos. As paredes que correspondem à muralha do Forte têm três tramos cegos em arco de volta perfeita, assentes em pilastras de ordem toscana; as duas paredes opostas, paralelas às primeiras, têm ambas dois arcos mais pequenos. Originalmente, as únicas variações a esta simetria seriam as frestas, que ocupam diferentes posições em cada tramo, o portão de entrada e os arcos defronte deste, que eram abertos e permeáveis para o interior do Forte. Aquando das obras de construção da Bateria, no séc. XX, um destes arcos foi fechado de modo a facilitar a introdução do novo edifício.

(figura 50)

49 SIPA – http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25039. Consultado a 25.11.13

Esta galeria concretiza, deste modo, um momento de transição, entre o *estar-fora* e o *estar-dentro* do circuito muralhado. Chegando então ao interior do forte, ainda assim exterior, a céu aberto, como um pátio, compreende-se que este se desenvolve segundo uma plataforma abaluartada de planta poligonal, encrustado na topografia acentuada

Do lado de terra, para Norte e Poente, apresenta um circuito de muros altos, verticais, ameado com aberturas largas, que rematam em balcão corrido, vazado e apoiado em cachorrada, sendo que para o lado do mar, para Sul e Nascente, existe apenas um muro espesso e baixo, que permite olhar para lá do limite que define.

Os dois volumes do aquartelamento, no espaço interior do Forte, estão adossados às suas paredes exteriores, com coberturas em terraço, à imagem da cobertura da galeria pré-existente em tijoleira. A sua organização funcional era feita segundo a hierarquia militar; os pisos, ligados por lanços de escada, incluíam dependências para oficiais, sargentos e praças, tais como camaratas, instalações sanitárias, escritórios, cozinhas, refeitório, messe e arrecadações de géneros e materiais. As paredes são em alvenaria com cobertura e pavimentos em betão armado. (figura 51)



49. 50. Galeria de entrada do Forte, 2013

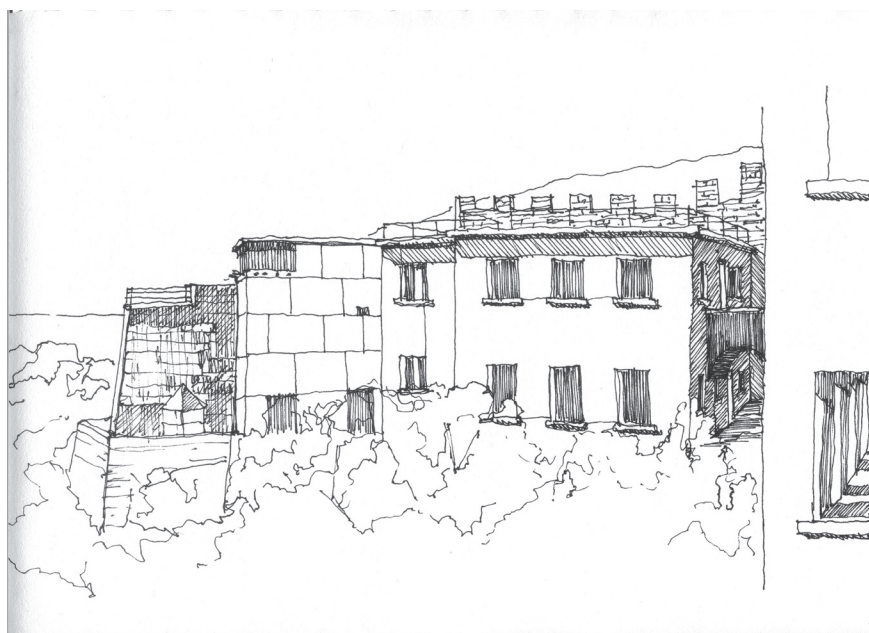
Note-se na figura 49 o primeiro arco, à esquerda, atualmente fechado; originalmente, os dois arcos seriam abertos.

Note-se na figura 50 a relação *complicada* entre a galeria semiexterior do Forte e o volume do aquartelamento.

Reveja-se as plantas da p. 52, figuras 39 40

Já o Posto de Observação (P.O.), também no interior do Forte, é de planta retangular, de três pisos, interligados por uma escada exterior. O piso térreo inclui um quarto para sargento e um quarto de escrituração, enquanto o último piso constitui o Posto de Observação propriamente dito, marcado por um vão rasgado horizontalmente com portadas metálicas.

(figura 52)



51. 52. (à direita)
Esquisso do
aquartelamento e do
Posto de Observação,
no interior do Forte e
(em baixo) vista da
perspectiva oposta,
2013



Fora do recinto fortificado, seguindo para Sul, no caminho asfáltico que a partir do Forte se unifica, desce-se progressivamente, acompanhando o cotovelo que o trajeto indica na direção Poente. Destaca-se então o conjunto da bateria propriamente dita, constituída por três peças de Artilharia de Costa, sobre plataformas alteadas, sob as quais se abrem os paióis para armazenamento de cartuchos e granadas. Cada boca-de-fogo apresenta tubo, escudo e escudete em ferro, hoje *enferrujado*, com abertura na parte traseira. (figuras 53 54)

53. 54. (página oposta) Desenhos das peças de artilharia e edificações complementares

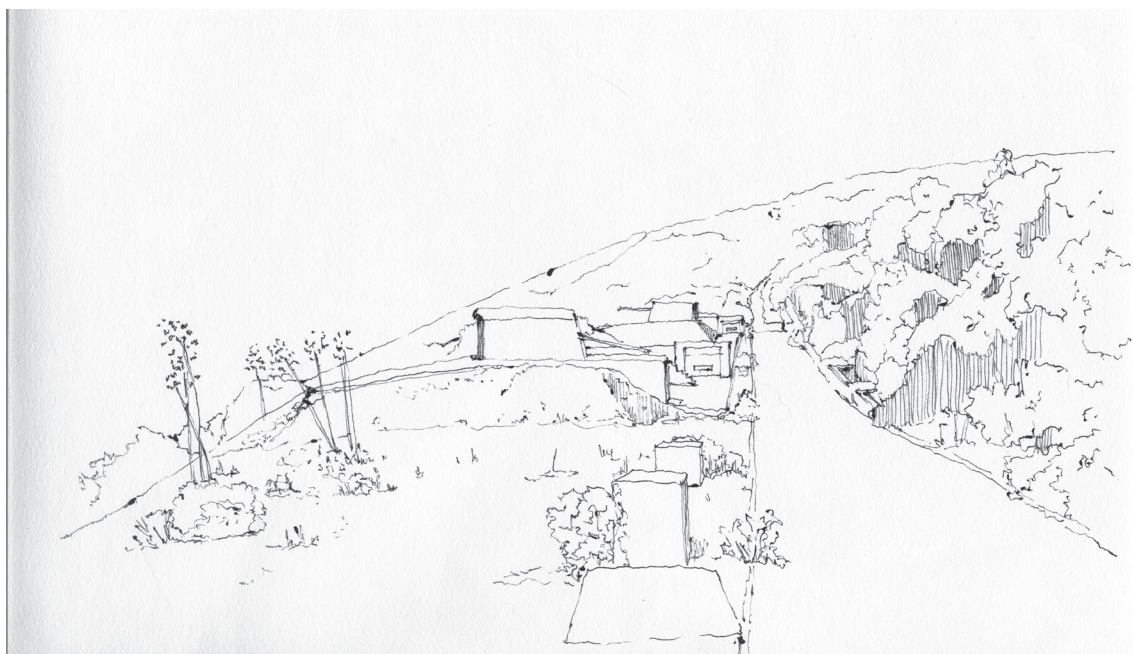
Na retaguarda de cada peça existe uma edificação de apoio para *arrecadação da palamenta* e, ao nível do pavimento, o vão retangular das escadas para o acesso aos respetivos subterrâneos e paióis, de paredes espessas e maciças. A realizar a comunicação entre estes dois pisos existe ainda um pequeno elevador para municionamento e uma saída de emergência em escada metálica vertical. Salienta-se o uso abundante do ferro, do betão armado e do reboco hidráulico.

Colmatada a curiosidade que estas peças apontadas ao horizonte despertam, volta-se pelo mesmo caminho, chegando de novo à bifurcação. Vai-se pelo pátio alongado das edificações de apoio à bateria, cujas construções são semienterradas. (figura 55) Nos seus dois pisos, existem diversas divisões e instalações sanitárias, com iluminação natural do quadrante Norte. (figura 57)

Através da escada de pedra, estreita e tosca, entre uma das construções e o terreno rochoso, tem-se acesso ao *plateau* de terra batida, (figura 56) mas ainda assim dura, a uma cota superior, consequência de um aterro para a instalação do campo de treino. Este corresponde a uma vasta área a céu aberto, integrando um campo de futebol com bancada e um circuito de obstáculos para preparação física, hoje obsoletos, que se erguem como instalações na paisagem. Existe ainda, no canto sudeste deste pequeno planalto, resquícios da plataforma circular do posto de metralhadoras antiaéreas.

Caminhando para Norte, sob o solo permeável, entre pinheiros e zambujeiros, passando pelo depósito de água semienterrado, desce-se suavemente e encontra-se a caserna, pequena edificação alongada, de um piso, rebocada e caiada. Foi construída a partir de um barracão, que

servira de alojamento a trabalhadores durante as obras de edificação da Bateria. Novamente por uma escada apertada e tosca, desce-se até à entrada do complexo, à casa da guarda, finalizando o percurso.



A Paisagem

Da 7ª Bateria do Outão desfrutam-se três panoramas distintos, que se completam – para Nordeste, Nascente e Sul – e que provocam no sujeito uma oscilação entre os diversos enquadramentos da linha do horizonte. Para Norte e Poente, a vista é limitada pela própria Serra. No sentido de compreender esta *pluridimensionalidade* da paisagem, procurou-se sintetizar as suas singularidades.

55. (página oposta)
Planta do piso térreo
das edificações
semienterradas de
apoio à bateria, 1946

A primeira perspetiva, para Nordeste, abraça o território humanizado, a cidade de Setúbal, que se estende massificada na planície. Mas ainda antes, num primeiro plano, desenha-se um último apontamento da vitalidade da serra. O Forte de S. Filipe domina pesado a cumeeira do monte, mas o olhar prende-se em baixo, nas águas junto a Albarquel, onde figura também uma pequena fortificação. Aí, a colina verde desce abruptamente até à estreita praia e o mar baixo reluz, quente, quase tropical, como um cenário selvagem, intocado. Discorrendo a vista para o flanco oposto da baía, desmultiplicam-se os horizontes sucessivos do estuário sadino, e erguem-se, por contraste, as fábricas e as chaminés altivas. (figura 59)

56. (página oposta)
Vista sobre o *plateau*
de terra batida, 2013

A segunda perspetiva, para Nascente, é marcada pela presença exuberante de Troia e da costa da Comporta. A península oferece-se ao espectador, deleita-se nas águas tépidas, espraia-se num comprimento indefinido, como uma bailarina cujos movimentos são longos e morosos.

(figura 60)

Mas o protagonista é o mar. O mar cuja imagem não pode ser melhor traduzida senão nas palavras de Raul Brandão:

Mas onde ele atinge a perfeição é em Setúbal. Em Setúbal é imaterial. Sonha ao pé da estrada que vai a Outão, e reflecte na água cismática a sombra avermelhada dos montes, a grande curva voluptuosa com a Arrábida por pano de fundo. Ali sente-se que a água anda presa à baiazinha, a Outão e à serra. Contemplan-se e não se podem deixar. O mar não tem consistência: não é o verde do norte, não é o caldo azul do Algarve – é poeira e luz. Para os lados do Sado a baía é

57. (página oposta)
Vista sobre o
pátio alongado
das edificações
semienterradas de
apoio à bateria, 2013

*ilimitada... Um clarão. E há uma época do ano em que a serra se veste de roxo, e então é que é vê-la desdobrada nesta água que é sonho e adormecimento ao mesmo tempo.*⁵⁰

Raul Brandão

E o mar e a península são cúmplices. Troia reforça o clarão límpido, ao seu redor as águas imóveis e rasas, como um espelho, refletem as transparências e os areais cativantes prolongam-se, misturam-se, esfumam-se no ar e no mar. E a língua de terra perde-se no horizonte arredondado, num cenário utópico.

No interior do Forte Velho, do qual *se vê sem ser visto*, tem-se ainda o secreto enquadramento para a Fortaleza do Outão, cujas coberturas angulosas redesenham o limite entre o final da encosta e o aquoso azul. (figura 58) No começo do tempo quente, ouvem-se barulhos de mar e crianças na Praia da Figueirinha.

Para o quadrante Sul, o horizonte apresenta-se excessivamente limpo, de uma frieza metálica. É carregado pela imagem *brutalista* dos canhões alinhados, que como peças enferrujadas e esquecidas, expressam uma verdade demasiado crua. Este panorama é cortado pelo braço de serra a Poente, que esconde a restante Arrábida. Aponta então para o azul do mar, agora mais forte, de Atlântico profundo, mais denso e espesso, apenas cortado pelas linhas ininterruptas, rasgadas pelo movimento dos barcos. (figura 61)



58. Vista sobre a Fortaleza de Santiago do Outão, a partir do Forte Velho, 2013

59. 60. 61. (página oposta, de cima para baixo) Horizonte Nordeste, horizonte Nascente e horizonte Sul, 2013

50 BRANDÃO, Raul – *Os Pescadores*. Lisboa: Estúdios Cor, 1966, p.64



3.3 | LEITURA DO SENTIDO

Por ejemplo, Bernini va a París a hacer el Louvre, pero sale con el rabo entre las piernas y se vuelve sin hacerlo, quizás por no haber encontrado el genius loci.⁵¹

Compreender a especificidade de um lugar pressupõe uma leitura sobre a sua correspondência com a dimensão humana, ou seja, sobre a participação que possui no íntimo do sujeito que o habita.

A abordagem que é defendida ao longo deste trabalho implica olhar o lugar como conceito indissociável da Arquitetura. Para a total compreensão do objeto de estudo, importa verbalizar esse modo intangível pelo qual se comunica, através da experiência arquitetónica, e inevitavelmente humana. Trata-se, por conseguinte, não de uma investigação técnica, mas sim poética. De modo a distingui-lo como lugar único, é imprescindível demonstrar o seu valor imaterial e necessário ao homem, segundo uma abordagem que vai do fenómeno à essência.

Aí reside aliás, do nosso ponto de vista, a razão de ser principal da arquitectura: por ela um pedaço de território informe e caótico é raptado ao nonsense homogéneo do natural ou artificial que nos circunda, para ser qualificado como para-mim; por ela ocorre o acto de transformar, de transfigurar, a fisicalidade anódina que nos envolve – ainda que só com um caminho de pé-posto, uma pedra ao alto, uma árvore plantada... – dando-lhe sentido humano, ou seja, enxertando na externalidade física uma correspondência aos aspectos mais íntimos e estruturantes

⁵¹ Campo Baeza, disponível em <http://www.jotdown.es/2014/03/alberto-campo-baeza-la-luz-es-el-material-mas-lujoso-que-hay-pero-como-es-gratis-no-lo-valoramos/> Consultado a 05.05.14

Veja-se a este respeito: NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. Edinburgh, Ed. Rizzoli, 1991, *passim*, mas especialmente p. 10

*do Eu; é essa doçura com que se pinta o exterior que faculta ao Eu a habitação plena, não apenas do território, mas de si (...)*⁵²

62. *East-West/West-East*, instalação de Richard Serra, Qatar, 2014

A criação do lugar no *anonimato* do deserto.

(*figura 62*) A compreensão do sentido do lugar é a escora deste processo. Apenas através desta descoberta hermenêutica é possível reconhecer o seu valor operativo e determinar, de consciência informada, a modalidade de intervenção projetual a seguir.⁵³



⁵² ABREU, Pedro, Ana Sofia Guerra, Catarina Mascarenhas e Frederico Vicente – *Á Soleira do Infinito: arquitectura e paisagem no lugar de Cacela Velha*. In Anais do Seminário Internacional Patrimônio e Paisagem em espaços lusófonos e hispânicos, FAU-UFRJ (org. Professor Doutor Luiz Manoel Cavalcanti Gazzaneo), 2012. Este texto encontra-se disponível no Anexo 2.

⁵³ Veja-se a este respeito a Tese de Doutoramento de Pedro Marques de Abreu – *Palácios da Memória II: A Revelação da Arquitectura*. Lisboa: FAUTL, 2007. Foi um suporte teórico deste trabalho, na qual é inaugurada a metodologia segundo estas três leituras – história, forma e sentido – para a compreensão do valor intrínseco da arquitetura e para a intervenção operativa sobre pré-existências

O lugar de promontório e o horizonte⁵⁴

*No promontório o muro nada fecha ou cerca.
Longo muro branco entre a sombra do rochedo e
as lâmpadas das águas.
No quadrado aberto da janela o mar cintila coberto
de escamas e brilhos como na infância.
O mar ergue o seu radioso sorrir de estátua arcaica.
Toda a luz se azulada.
Reconhecemos nossa inata alegria: a evidência do
lugar sagrado.⁵⁵*

Sophia de Mello Breyner

Como se viu, este pedaço de território é marcado pela notável relação que estabelece com a paisagem. O lugar abarca uma visão singular e inigualável sobre o momento em que o Sado toca no Oceano Atlântico. E oferece-o, fenomenologicamente, através do sentido de promontório, muito embora, pelas suas características físicas, não caiba nessa categoria morfológica, por não se tratar efetivamente de uma porção de terra que *avança mar adentro*.

Ainda que não se manifeste com a mesma veemência topográfica do Sítio da Nazaré, do Cabo Espichel ou de Sagres, o lugar adquire um significado que lhes pode ser equiparado pela sua experiência de projeção e relação particular com o Mar. Os promontórios, cabos, ou *finisterras* são, por excelência, sítios de relação com o Mar e elementos típicos da paisagem lusitana.

Os grandes horizontes marítimos e os extremos ocidentais do continente europeu – os cabos nos quais a terra acaba e o mar começa – parecem constituir um tema constante da cultura portuguesa da paisagem e da memória. (...) Às vezes interditos, outras vezes abertos e receptivos, esses lugares, fosse pela

⁵⁴ Este texto (ver Anexo 2) é adaptado a partir do artigo realizado em coautoria – ABREU, Pedro, Ana Sofia Guerra, Catarina Mascarenhas e Frederico Vicente – *Á Soleira do Infinito: arquitectura e paisagem no lugar de Cacela Velha*. 2012 op cit

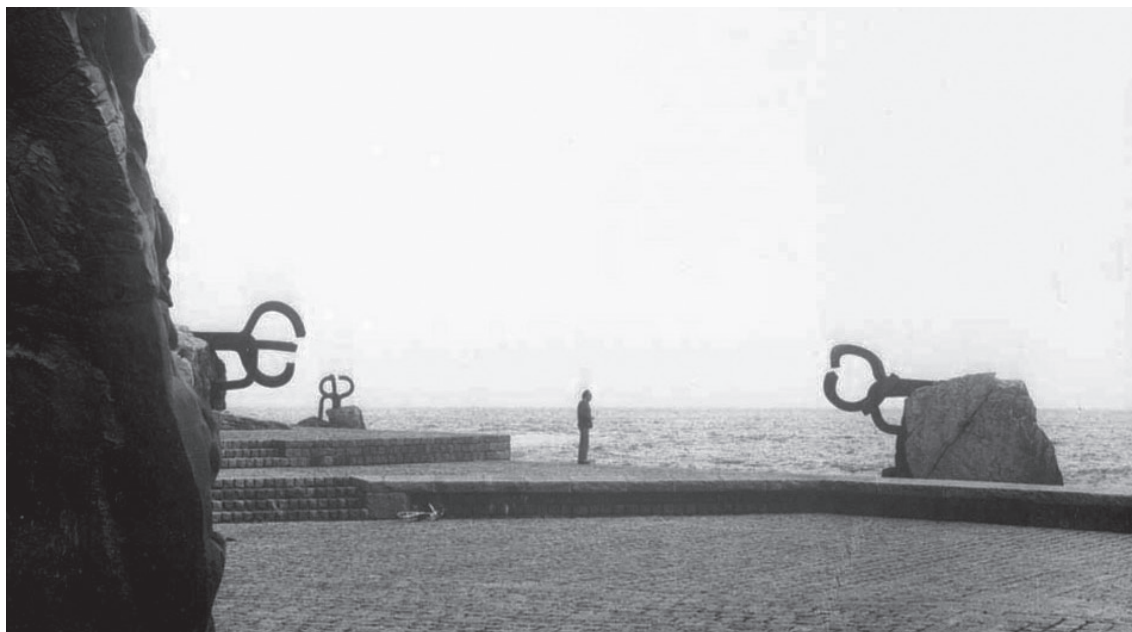
⁵⁵ ANDRESSEN, Sophia de Mello Breyner – «O Sol, o Muro e o Mar». In *Ilhas*. Lisboa: Texto Editora, 2001

*dificuldade de acesso e lonjura, fosse pela sua acessibilidade, acolheram uma espécie de pasmo, ou então uma declarada confiança promissora no além. Por este motivo, em Portugal, não raro (...) os promontórios surgem investidos de uma intensa qualidade fenomenológica. (...) De tipologias muito diferentes, as finisterras portuguesas são lugares incontornáveis na paisagem e na memória da História de Portugal.*⁵⁶

O elemento comum e que adquire maior importância nestes lugares, e também, indubitavelmente, na 7ª Bateria, é, sem dúvida, a presença do horizonte. Interessa, por isso, discorrer sobre o valor existencial que tem para o homem. (figura 63)

O horizonte marítimo remete, logo à partida, para a ideia de infinito. Este conceito – o de infinito – está mundanamente ligado a algo indefinido, difuso, vago, que extravasa a experiência do homem no seu quotidiano e que, por isso, trespassa para o domínio do metafísico e do transcendente. Poder-se-á mesmo dizer que a *infinitude* é uma ideia recorrente e compreensivelmente associada à religião, à poesia ou à filosofia.

63. *Peine del Viento*,
Eduardo Chillida, San
Sebastián, Espanha,
obra finalizada em
1976



⁵⁶ PEREIRA, Paulo – *Colecção Lugares Mágicos de Portugal: Cabos do Mundo e Finisterras*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2009, p. 12

Ora, no caso do horizonte marítimo, o infinito adquire uma espécie de *formalização* – *é possível desenhá-lo*. Como se verá, é precisamente a linha do horizonte, a única imagem capaz de estabelecer uma relação direta e concreta com o infinito, exatamente por se tratar de um elemento visual determinado, linear e constante.

Outras situações podem sugerir a ideia de *infinidade*, como seja a contemplação de um céu estrelado ou a enumeração dos grãos de areia de uma praia. Todavia estas são representações abstratas, desprovidas de um componente desenhável. O mesmo acontece, por exemplo, na visão de uma montanha interrompida por uma massa de nuvens; aqui sabe-se, logo à partida, que o cume, embora impercetível, é efetivamente alcançável.

Inaugura-se deste modo o seguinte paradoxo: quando se está defronte da linha do horizonte – e somente nessa circunstância – o infinito é próximo e reconhecível, o *para-além-de* adquire proximidade.

Tenha-se ainda em conta a *disposição horizontal* que o horizonte inevitavelmente apresenta. Esta aparente redundância, encerra em si vários significados. A ideia de infinito foi inquestionavelmente bem aprofundada nos claustros dos conventos ou nas naves das catedrais góticas. Ainda assim, este infinito parece desenvolver-se segundo uma trajetória vertical, ascensional, contemplando ou pressentido o céu, não sendo este, obviamente, o caminho comum do homem. No caso do horizonte, a noção de infinito é absorvida, claro está, numa trajetória horizontal, facilmente capaz de fazer parte do campo visual do homem:

*Assim, ainda que essa relação com o infinito seja, por sua natureza, religiosa, ela não apresenta a complexidade de dinâmicas voluntárias que normalmente pressupõe um evento religioso. É mais simples e mais imediata, mas não menos densa.*⁵⁷

No entanto, esta qualidade da *horizontalidade* não é exclusiva dos horizontes marítimos. De facto, ela pode acontecer noutras extensões

⁵⁷ ABREU, Pedro, Ana Sofia Guerra, Catarina Mascarenhas e Frederico Vicente – *Á Soleira do Infinito: arquitetura e paisagem no lugar de Cacela Velha*. 2012 op cit (Anexo 2)

planas, como sejam grandes planícies ou desertos. Ainda assim, um horizonte terrestre não carrega o peso da imagem do infinito. Como acontece no exemplo da montanha, pode-se avançar até ao cume ou até ao ponto longínquo que se observou, sendo, por isso, alcançável. O horizonte terrestre desmultiplica-se sempre noutra, ainda que subtilmente, à medida que se avança sobre ele. No caso do horizonte marítimo, o movimento de progressão produz uma homogeneidade de horizontes sempre iguais, como se *o andar para a frente* fosse lido como *ficar no mesmo sítio*, tornando-se assim inalcançável.

Sobreposta esta ideia ao lugar de *finis-terra*, onde a terra acaba, a experiência adquire um ainda mais denso significado.

*O horizonte marítimo está, então, ali à frente, mas é inalcançável – e, enquanto tal, imagem de infinito, símbolo de transcendência: cremos que aí resida a razão principal do seu intenso e perene fascínio.*⁵⁸

Compreendida a especificidade dos horizontes marítimos e da sua reverberação existencial no sujeito, consegue-se despontar o tipo de experiência fenomenológica oferecido pelo lugar da 7^a Bateria. Facilmente se pode depreender que o horizonte e o *sublime* despertam um chamamento à contemplação da beleza natural, mas também uma convocação à meditação sobre o *Eu*, sobre si mesmo. Procura-se seguidamente refletir sobre o modo próprio que o lugar dá a ver a paisagem.

A experiência fenomenológica e a carência de sentido

A experiência do lugar da 7^a Bateria é inevitavelmente marcada pela sua posição geográfica. Assume-se como um sítio da orla, da periferia, desterrado da cidade, mas também da Serra. Está no limiar de ambos, não tem a urbanidade da primeira nem a vitalidade característica da segunda.

⁵⁸ ABREU, Pedro, Ana Sofia Guerra, Catarina Mascarenhas e Frederico Vicente – *Á Soleira do Infinito: arquitectura e paisagem no lugar de Cacela Velha*. 2012 *op cit*

Relativamente à relação que tem com a envolvência, as disposições díspares do Forte Velho e da Fortaleza do Outão são logo reveladoras dos seus dissemelhantes caracteres. A Fortaleza, em baixo, à cota nobre do mar límpido, na sua orgulhosa soberania, é luminosa e jovial. O próprio volume do antigo sanatório ostenta graciosamente a fachada ritmada, quase festiva, recebendo condignamente quem entra na barra do Sado.

O Forte Velho, em cima, encontra-se numa posição escalavrada, dura, sem água. Dissimula-se na crista da rochosa escarpa, deixando que só o observador mais atento adivinhe a sua presença. Construído para amparar a imponência da Fortaleza de Santiago, o Forte assume-se como o seu fiel servo, recôndito na paisagem. (figura 64)

Poder-se-ia dizer que a Fortaleza de Santiago representa um lugar de comunhão, enquanto o Forte Velho um lugar de isolamento. É essa primeira edificação do Forte que traduz a interpretação inaugural do homem relativamente ao lugar e que o tornou, desde aí, um lugar irrepetível e singular.

64. Relação entre a Fortaleza de Santiago do Outão (à cota do mar) e o Forte Velho (em cima, na saliência rochosa)



Instalar-se num território equivale, em última instância, a consagrá-lo: Quando a instalação já não é provisória, como nos nômades, mas permanente, como é o caso dos sedentários, implica uma decisão vital que compromete a existência de toda a comunidade. “Situá-lo” num lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo.”⁵⁹

Percorrendo o lugar, a experiência que se adquire faz jus às características descritas. O lugar é firme, sólido, severo. A luz é intensa, o sol arde e fere. As rochas são compactas. É seco, pois apesar da vegetação abundante, esta não tem a exuberância do outro flanco da Serra, mais fresco e húmido. O princípio que trespassa é de *resistência*, do sentido de *aguentar o cerco*. Como se se encontrasse envolvido numa espécie de *guerra fria*, com um inimigo incógnito, o lugar entrega-se à perseverante vigilância do mar. (figura 65)

Este sentido de subserviência, de um sujeito desterrado que *dá a vida* por um bem maior, concede ao lugar um espírito de retidão, de conformação ao dever inculcado.

É marcado por um senso de integridade, de quem possui um caráter honrado e se move a favor da razão. Ainda assim, desterrado na encosta dura da Serra, o lugar parece descredibilizado, cansado, como o herói que nunca conheceu o seu mérito, e que ao longo do tempo se tornou sisudo, de *maxilares contraídos*⁶⁰, como Sophia de Mello Breyner saberia melhor descrever:

*(...) um velho imponente e terrível, alto e direito em seu pesado andar, autoritário nas ordens que dava e sempre um pouco impaciente e taciturno.*⁶¹

De particulares características é também a relação que este velho tem com a paisagem. Como se viu, esta expõe-se em toda a sua magnificência

59 MIRCEA, Eliade – *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 23

60 Talvez, por isso, quem sabe, se tenha vulgarmente apelidado a fortificação como Forte Velho, apesar de cronologicamente a sua construção ser mais recente que a da Fortaleza.

61 ANDRESSEN, Sophia de Mello Breyner – *Saga*. In *Histórias da Terra e do Mar*. Lisboa: Texto Editora, 1989, p. 108

e da 7ª Bateria é possível tomar posse desse mundo, como em nenhum outro local. Apesar do seu carácter cansado, o lugar conduz o olhar, como que pela mão de uma criança, com candura, pelas três extensões de horizontes diferenciados. O Oceano Atlântico transforma-se num mar interior, como uma grande baía, apreendida, *ali*, como criada *para-mim*.

*A beleza afirma um conteúdo existencial profundo na medida em que diz o diferente de mim – e por isso capaz de causar espanto –, mas com uma concreta promessa de para-mim – e por isso capaz de suscitar comoção: movimento existencial. A beleza é portanto condição para a vida humana; sem ela o homem não se consegue abrir ao desconhecido.*⁶²



O lugar ensina ao sujeito, que apesar da posição privilegiada e do conseqüente espanto e exaltação – onde *de tão longe se tem tudo tão perto* – é possível tomar como sua aquela paisagem, mas sem pretensiosismo, com simplicidade e nobreza de espírito, com um *poder controlado*.

Por contraste, a experiência que se tem no sopé da Serra, nas praias, junto ao mar, ou na Fortaleza de Santiago, são arrebatadoramente estimulantes, como se tudo, a areia branca, a água transparente, a vegetação selvagem, o vigor dos contrastes, tivesse que ser absorvido como um conjunto extasiante de percepções, de paixões, de desejos, com os sentidos ativados em todo o seu exercício.

65. Relação da 7ª Bateria com a paisagem

Podem ser consultadas mais fotografias no Anexo 1 e 2.

⁶² ABREU, Pedro, Ana Sofia Guerra, Catarina Mascarenhas e Frederico Vicente – *Á Soleira do Infinito: arquitectura e paisagem no lugar de Cacela Velha*. 2012 *op cit*

Na 7ª Bateria, a paisagem é absorvida em justa medida, sem excessos, com discernimento e os *pés na terra*. Na sua posição superior, o lugar instrui, com uma certa retórica não pretensiosa, a aceitação serena da grandiosidade da paisagem, como uma espécie de estoicismo, numa procura da virtude e da razão.

A aprendizagem de renegar às frivolidades das emoções, com um espírito claro e um domínio perfeito sobre a paisagem, mas principalmente sobre o próprio sujeito, ensinando a medida e a moderação, pode ser comparada à experiência do Convento da Arrábida. No entanto, esta vontade disciplinada adquire aí a envolvimento quente dessa vertente da Serra, da concha da baía do Portinho, do calor brando da cal e da textura, do aconchego e sentido humano, próprio da religião.

*(...) e será esse nó de energia, fortíssimo, terrível, mas todo em doçura revelado, de que os frades capuchinhos habitando outrora nesse convento teriam partilhado: a que seriam chamados a partilhar, como em apelo de acção e contemplação, presente e actual.*⁶³

O lugar da 7ª Bateria tem a dureza da natureza agreste, sem nome e sem domínio, da austeridade militar, da rocha estática e do solo rijo, do betão e do metal. E apesar de conter em si o privilégio de abarcar a inesgotável paisagem, ensina em silêncio, na sua abstração desumana, a olhá-la em profundidade.

Possui em si qualidades inigualáveis, como se compreendeu pelas leituras realizadas. Existe, no entanto, um desfasamento entre aquilo que o lugar é, e aquilo que *pode e quer ser*. Testemunho de várias apropriações, o lugar conserva hoje uma lógica excessivamente determinada pelas funções às quais teve que servir, principalmente aquelas impostas pela ocupação violenta do séc. XX.

Põe-se então uma questão essencial. O ato de transformação, de transfiguração de um lugar – não só, mas principalmente – natural, deve conceber a arquitetura como o mais forte signo na paisagem. *Forte* não

63 Dalila Pereira da Costa, cit in PEREIRA, Paulo – *Colecção Lugares Mágicos de Portugal: Montes Sagrados, Altos Lugares e Santuários*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2009, p. 178-179

significa, no entanto, uma grandeza de escala ou peso visual, mas refere-se sim, à significância que a intervenção – por mais *pequena* que possa ser – trespassa ao homem. (imagem 66)



66. Intervenção da arquiteta paisagista Teresa Moller, Punta Pite, Chile, 2005

Uma simples escadaria incrustada no rochedo cria o *lugar* e atribui uma *face humana* na paisagem.

As a result her project here in Punta Pite is incredibly humble yet powerful. In <http://www.teresamoller.cl/web/portfolio/punta-pite/>

Veja-se ainda o vídeo *Punta Pite*, disponível em <http://vimeo.com/52563082>

A partir do indefinido do caos primitivo, a arquitetura tem a capacidade de conformar o lugar, torná-lo referência no tempo e no espaço, possibilitar um *acolhimento*. E a sua presença deve valorizar a paisagem, como mecanismo, como suporte para a sua leitura, não como simples moldura, mas como algo significante e, simultaneamente, significador. O lugar deve, através da conceção arquitetónica, ganhar um sentido humano e compreensível, desenhado *pela* mão do homem *para* o homem, permitindo a habitação plena, não só do território, como de si próprio.

Ora, no caso da transfiguração deste lugar, parece tratar-se de uma resposta maioritariamente funcional, que não corresponde à dimensão que aqui se procurou descrever. Existe, por conseguinte, uma carência de arquitetura: de sentido existencial.

*O templo, no seu estar-aí, concede primeiro às coisas o seu rosto e aos homens a vista de si mesmos.*⁶⁴

Recaia-se sobre a frase de Heidegger, para a compreensão desta necessidade na 7^a Bateria.

No seu ensaio *A origem da obra de arte*, inicialmente escrito entre 1935

⁶⁴ HEIDEGGER, Martin – *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1999, p. 33

e 1937, Heidegger inaugura uma imagem paradigmática no campo da Teoria da Arquitetura. O autor escolhe o *templo grego* como exemplo para a demonstração da verdade que a obra de arte opera. Descreve-o como o elemento que encerra em si a forma do deus, ideia que é facilmente compreensível, mas o autor vai mais longe na relevância que este edifício adquire.

O repousar sólido do *templo* sobre o rochedo inaugura o lugar e trá-lo à luz da revelação. A sua específica implantação, o seu *estar-ali*, articula, relaciona, reúne todas as coisas.⁶⁵

Constitui uma relação dialética, não só com o rochedo sobre o qual pousa, mas com tudo o que o rodeia. Mas não se trata de um simples diálogo; o *templo* convoca, efetivamente, um desvelamento do mundo. À luz da sua presença, todas as coisas – a tempestade, a pedra, o dia, o céu, a noite, o ar, o mar, a árvore, o animal – adquirem a sua autêntica essência, *aparecem como são*, expõem a sua verdade.

A lógica de pensamento traçada por Heidegger não parte da natureza *ela-mesma*, mas antes da correspondência que o templo tem com ela. Como se a natureza, embora presente pelos seus elementos e características, desaparecesse na *mundanidade* e no quotidiano, sem a presença desta edificação.

Com a consagração do *templo*, instaura-se um mundo. Não se trata, todavia, de um mundo como simples reunião das coisas existentes, porque o templo não é um simples acréscimo. A obra precipita e vibra. Sobre este evento de reunião e simultaneidade, Heidegger convoca outra imagem igualmente eficaz:

A ponte une a terra como paisagem em torno do riacho. (...) Não une apenas as margens que já estão lá. As margens surgem

65 *Ali de pé, a obra arquitetônica resiste à tempestade que se abate com toda a violência, sendo ela quem mostra a própria tempestade na sua força. O brilho e a luz da sua pedra, que sobressaem graças apenas à mercê do Sol, são o que põe em evidência a claridade do dia, a imensidade do céu, a treva da noite. O seu seguro erguer-se torna assim visível o espaço invisível do ar. A imperturbabilidade da obra contrasta com a ondulação das vagas do mar e faz aparecer, a partir da quietude que é a sua, como ele está bravo. A árvore, a erva, a águia e o touro, a serpente e a cigarra adquirem uma saliência da sua forma, e desse modo aparecem como são.* HEIDEGGER, Martin – *A origem da obra de arte*. 1999, op cit, p. 33

*como margens somente quando a ponte cruza o riacho.*⁶⁶

O *templo*, como a *ponte*, atribui significância, dá *entorno* ao lugar e descerra a sua verdade, sendo por isso, como a experiência da arte, a própria origem e fim. Existe, ainda assim, um ponto essencial. O *templo* não é somente um acontecimento da verdade das coisas. A sua presença trá-la *para-mim*, e nela é refletida a própria medida do homem como *ser-no-mundo*, sendo, por isso, um acontecimento da própria verdade do homem. O *templo* tem deste modo um efeito de dupla dimensão – atribuir a totalidade das coisas e do homem em si.

Em 1983, Christian Norberg-Schulz retoma este ensaio, valorizando a leitura da fenomenologia heideggeriana para a compreensão da Arquitetura.⁶⁷

O autor sublinha ainda o modo como o *templo* ergue, revela um mundo e mantém-no vigente, desencadeando relações, dependências, distâncias. Norberg-Schulz faz referência à implantação na qual a obra se circunscreve e às conseqüências desta transfiguração da paisagem.

*Por quatro vezes, Heidegger insiste em dizer que o templo faz o que faz por estar “ali erigido”. Ambas as palavras são importantes. O templo não está em qualquer lugar, ele se ergue ali, “no meio de um vale rochoso e escarpado”. As palavras “vale rochoso e escarpado” certamente não são introduzidas como enfeite. Bem ao contrário, elas indicam que os templos são construídos em lugares especiais e proeminentes. Graças ao edifício, o lugar obtém extensão e delimitação (...)*⁶⁸

Incide sobre outra questão proeminente: o sentido humano do templo provem exatamente da intencionalidade da obra, da ação conscienciosa que lhe deu origem. O *templo* foi criado *do* homem *para* o homem.

⁶⁶ HEIDEGGER, Martin – *Construir, habitar, pensar. Ensaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001

⁶⁷ Importa, por isso, aludir ao seu escrito “O Pensamento de Heidegger sobre Arquitetura” para uma total compreensão da ideia do templo grego. NORBERG-SCHULZ, Christian – *O Pensamento de Heidegger sobre Arquitetura*. In NESBITT, Kate – *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 461-475

⁶⁸ NORBERG-SCHULZ, Christian – *O Pensamento de Heidegger sobre Arquitetura*. In NESBITT, Kate – *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 464

Ora, foi exatamente esta a questão que despoletou a incidência sobre o pensamento de Heidegger. Retome-se agora o problema da carência de sentido do lugar da 7ª Bateria, à luz da imagem e significado do *templo grego*.

O sítio deu respostas de carácter funcional, e não segundo o fundamento existencial da Arquitetura que aqui se procurou retratar. Atualmente apresenta-se como um palimpsesto⁶⁹, rasurado e alterado pelas sucessivas ocupações militares. Como diz Mircea Eliade:

*Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos.*⁷⁰

A 7ª Bateria do Outão é, deste modo, um lugar que ainda não foi consagrado pelo desenho do homem. A primeira interpretação do lugar, a da edificação do Forte Velho, poderia ambicionar esse sentido; todavia, se este fosse desprovido de qualquer construção na sua envolvente, como uma peça individualizada, permaneceria frágil, entre a veemência da serra – não instituiria um mundo. Pode-se então afirmar que o lugar necessita, metaforicamente, da presença do *templo* de Heidegger. O lugar carece de uma relação única entre todas as suas partes e de uma escala e presença humana.

Concluindo, a necessidade do templo não se traduz, como se viu, numa simples unificação ao nível da linguagem ou da materialização, mas de uma totalidade do sentido existencial do lugar.

69 Um palimpsesto é um pergaminho ou papiro cujo texto foi eliminado para permitir a reutilização.

70 MIRCEA, Eliade – *O sagrado e o profano*. 1992 *op cit*, p. 17

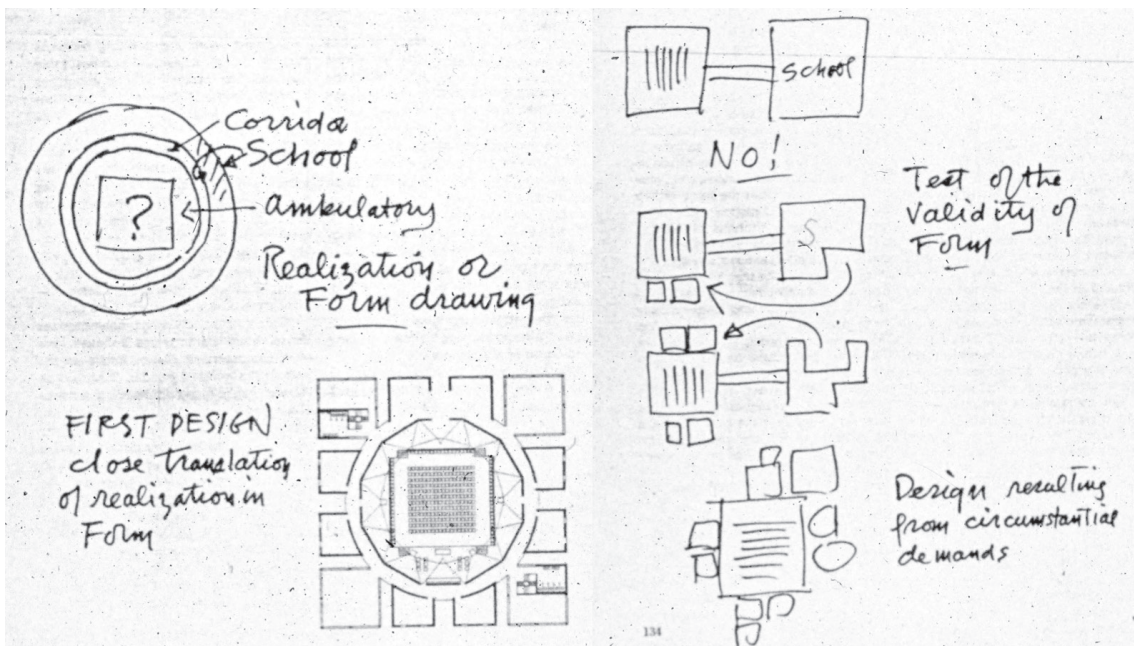
CAPÍTULO IV

_A PROPOSTA

It is the conquest of the site, the transformation of its topographical nature, that manifests the ontological roots of architecture. The process of design is only a secondary and subsequent act, whose purpose is to reconcile and harmonize the consequences of the initial intervention, collision, and negation.⁷¹

Raimund Abraham

⁷¹ Raimund Abraham – *Negation and Reconciliation*. In NESBITT, Kate – *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory 1965-95*. New York: Princeton Architectural Press, 1996, p. 465



4.1 | SOBRE O TEMA

In his earlier writings Kahn used the term “form” to denote what a thing wants to be. He must have felt, however, the danger of misunderstanding, as this term normally has a more limited meaning. Thus he introduced the concept of “pre-form”. Later he preferred to talk about the realm of essences as silence. Silence is “unmeasurable”, but it possesses a “will to be”. Every form has an “existence-will”, which determines the very nature of things.

This existence-will is satisfied through design, which means a translation of the inner order into being.⁷²

Louis Kahn preconizava que antes de qualquer ação de projeto deveria ser ponderada a pergunta: *o que é que um edifício quer ser?*

67. Esquissos preliminares, Louis Kahn, 1959

Através da sistematização desta questão dever-se-ia compreender o tipo de experiência humana, as vivências que despoleta e as expectativas da sociedade relativamente à obra, identificando estas problemáticas como *o Tema*.

Cada edifício, cada espaço ou cada lugar convocam uma determinada e específica *vontade de ser*, e devem, por isso, ser a personificação do seu próprio carácter – *um micróbio quer ser micróbio, a rosa quer ser rosa, o homem quer ser homem.*⁷³

A arquitetura deve oferecer ao homem uma resposta a uma definida condição, a que Kahn designou como Instituição. Deste modo, cada

⁷² NORBERG-SCHULZ, Christian – *Kahn, Heidegger and the Language of Architecture*. Disponível em <http://iris.nyit.edu/~rcody/Thesis/Readings/>. Consultado a 02.04.14

⁷³ KAHN, Louis – *Conversations with students*. Texas: Princeton Architectural Press, 1998, p. 28

lugar deve inspirar a atividade daquela instituição humana, ou seja, deve criar condições para que o habitante possa trabalhar, aprender, reunir-se, ou qualquer outra ação, desde que se sinta corretamente acolhido e inspirado a desenvolver essa atividade.

Esta ideia distingue-se da de programa funcional, a qual é posterior, de menor importância e consequente do conceito de Instituição, na medida em que a função é simplesmente quantitativa e corresponde apenas a uma necessidade física e não a um desejo do homem.

The functions of a building cannot be considered purely physical. As a matter of fact, I believe it is only the balance of the psychological and the physical that will produce what may be called a workable architecture or in which architecture serves all other activities of man. I believe also that a building must be answerable to an institution of man.⁷⁴

Veja-se o exemplo de uma escola: antes de agregar funcionalmente um determinado número de salas de aulas, deverá primeiro ter a qualidade de um lugar que suscite os habitantes à *ação de ensinar e aprender*. (figura 67) Os espaços devem, por isso, ser fiéis à sua própria essência e à *instituição humana* a que pretendem corresponder.

Cada contexto deve inculcar uma determinada experiência que corresponde às motivações e aos desejos do homem para aquele lugar. Da completude do Sentido e do Tema partem os princípios para a proposta de intervenção.

A correcta execução do Tema da obra de arquitectura faz o homem viver de uma vida que é sua e adequada à circunstância; traz o homem ao encontro de si mesmo, na acção que em entre mãos, encoraja-o e acomoda-o – guia-o – na realização dessa acção.⁷⁵

⁷⁴ Louis Kahn cit in ABREU, Pedro Marques de – *Palácios da Memória II: A Revelação da Arquitectura*. 2007, op cit, p. 173

⁷⁵ ABREU, Pedro Marques de – *Palácios da Memória II: A Revelação da Arquitectura*. 2007, op cit, p. 175

O Tema no lugar do Forte e da 7ª Bateria

Assim como Kahn se questionava *o que é que o edifício quer ser?*, coloca-se aqui a interrogação análoga, aplicada ao lugar de intervenção.

Apresenta-se então a operatividade da investigação sobre o Tema e dos pressupostos de Kahn para o desenvolvimento da proposta. Pretende-se responder a esta questão determinante, que se aproxima já de uma intenção arquitetónica, uma vez que crava princípios e contornos de projeto.

O lugar é recetor de determinadas atividades humanas, que devem ser indagadas em função da especificidade do sítio, antes da consideração de qualquer programa funcional ou do próprio projeto, para que incorpore idoneamente os desejos de quem o habitar.

Primeiramente, a 7ª Bateria deve responder à vocação natural da região onde se insere, marcada por uma relação do homem com a natureza, que sugere as ideias de itinerância, peregrinação, caminhada e recolhimento, que a paisagem da Arrábida só por si incitou ao longo do tempo.⁷⁶

Paralelamente deve ser tido em conta o isolamento deste território. O seu carácter próprio de *lugar-à-margem*, distante e distanciado, tem que ser mantido. Ainda assim, contrariamente à antecessora ocupação militar, deve ser recetivo à visitação do público em geral, de um modo prudente e ponderado, sem ferir a sua inerente condição de solidão. Para isso, a intervenção tem que ser controlada ao nível da corporalização e da escala do projeto.

Atualmente descredibilizado, o lugar deve ver reconhecido o seu valor intrínseco, mas sem exaltações, sem *pretensiosismos*, que o possam constranger, refutando qualquer ostentação gratuita. Dado o seu sentido de *integridade e honradez*, de quem ensina verticalmente a olhar para a paisagem⁷⁷, a nova proposta deve, invariavelmente, assumir com o sítio

⁷⁶ Com Sebastião da Gama estive no Portinho da Arrábida e percorri a Serra a partir de 1943. É preciso falar do que a Serra representava para o Poeta. A beleza do lugar, o seu isolamento e a meditação a que esse isolamento convidava tiveram na sua formação uma influência decisiva. Luís Filipe Lindley Cintra cit in GAMA, Sebastião da – Serra-Mãe. 1945 op cit, p. 11

⁷⁷ Como referido em *Leitura do Sentido*, p. 76-77

um compromisso de *verdade e inteireza*. Requer-se, deste modo, que seja eliminado o *ruído* de algumas construções que não veiculam este sentido.

Ainda que determinado pelos ideais de despojamento, austeridade e estoicidade,⁷⁸ a arquitetura que conforma o lugar deve ser assertiva, corpórea e viril, respondendo à *dureza* do sítio. Deve despoletar experiências fenomenológicas veementes, como aquelas descritas por Sophia:

*Um fio invisível de deslumbramento espanto me guia (...) Eis o mar e a luz vistos por dentro. (...) Atravesso gargantas de pedra e a arquitectura do labirinto paira roída sobre o verde. Colunas de sombra e luz suportam céu e terra.*⁷⁹

Os espaços desenhados, ainda que maioritariamente públicos, devem promover a contenção e o acolhimento individual, evitando escalas desmesuradas e promovendo limites claros e integradores, por oposição à extensão da natureza.

A nova arquitectura deve manter com o terreno uma relação de tal modo próxima, que comunique *um nascer, um irromper* da topografia. A feroz luminosidade solar deve ser contrastada com a penumbra, através de espaços escuros, enterrados ou semienterrados, em busca da luz zenital, variando entre *espaços de exaltação* e *espaços de contenção*.

O lugar deve manter a sua posição de contínua proteção da paisagem, assumindo-a como o *bem maior*, ao qual concede máximo serviço. Deste modo, o confronto com a doçura do mar e com a exuberância da península de Troia deve ser feito de forma desenhada, atenta, respeitadora, em momentos chave, e não desmedida, tomando partido dos três enquadramentos do horizonte.⁸⁰

Em contrapartida, o Forte deve funcionar como uma peça única, pelo seu valor histórico e pela implantação particular com o sítio, sem demais

⁷⁸ Reveja-se as p. 73-77 sobre *A experiência fenomenológica e a carência de sentido*

⁷⁹ ANDRESSEN, Sophia de Mello Breyner – *Livro Sexto*. 1962 Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/1960/galeria/f3/foto1.html>

⁸⁰ Reveja-se as p. 65-67 sobre *A Paisagem*

objetos que possam competir com a sua presença. Este constitui o momento em que o lugar *abraça o infinito marítimo* sendo, por isso, o espaço por excelência para a contemplação da paisagem. Deve então exponenciar o sentido de projeção sobre a vastidão do Oceano, possibilitando um *refúgio* firme e seguro.

As peças de artilharia devem permanecer como *vestígios arqueológicos*, denotando o seu carácter obsoleto, mas ainda assim retificando a seriedade e dignidade da sua presença e do seu propósito original.

Em suma, a proposta tem que promover um olhar firme e permanente sobre a paisagem e sobre as coisas, ofertando ao leitor-habitante uma correspondência entre *o-espírito-do-lugar* e *o-que-o-define*.

As ações humanas, a *vontade de existência* que o sítio imprime, estruturam-se então em dois momentos essenciais e complementares: a perseverante vigilância, pela força do movimento do corpo em percurso, em *caminhos de ronda* sucessivos pelo lugar, de contínua contemplação da paisagem; e paralelamente, a leitura imóvel, vagarosa e demorada sobre as diversas vistas do horizonte, em recolhimento e introspeção.

Premissas programáticas

Compreendida a questão intrinsecamente arquitetónica das ambiências, das vivências humanas e das experiências fenomenológicas que se pretendem alcançar com a proposta, em favor do sentido do lugar, apresentam-se agora as soluções programáticas delineadas.

Efetivamente, seria sempre possível e admissível equacionar outro tipo de programa, diferente daquele que aqui é definido, com a certeza de que a função é algo circunstancial, dentro de um determinado enquadramento espaço-temporal. De facto, este âmbito não traduz a essência da arquitetura, por se tratar de uma questão meramente quantitativa, que responde apenas a uma necessidade física, e não existencial, do homem.

Consequentemente, a tomada de decisão relativamente ao programa deve somente constituir-se como a mais pertinente solução às convicções

alcançadas sobre o Lugar e sobre o Tema. Isto é, o programa deve ser definido com base no tipo de funções que mais apropriadamente se coadunam com o discernimento sobre *o que o lugar quer ser*. Procura-se então o conteúdo vivo que melhor se ajuste às deliberações sintetizadas no ponto anterior.

A proposta, no seu conjunto, pretende desenvolver uma interpretação e uma leitura, não só do lugar, como do território em que se insere, seja de um modo mais informal, pela própria relação da arquitetura com a paisagem, como pela constituição de uma estrutura efetiva para esse propósito.

A solução programática pode então ser dividida em duas vertentes principais.

A primeira prende-se com um âmbito científico e cultural. Neste sentido propõe-se a criação do CIIA – Centro de Investigação e Interpretação da Arrábida. Este deve promover o desenvolvimento integrado do Parque Natural, aliando diversos agentes e intervenientes. Pretende-se que seja uma estrutura multifuncional, apta a criar e receber eventos expositivos, artísticos, científicos e formativos, colmatando a necessidade de um espaço deste género no contexto da Arrábida.⁸¹

Este programa não só reivindica o *olhar vigilante*, próprio do lugar, para a conceção de um equipamento específico dedicado à pesquisa, proteção e divulgação da Arrábida nos seus diversos universos, como tira partido das ambiências intrínsecas do sítio, com espaços em constante percurso, escuros, *encerrados e ocultos*, marcados pela presença pontual da luz.

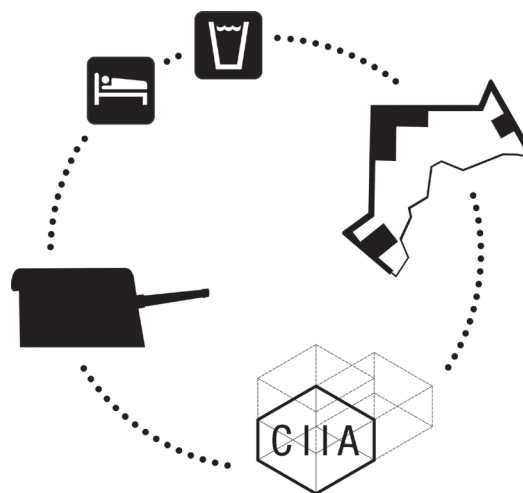
A segunda componente funcional traduz-se na implementação de espaços de paragem para fruição da paisagem, de contemplação e introspecção, num registo mais informal que, ainda assim, evitem um carácter *doméstico*.

⁸¹ *No período 88-actualidade, (...) a política do Parque Natural passou para a viabilização de infraestruturas públicas que de algum modo possam controlar a enorme afluência de público a estas zonas, que no entanto não deixa de ser crescente e continua a provocar pressões sazonais enormes.* FREIRE, Ana Lúcia e outros – Parque Natural da Arrábida, Plano de Ordenamento, 1ª Fase – Estudos de Caracterização. 1996 op cit, p. 9

Os elementos a desenvolver serão então uma recepção, uma cafetaria e uma área de alojamento, valorizando a paisagem singular e a ideia de retiro. Estes têm a capacidade de viabilizar e rentabilizar, de certo modo, a intervenção, aumentando as suas receitas próprias. Pretende-se que tenham um papel secundário, mas que ainda assim, promovam a captação e retenção de público, encaminhando os visitantes e orientando os fluxos de visita.

Projetar estas diferentes valências implica estruturá-las em elementos que funcionem com independência, mas que estabeleçam, ao mesmo tempo, uma noção de incorporação, de imagem una e coesa. (figura 68)

68. Esquema conceptual das principais componentes da proposta



Expectativas sobre o uso

*Isto não significa que a paisagem deva ser deixada no seu estado virgem. Exactamente porque ela é relativamente pouco estruturada devemos transformá-la e articulá-la de acordo com as nossas necessidades. A obra do homem é, pois, uma interpretação do ambiente natural em relação a necessidades particulares. Devemos, por isso, considerar a arquitectura como parte activa e formativa na relação «paisagem e obra do homem».*⁸²

82 NORBERG-SCHULZ, Christian – *A paisagem e a obra do homem*. In *Arquitectura: revista de arte e construção* N° 102, Março-Abril 1968, p. 56

As considerações apresentadas neste ponto não cabem geralmente no papel do arquiteto, por se tratarem de decisões meramente funcionais que fogem ao seu âmbito profissional; no entanto, foi necessário incluí-las, por convocarem soluções e gerarem consequências nas opções de projeto. São maioritariamente hipóteses, expectativas de uso que demonstram uma certa coesão e verossimilhança que a intervenção pretende alcançar. *(figura 68)*

A questão da interpretação e da leitura da paisagem, que dá o mote à proposta no conjunto global, implica repensar a arquitetura, enquanto espaço físico, e o programa, enquanto espaço conceptual.

Neste sentido, pretende-se apresentar as várias dimensões e respostas que o projeto ambiciona dar ao lugar, aprofundando o seu campo de ação e a sua viabilização.

O primeiro princípio prende-se com a exigência de uma presença permanente no lugar. Dado o relativo isolamento do sítio, é essencial uma instituição que tutele o complexo de modo a assegurar tanto a sua disponibilização pública como a sua manutenção e salvaguarda.⁸³ Pretende-se que constitua um elemento de relação que re-conecte entidades coletivas e individuais de vários âmbitos, hoje dispersas e desligadas, em torno do território da Arrábida.⁸⁴

A nível funcional, a proposta do CIIA, encontra-se dividida em duas vertentes distintas. A primeira componente é de cariz científico, traduzindo-se na constituição de espaços de trabalho e investigação, que permitam assegurar a referida presença em regime de continuidade. Estes podem, não só ter núcleos fixos e enquadrados dentro de um programa específico de pesquisa e desenvolvimento de estudos do Centro⁸⁵, como permitir

83 Para isso, a gestão do CIIA poderia ficar a cargo do ICNF (Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, cujo Departamento de Conservação da Natureza e Florestas de Lisboa e Vale do Tejo administra atualmente o Parque Natural da Arrábida e a Reserva Natural do Estuário do Sado) passando assim a Sede do Parque Natural a dispor de uma localização mais enquadrada, ao contrário da atual, situada no centro da cidade de Setúbal.

84 Tais como o IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, a ENA - Agência de Energia e Ambiente da Arrábida, o Museu Sebastião da Gama e a Associação Cultural Sebastião da Gama, o LASA - Liga de Amigos de Setúbal e Azeitão, o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, o Museu Oceanográfico e Parque Marinho Professor Luiz Saldanha ou a Fundação Oriente, que gere atualmente o Convento da Arrábida.

85 Como por exemplo, estudos de programas de recuperação das pedreiras, visando a reintrodução da estrutura e funcionamento das comunidades animais e vegetais e dos ecossistemas originais.

a disponibilização de espaços de trabalho a outros intervenientes em períodos temporários, abrindo também o campo de investigação a outras leituras do território, como a fotografia, o cinema ou as artes plásticas.

A segunda componente diz respeito ao programa cultural que é desenvolvido. Neste âmbito são propostos diversos espaços para a realização de atividades como exposições, percursos ou apresentações que promovam a disponibilização de conteúdos relativos aos diversos universos dentro da Arrábida, junto de um público diversificado.

69. *Peque nestes binóculos agora e vá ver passarinhos lá fora.*
 Janela da cafetaria do Museu da Luz durante a exposição *A Natureza Ri da Cultura*, 2014

Pretende-se contrariar um princípio de programa museológico fechado sobre si mesmo, propondo no conjunto um pólo dinamizador e de incentivo ao conhecimento do território, paisagem e património da Arrábida.

Como referido, a questão da interpretação do lugar e do território não é restrita ao perímetro do CIIA, pretende-se que extravase para a proposta-conjunto. Neste sentido, esta deve estar dotada de material informativo, numa sugestão de mobilidade lenta, que capacite o visitante a perceber o lugar e as sucessivas fases de transformação por que passou, *espaço-ele-próprio* e enquanto *espaço-território*.

Relativamente aos espaços destinados ao alojamento, estes devem permitir tanto a utilização por parte do *visitante-comum*, como por artistas, curadores, investigadores e outros profissionais que se encontrem a desenvolver trabalho com o CIIA, podendo funcionar como residências temporárias. (figura 69)



4.2 | SOBRE A FORMA

As obras do homem devem manter com a natureza uma relação significativa, quer se trate de unidades independentes ou de uma rede de centros interdependentes. Em ambos os casos a intenção é integrar o homem na terra por ele habitada. Esta relação funcional deve necessariamente ir ao encontro de uma forma exterior correspondente. Só quando a relação entre a natureza e a obra do homem é significativa a forma tem carácter e satisfaz.⁸⁶

Sintetizado o tipo de intervenção e os princípios programáticos, a reflexão que agora se apresenta encontra-se intimamente ligada à estratégia formal da solução arquitetónica de conjunto. Pretende-se dar a conhecer e justificar as diferentes posições face às pré-existências, demolições de algumas e reabilitação de outras, e ainda a necessidade de introdução de algumas estruturas de raiz.

A proposta global deve apresentar uma unidade que viabilize a coerência e diálogo de todas as partes e a leitura de uma ordem humana, compreensível e intencional. Ambiciona-se que, na totalidade da intervenção, o lugar consiga acarretar a significância do *templo grego*⁸⁷ de Heidegger e colmatar assim a sua carência de sentido.

O que se mantém

A opção de manutenção e de demolição de certos elementos da área de intervenção constitui, sem dúvida, o primeiro, e talvez mais decisivo, ato de projeto. Não é, certamente, uma escolha arbitrária; carrega o peso de

⁸⁶ NORBERG-SCHULZ, Christian – *A paisagem e a obra do homem*. 1968 *op cit*, p. 52

⁸⁷ Reveja-se as p. 78-81 sobre *A experiência fenomenológica e a carência de sentido*

uma tomada de posição face às pré-existências, que deve ser informada e conscienciosa, uma vez que se elegem determinados constituintes, em detrimentos de outros. (figura 76 77)

O corpo de critérios que determina esta ação relaciona-se intrinsecamente com a leitura do lugar, especificamente com o seu Sentido e Tema. As pré-existências a preservar correspondem, deste modo, aos elementos da forma pelos quais a identidade e a memória do lugar é veiculada. Importa não só conservá-las, como torná-las presentes, ativas para o entendimento do conjunto.

O elemento patrimonial mais notório que sugere, logo à partida, um compromisso de proteção é, sem dúvida, o Forte Velho.

O atalaião em forma de forte abaluartado é um exemplar raro no país, como edificação propícia à resistência e à observação, apresentando um estado regular de conservação, construído para organização da defesa da barra de Setúbal (...).⁸⁸

As peças existentes no interior do Forte, que correspondem ao Posto de Observação e ao aquartelamento, foram construídas para o funcionamento do Regimento de Artilharia de Costa. Embora levantadas sensivelmente no mesmo período – o aquartelamento é ligeiramente mais tardio – apresentam características díspares que levam, conseqüentemente, a decisões diferentes de intervenção.

A opção de manutenção do P.O. prende-se com a coerente e sensível articulação que estabelece com a pré-existência do Forte. Esta torre, como se se tratasse de uma peça solta, toca com uma das suas arestas nas muralhas antigas e vem, engenhosamente, implantar-se naquele que teria sido o torreão poente do Forte, numa reinterpretação apropriada do seu desenho original. Também a sua *fisionomia* esguia e altiva, de vãos rasgados horizontalmente e portadas metálicas robustas, transparece os ideais de vigilância, firmeza, retidão e verticalidade que a identidade do lugar revela. (figura 70)

Outro elemento de importante peso histórico a manter é a bateria de

⁸⁸ http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25039. Consultado a 14.11.13

peças de artilharia, voltadas a Sul. Juntamente com o seu sistema de edificações traseiras e paióis subterrâneos, estas peças espelham vigorosas características intrínsecas ao sítio como a solidez, a resistência, a perseverança e o domínio incisivo, ainda que pouco invasivo, sobre a paisagem.

Por último, são ainda mantidas as edificações semienterradas a poente do Forte. A sua implantação peculiar forma um vigoroso pátio alongado, entalhado entre a rocha e a edificação, cujo único alçado é curiosamente simples e moderado, pontuado por pequenos óculos. Esta construção, assumindo um papel secundário face às pré-existências anteriormente descritas, dissimula-se na paisagem, não lhes retirando protagonismo. Embora com pouco valor patrimonial, uma vez que se tratavam apenas de edificações de apoio, apresentam-se em razoável estado de conservação, podendo facilmente ser reconvertidas para uma nova função.



70. Vista do lado Sul do Forte, 1946

Note-se os volumes do aquartelamento (que são anulados na proposta) e o volume do P.O., mais alto, à esquerda (que é mantido).



71. Vista para o Forte Velho, a partir do mar, 2013

Note-se o protagonismo que assumem as fachadas do aquartelamento.

O que se anula

A tomada de decisão que envolve a manutenção de determinados elementos é, obviamente, simultânea com a consciência de anulação de outros. Como se viu anteriormente, a área de intervenção foi acumulando uma série de elementos dissonantes que nem sempre tiveram em linha de conta as características do lugar, o património histórico e a própria especificidade da paisagem. Importa clarificar o existente, *peneirando-o*.

Como primeira intervenção, é anulado o atual pavimento asfáltico, colocado com o intuito funcional de assegurar um fácil e rápido acesso a todos os pontos da 7ª Bateria, quando esta se encontrava ao ativo. Hoje, esta infraestruturação é exagerada, de uma certa *brutalidade* para com o contexto natural, atribuindo ao lugar uma *face sofrida e cansada*. O mesmo sucede com o campo de futebol, inutilizável e deteriorado, que foi responsável por um aterro excessivamente lavrado e que compromete a naturalidade da encosta. A estes motivos pode-se ainda adicionar a elevada área impermeável que, tanto o pavimento como o campo ocupam e que será minimizada, repondo deste modo o carácter *selvagem* e natural do lugar. (figura 72 73)

As razões que conduzem às demolições de certos elementos do edificado prendem-se com a descaracterização que provocam ao nível do património, do lugar e do seu significado, como sejam a casa dos oficiais e da casa da guarda que atribuem uma imagem excessivamente doméstico. (figura 75)

São também eliminadas as *estruturas abarracadas* e/ou de pouca qualidade arquitetónica, que não concedem a *dignidade* e a *respeitabilidade* que o lugar necessita. (figura 74)

O mesmo sucede com os dois edifícios do aquartelamento introduzidos, sem qualquer critério de salvaguarda, no interior do espaço do Forte, provocando ruído e prejuízo para a sua estrutura. Acresça-se ainda o imoderado protagonismo que estas construções assumem na paisagem, enfatizado pela métrica dos alçados, a proporção e a dimensão desmesurada dos vãos, que contrariam o sentido de isolamento que o lugar *quer ter*. (figura 71)



72. 73. (página oposta)

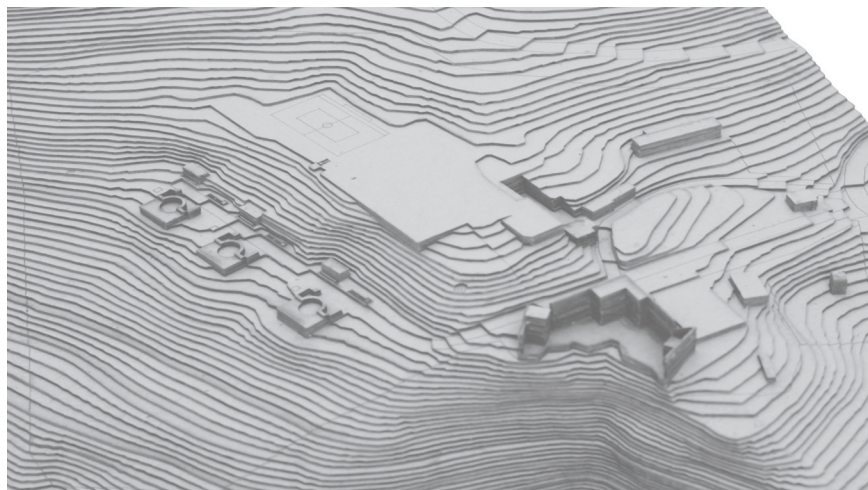
1ª - Vista a norte do Forte, 2013

2ª - Vista sobre o campo de futebol e o aterro, 2013

74. 75. (página oposta)

3ª - Vista sobre o pátio alongado e algumas construções mais precárias, 2013

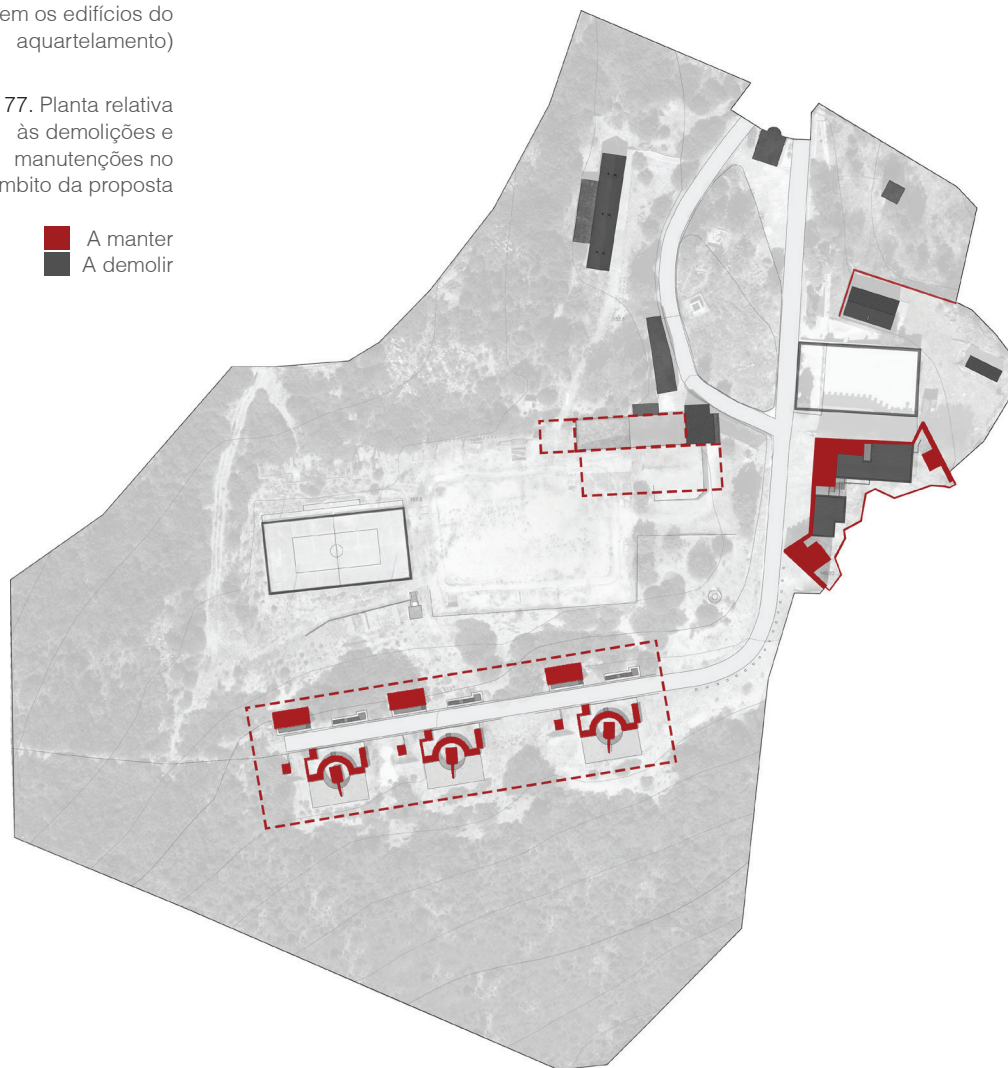
4ª - Vista sobre a envolvente a norte do Forte, 2013



76. Maquete 1.1000 das pré-existências (sem os edifícios do quartelamento)

77. Planta relativa às demolições e manutenções no âmbito da proposta

■ A manter
■ A demolir



O redesenho do sítio

*Quando o Homem habita, ele é simultaneamente localizado no espaço e exposto a um certo caráter ambiental. As duas funções psicológicas envolvidas são a 'orientação' e a 'identificação'. Para ganhar a sua identidade existencial este tem que ser capaz de se orientar, tem que saber onde está, mas também tem que se identificar com o ambiente, ou seja, tem que saber como está num certo Lugar.*⁸⁹

A intervenção na 7ª Bateria corresponde à introdução de um novo tempo, resultando numa espécie de vórtice temporal, com ocupações que remetem para o séc. XVII, XX e agora, XXI.

Despojado das peças ruidosas, o espaço permanece expectante. Os elementos que são mantidos, ainda que constituam testemunhos históricos e arquitetónicos e sustentem a identidade do sítio, não são suficientes para conformar o lugar; não apresentam a totalidade e o vigor do *templo grego*, necessário para o confronto com a paisagem. Trata-se, portanto, de uma carência formal que decorre de uma carência a nível do sentido.

A nova intervenção deve colmatar esta fragilidade e contribuir para uma reunião de todos os constituintes, *que torne possível uma suficiente densidade do habitar sem destruir a paisagem.*⁹⁰ Não se trata somente de um trabalho de reabilitação das estruturas pré-existentes, mas de um projeto que vai mais fundo, adicionando novos elementos e integrando-os, através do redesenho do sítio. (*figura 79*)

As mais marcantes intervenções de raiz a introduzir situam-se em duas passagens distintas do lugar. Estas têm como principal objetivo distanciar-se de, mas simultaneamente contextualizar a presença do Forte, criando novas estruturas a norte e a poente deste. Para ser lido como *território do homem*, dentro do indefinido contexto natural, o lugar deve evidenciar-se, tornar-se referência e ser reconhecível no tempo e no espaço, a partir de

⁸⁹ NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. Edinburgh: Ed. Rizzoli, 1991, p.19

⁹⁰ NORBERG-SCHULZ, Christian – *A paisagem e a obra do homem*. 1968 *op cit*, p. 58

todos os quadrantes. (figura 80)

A primeira operação visa colmatar a ferida imposta pela abertura da estrada axial de acesso à 7ª Bateria, retificando uma certa ausência de construção, de presença e de estruturação espacial a norte do Forte. Deve funcionar como um pano de fundo – uma presença secundária que remate a porção de maciço rochoso sobrance – e, simultaneamente, resolver a entrada do recinto da 7ª Bateria. Esta intervenção será composta, a nível programático, pelas unidades de alojamento, a receção e a cafetaria.

As atividades associadas ao descanso e ao lazer voltam-se assim, coerentemente, para o horizonte humanizado de Setúbal e de Troia, a nordeste e nascente, de modo a possibilitar uma segura referência territorial aos visitantes, principalmente àqueles que aqui pernoitem, entre o escuro da serra. (figura 78)

A segunda proposta de raiz decorre da necessidade de humanizar, de dar escala ao *plateau* central, gerado pela realização do aterro desmedido. Tira-se partido das construções semienterradas que formam o pátio alongado e que dão o mote para uma apropriação dissimulada no terreno mas, ainda assim, significativa para a apreensão de uma arquitetura intencional.

Deve possibilitar uma experiência humana sobre o grande *terraço*, instituí-lo como espaço habitado e, simultaneamente dar corpo à sua vertente sul, hoje selvagem, tornando a rocha visível, trazendo-a para a apreensão do homem. Esta intervenção deve reconectar o pátio a norte e as peças de artilharia a sul e recebe como conteúdo funcional o CIIA – Centro de Investigação e Interpretação da Arrábida.

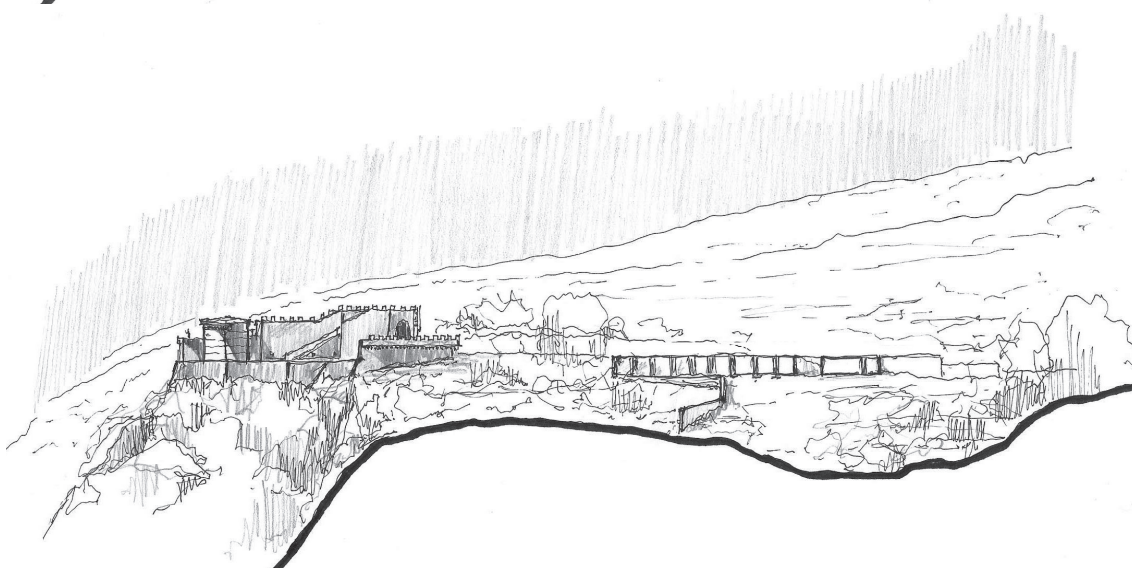
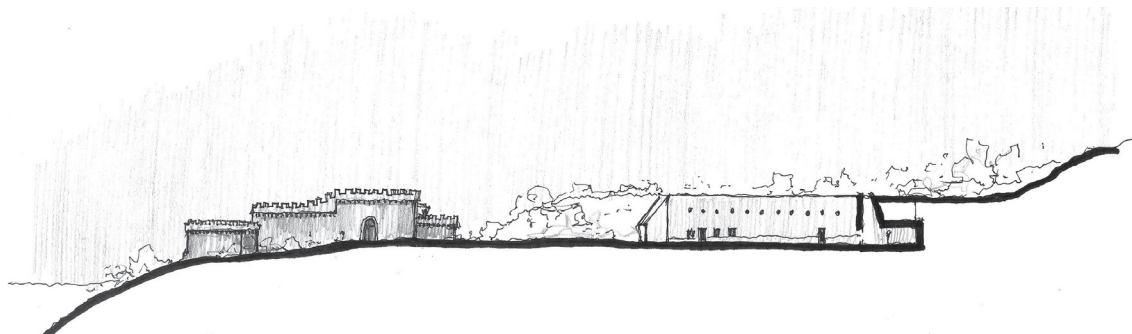
78. Vista noturna sobre Troia e Setúbal, 2013

Toda a Natureza é mensurável e a cultura é a parte da natureza que já foi medida. Medir é colocar ordem no confuso, sem quantificar não me oriento: perco-me. E o homem perdido tem medo. (...)
A cultura é assim a natureza a que retirámos o medo, como se este fosse uma substância, e esta substância desaparecesse com o acto de medir.

TAVARES, Gonçalo M. – *Opúsculo 14, Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura – Arquitectura, Natureza e Amor*. Porto: Dafne Editora, 2008, p. 3



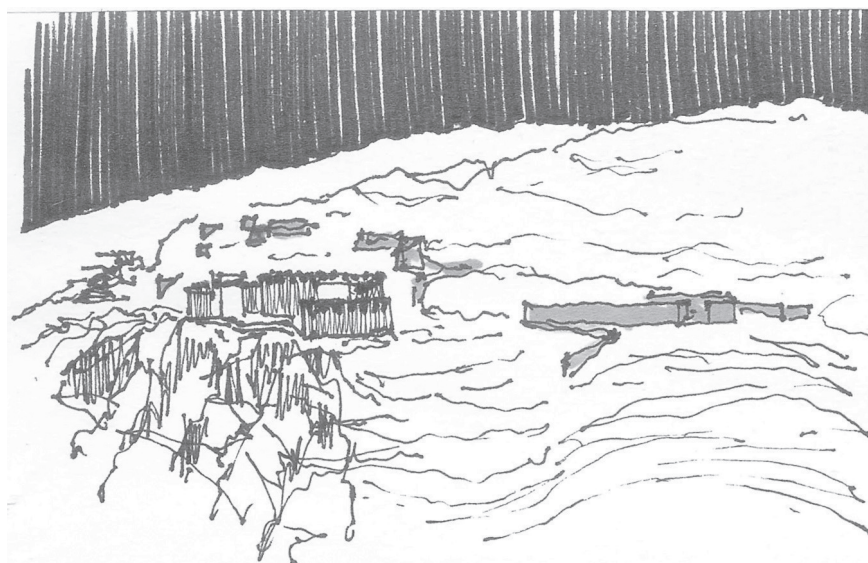




79. (página oposta)
Implantação da
proposta-conjunto

A Norte do Forte:
Alojamento e Cafeteria

A Poente do Forte:
Centro de Investigação
e Interpretação da
Arrábida



80. Esquissos da
proposta: perspectiva e
cortes gerais

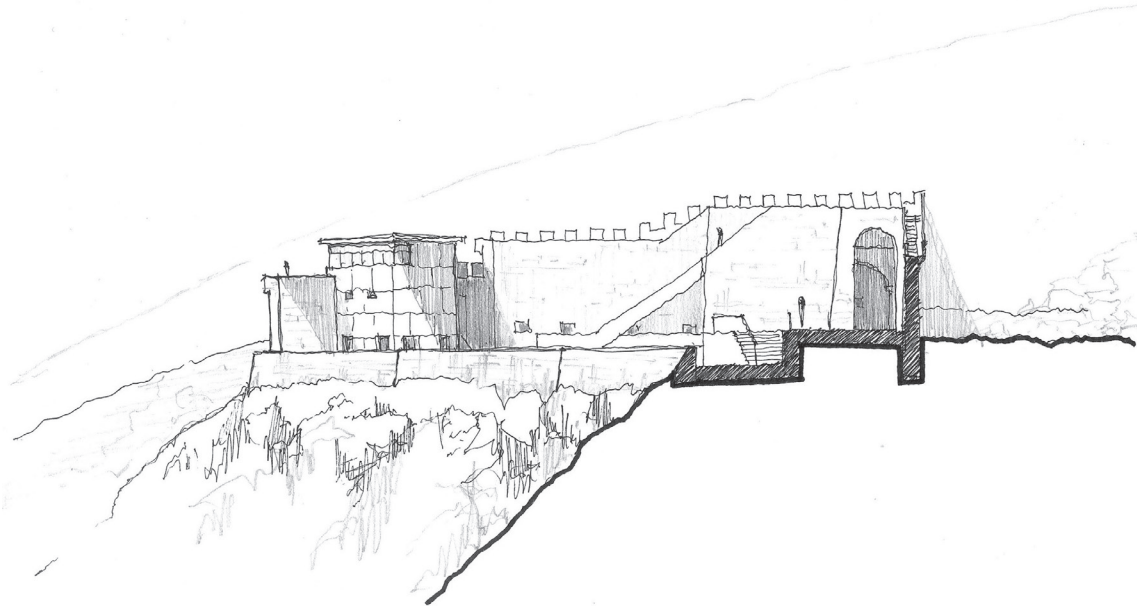
CAPÍTULO V

_O PROJETO

The presence of architecture – regardless of its self-contained character – inevitably creates a new landscape. This implies the necessity of discovering the architecture which the site itself is seeking.⁹¹

Tadao Ando

⁹¹ ANDO, Tadao – *Toward New Horizons in Architecture* In NESBITT, Kate – *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory 1965-95*. 1996 *op cit*, p. 461



5.1 | O FORTE VELHO

The monuments are not admonishments, but natural elements that are an integral part of this new landscape, presences that live immersed in an entropic territory: they create it, transform it and destroy it, they are monuments self-generated by the landscape, wounds man has imposed on nature, and which nature has absorbed, transforming their meaning, accepting them in a new nature and a new aesthetic.⁹²

No conjunto da 7ª Bateria⁹³, o Forte Velho assume-se como a mais notória peça ao nível da história e do património, mas também como o primeiro ato de transfiguração do lugar⁹⁴ pela mão do homem, razão pela qual se propõe uma pertinente manutenção da sua memória.

A intervenção pretende-se *leve*, evitando uma excessiva *equipamentalização* desta construção. Essencialmente, procura-se restituir a fruição dos diversos espaços do Forte, permitindo um acolhimento e uma visitação, e, simultaneamente, preservá-lo no seu valor próprio, sem adições mais agressivas. (figura 81)

O toque com o solo e a galeria de entrada

Em primeiro lugar, torna-se necessária uma intervenção na envolvente próxima do Forte, como se viu⁹⁵, pela anulação do terreno, a norte, e do

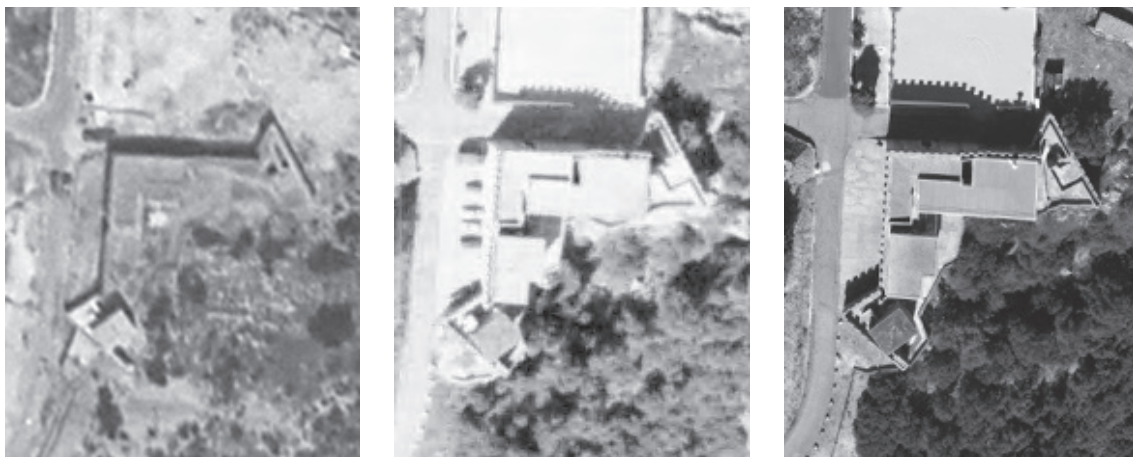
92 CARERI, Francesco – *Walkscapes, El andar como Práctica Estética*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002, p. 168

93 No decorrer da leitura deste capítulo pode ser consultado o Anexo 2, onde se encontram desenhos de processo e referências de projeto, recolhidas ao longo do trabalho

94 Veja-se o que diz Mircea Eliade sobre a fundação do lugar: *É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o "ponto fixo", o eixo central de toda a orientação futura*. MIRCEA, Eliade – *O sagrado e o profano*. 1992 *op cit*, p. 17

95 Reveja-se a p. 97 sobre *O que se anula*.

81. (página oposta)
Esquisso em corte do projeto no Forte Velho



pavimento cimentado, que adultera o *toque* da muralha com o solo.

Neste sentido, é restituído o enquadramento *bravio* original, através da naturalização do terreno e da reintrodução do coberto vegetal. O solo passa assim a ser permeável, sem demais *obstáculos* que prejudiquem a leitura da implantação da fortificação. (figuras 82 85)

Na galeria de entrada, (figura 83) a intervenção consiste apenas na manutenção do pavimento e no restauro das abobadas e paredes que as suportam. É ainda reaberto o segundo arco – encerrado nas obras de



82. Vistas aéreas sobre o Forte Velho (da esquerda para a direita) 1950, 1989 e 2008

Note-se que inicialmente o Forte tinha uma implantação sobre o terreno *baldo*. A sua envolvente foi sendo excessivamente humanizada, através do terreiro, a norte, delimitado por muretes, e do pavimento cimentado.

Note-se também, em 1950, a configuração original do Forte (já com a presença do P.O.), destituída pela introdução dos *pesados* edifícios do aquartelamento.

83. Fotomontagem da reabilitação da galeria de entrada

construção do aquartelamento – repondo a dupla permeabilidade desta frente. (figura 86)

Os caminhos de ronda e o Posto de Observação

Revogados os volumes do aquartelamento, o Forte voltará a ter a sua configuração inicial, um *simples* recinto exterior protegido pelas espessas muralhas, como um pátio voltado para a paisagem.

A *céu aberto*, o projeto passa essencialmente pelo desenho do pavimento e pelo controlo das cotas através de duas plataformas, que reinterpretam a simetria original do Forte e prolongam a materialidade pétreo. Estas funcionam como *esplanadas* abertas para a fruição da paisagem, interligadas por lanços de escadas e rematadas por guardas metálicas *claras e finas*. A *linha de soleira* destes volumes pretende-se *limpa e magnética*, como um pódio, de modo dar apoio à *horizontalidade* do mar.

Na cota inferior, o pavimento pretende-se abstrato, sem esterotomia, como uma superfície lisa e contínua, por oposição às paredes rugosas do Forte, sem nunca lhes tocar, deixando uma linha de sombra como remate entre os dois planos – *chão e muralha*.

São criados sub-espacos, que oscilam entre escalas mais individuais e coletivas, dentro do perímetro muralhado; e permitem um percurso deambulatório entre níveis, em sucessivos *caminhos de ronda*, num olhar vigilante, pontuado por momentos de paragem e contemplação.⁹⁶

No Forte, celebra-se, indubitavelmente, a grandiosidade da paisagem. *Ammarrado* ao rochedo, como se lhe completasse o destino pela sua disposição natural, desvela o maior ângulo de visão sobre a envolvente.

Daqui, conquista-se a experiência paradigmática de promontório,

⁹⁶ Veja-se o que diz Paulo Pereira, a respeito dos trabalhos de recuperação do património: *Motiva, ainda, uma interpretação permanente, que é dinâmica em si mesma, e que nos coloca a todos em contacto com aquilo a que costumamos chamar a quarta dimensão do património. É essa, obviamente, a "passagem" mais importante: a "passagem" de um mundo tridimensional e reconhecível, relativamente codificado e físico, para esse outro mundo, feito de memória, e conhecimento, muitas vezes imaterial e incorpóreo, o da cultura, simbolizado pela "aura" do lugar.* PEREIRA, Paulo – "Lugares de passagem" e o resgate do tempo. In Estudos/Património - IPPAR N.º 1 2001, p. 16

de projeção sobre a extensão do Oceano Atlântico, com as costas protegidas pela muralha, como se apenas numa situação resguardada e aconchegada houvesse a coragem para um confronto com o horizonte marítimo⁹⁷ – como se apenas a partir de um ponto seguro fosse possível a contemplação do sublime natural.⁹⁸

Os braços da fortificação operam como verdadeiros mirantes. O torreão nascente é reabilitado, assim como a escada de acesso, e no lado poente é restaurado o remate da muralha. Os espaços interiores do Posto de Observação são recuperados, podendo ser utilizados como pontos explicativos da história deste património. (figura 84)

Destaca-se a sua presença altiva, que carrega a vigorosa significância da *torre na paisagem, que contraria a gravidade da terra como centro; que afirma a vivência na direcção oposta ao enterro; que se distancia da realidade terrena; que simula um lugar de controlo num olhar vigilante.*⁹⁹

Por último, é redesenhada a escada de acesso ao *terraço*, sobre a galeria de entrada, através da reinvenção da escadaria original *de tiro*, parcialmente desaparecida. O momento chave da *subida à cobertura* é então marcado pelo único lanço que vence esta altura, propondo uma progressão ascendente contínua e *íngreme*, sem interrupções até à cota superior. Daqui – e apenas neste espaço – alcança-se a totalidade da paisagem nos vários quadrantes, não só da extensão marítima como das proeminências suaves do relevo da Arrábida. (figura 87)

A escada funciona como uma peça solta que não toca na muralha, agarrando parte da pré-existência original, e, intencionalmente, assume-se como intervenção nova, através do desenho e da materialidade.

84. (página oposta)
Esquisso geral da reabilitação do Forte e esquisso em corte pelo Posto de Observação

85. (página oposta)
Fotomontagem da vista exterior, do lado Poente do Forte

Note-se a presença do P.O. e a substituição do pavimento impermeável pelo coberto vegetal, que *harmoniza o toque* das muralhas com o solo.

86. (página oposta)
Fotomontagem da reabilitação da galeria semiexterior

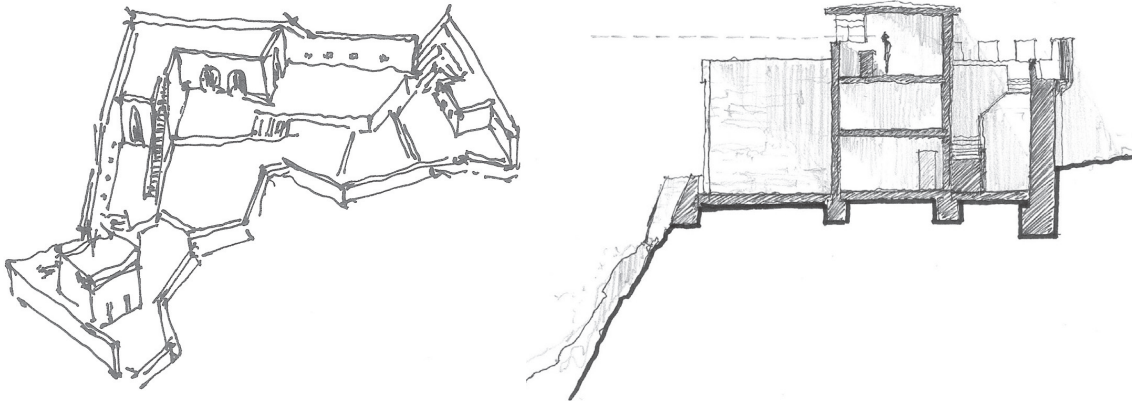
Note-se a abertura do segundo arco (comparar com as figuras 49 e 50).

87. (página oposta)
Fotomontagem do *terraço* (com o pavimento original) na cobertura da galeria, onde se alcança uma vista de 360°

97 Reveja-se as p. 70-73 sobre *O lugar de promontório e o horizonte*.

98 Veja-se a este respeito a análise feita por Alexandre Álvaro da arquitectura do Cabo Espichel. ÁLVARO, Alexandre Borges – *Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel: sentido para um restauro*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da UTL, 2010

99 BANDEIRA, Pedro – *Torre na paisagem, da utopia à distopia*. In *Jornal arquitectos* Nº 210, Março- Abril 2003, p. 63



5.3 | CONSTRUIR A NORTE

A construção a norte do Forte pretende conceder uma *face* à frente Nordeste–Nascente da 7ª Bateria, uma vez que atualmente apresenta-se como um espaço sem estrutura, *sem consistência*.

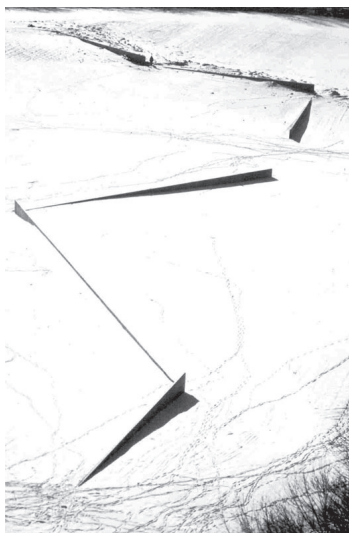
A intervenção implanta-se sobre a *cicatriz* provocada pela abertura do segundo acesso, realizado aquando da construção da 7ª Bateria. Este é excessivamente amplo, de uma escala desproporcionada ao contexto do sítio, pelo que a nova estrutura virá colmatar essa *ponta solta* do conjunto.

A nível funcional pretende, essencialmente, constituir-se como um dispositivo de controlo de entrada, que organize também a coexistência de carros e pessoas. Entre a estrada principal e o novo volume cria-se uma bolsa, um terreiro, delimitado por muros e pela própria vegetação, para o estacionamento de automóveis, onde estes devem permanecer, exceto casos pontuais. Em situações de emergências ou necessidade de cargas e descargas, é garantido o acesso aos restantes pontos da proposta.

Desenhar o Muro

O muro de contenção pré-existente é recuperado, sendo o ponto de partida para o desenho do novo volume. Aqui são reunidas pequenas estruturas de apoio logístico como uma receção aos visitantes, uma cafeteria e os espaços destinados ao alojamento.

A nova estrutura aproveita-se da topografia relativamente estabilizada pela estrada, evitando maiores alterações no terreno, e *agarra* o muro, como uma continuação da sua progressão na paisagem, como uma linha



88. *Shift*, Richard Serra, 1970-72

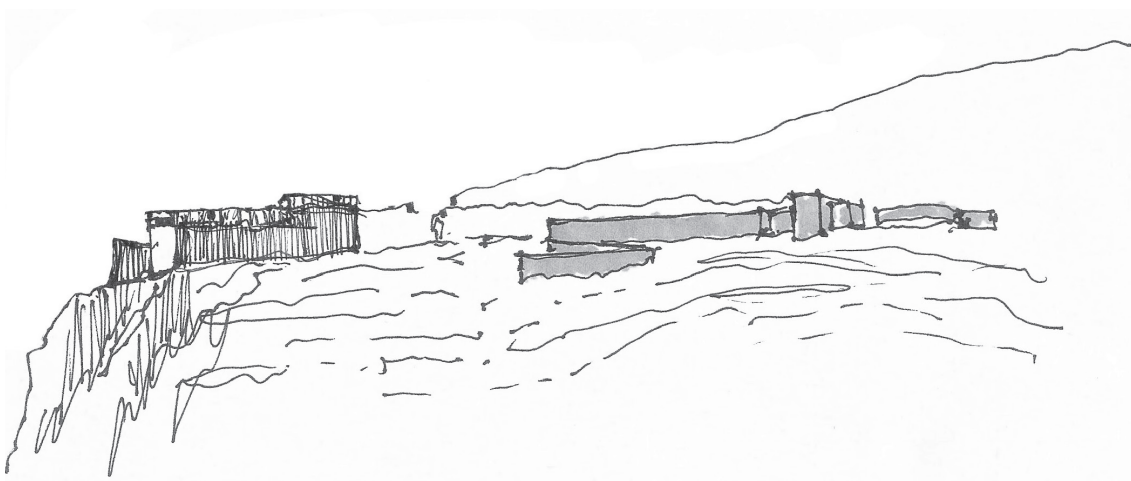
89. *Running Fence*, Christo and Jeanne-Claude, 2000

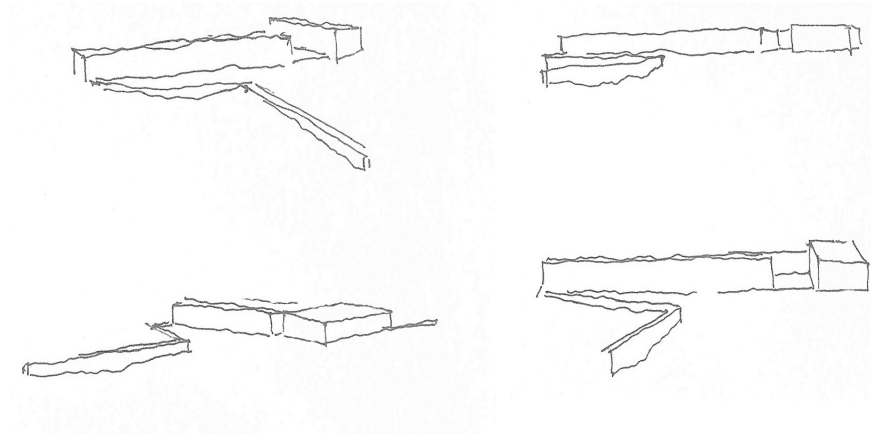
angulosa esboçada ao longo dessa vertente. (figuras 88 89) A pré-existência define assim um limite, criando um miradouro informal sobre Troia e a enseada de Setúbal, ao mesmo tempo que define uma *fronteira* entre os espaços públicos e privados.

90. (em baixo)
Esquisso da
implantação do
alojamento e cafeteria,
em relação com o Forte
e a encosta

O volume da cafeteria, afasta-se, criando um pátio aberto, que aproveita a vista para uma pequena esplanada. A nível formal, institui um remate na proposta – é simultaneamente um começo e um fim – resolvendo, funcionalmente, a área de serviços. (figura 90)

Importa sublinhar que não se pretende com esta intervenção um *grande empreendimento turístico*, mas antes uma pequena estrutura que permita





91. Esquissos do edifício-muro

pernoitar no lugar, com as condições *certas* de habitabilidade. As suas características simples, despojadas, reivindicam o isolamento do sítio, como uma espécie de ermitério.

Habitar na espessura

Os espaços de alojamento encontram-se agregados, formando, pela sua contuidade, o longo *edifício-muro*. (*figura 91*) Aparentemente enterrado do lado Sul, mostra-se apenas como um limite *baixo*, evitando um confronto direto com a presença do Forte.

Funciona como uma espessura habitada, um volume neutro, pontuado por rasgos que se pretendem abstratos, voltados a Nascente. Um muro permeável, que se desdobra e dilata.

O acesso a cada módulo é feito pelo lado poente, a partir do exterior, num espaço intersticial comprido entre o maciço rochoso e o edifício.

A tipologia definida pretende que os quartos funcionem como *celas*, lugares de introspeção individual. Os diferentes usos – dormir, trabalho, higiene e arrumos – encontram-se incorporados na espessura das paredes. (*figura 92*) A própria iluminação natural é oferecida através do *vão* alongado, que adquire a qualidade de espaço de contemplação, como um pequeno pátio privado, que dá acesso ao exterior, do lado Nascente.

Pretende-se evitar uma total abertura do quarto ao exterior. A significância

e o valor da paisagem é concedido pela relação pontual e controlada, não desmedida. Dentro de cada módulo, o espaço de trabalho é o único que tira partido direto da vista. (figura 93)

Deste modo, não só é assegurado o *acolhimento* e a *interioridade* de cada quarto, em oposição à vastidão da natureza *indefinida*, como é renegada a presença do vidro na fachada deste *muro*, que acarretaria brilhos e reflexos, em vez do vigoroso contraste luz-sombra que se procura.

São ainda desenhadas duas variações da tipologia: uma adaptada a visitantes com mobilidade reduzida; e outra *dupla*, formando uma camarata comum.

A privacidade de cada *cela* é garantida pela impossibilidade de passagem na frente nascente do volume, dado o declive da topografia e a presença do muro de contenção pré-existente.

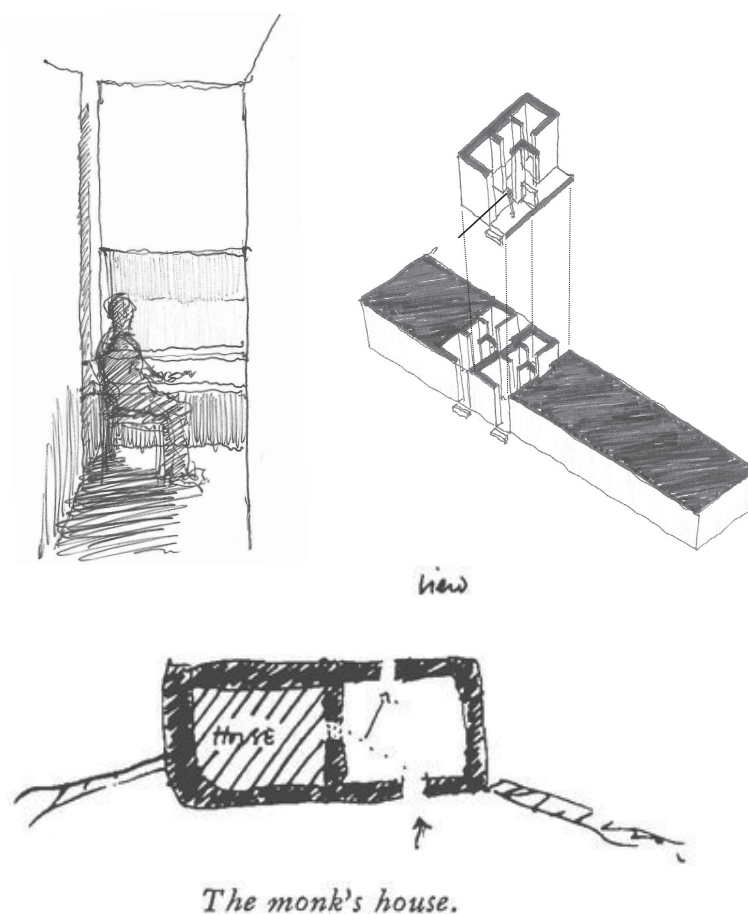
92. Esquisto do espaço de trabalho e esquema do habitáculo dentro da espessura do muro

93. (em baixo)
The monk's house,
Christopher Alexander

This is the essence of the problem with any view. It is a beautiful thing. (...) But the more open it is, the more obvious, the more it shouts, the sooner it will fade.

If the view must be visible from inside a room, make a special corner of the room which looks onto the view, so that the enjoyment of the view becomes a definite act in its own right.

ALEXANDER,
Christopher – *A Pattern Language*. New York:
Oxford University
Press, 1977, p. 643



5.2 | CONSTRUIR A POENTE

Ao contrário da proposta descrita no ponto anterior, que introduz uma nova estrutura formal de modo a resolver a carência de desenho, a construção a poente do Forte aproveita o aterro e a implantação das edificações pré-existentes como princípios ordenadores da intervenção.

Tanto o *plateau* como o pátio alongado necessitam de intencionalidade no traçado, de modo a conseguir clareza na relação homem-arquitetura-paisagem. A nível programático, o projeto receberá o Centro de Investigação e Interpretação da Arrábida, que pretende ser um espaço de permanência e trabalho, de confluência entre visitantes e investigadores.

A intervenção assume um compromisso com o lugar, validando as premissas de uma certa austeridade militar, do poder controlado, da racionalidade, despojamento e contenção.¹⁰⁰ Procura alguma simplicidade, dada a complexidade e riqueza do lugar; vive essencialmente da riqueza das transições entre espaços interiores, semiexteriores e exteriores e das entradas de luz natural.

Desenhar o Vazio

A primeira opção de projeto recai na reabilitação dos antigos edifícios de apoio à Bateria, que trespassam, pela sua relação com o terreno, a imagem de *trincheiras*. Estas edificações semienterradas sugerem uma estratégia formal pouco visível, maioritariamente debaixo do solo, remetendo para o imaginário militar que o sítio incute, nomeadamente através dos corredores e paíóis subterrâneos das peças de artilharia.

Reinventar-se uma arquitetura que não é apreendida de forma imediata,

¹⁰⁰ Reveja-se as p. 73-77 sobre *A experiência fenomenológica e a carência de sentido*



94. *Displaced/replaced mass*, Michael Heizer, 1969

por se tratar de uma construção por subtração na topografia. (figura 94)

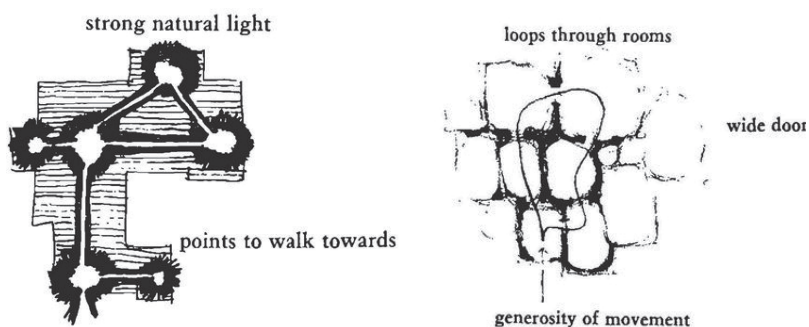
95. *Dissipate #8 of nine nevada depressions*, Michael Heizer, 1968

O projeto tira proveito da *massa regularizada* gerada pelo aterro e desenvolve-se segundo elementos morfológicos simples, através de câmaras, marcadas por entradas de luz zenital, galerias que se prolongam como linhas desenhadas no terreno, (figura 95) e pátios profundos, numa relação vertical com o céu.

Tratando-se de uma intervenção enterrada, os dois princípios base de projeto residem na ponderada definição da iluminação natural, que guia um circuito pela nova estrutura, e a fluidez do percurso deambulatório permitindo uma *generosidade do movimento*. (figura 96)

(...) *alternating areas of light and dark throughout the building, in such a way that people naturally walk toward the light, whenever they are going to important places (...)*¹⁰¹

96. *Padrões*, entradas de luz natural e circuito deambulatório, Christopher Alexander



101 ALEXANDER, Christopher – *A Pattern Language*. 1977, op cit, p. 646

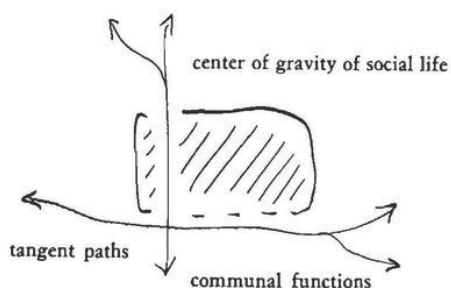
O edifício em percurso

A questão da interpretação e da leitura da paisagem não se resume apenas ao conteúdo vivo que esta estrutura irá receber, mas estende-se também ao próprio desenho do projeto. Deste modo, o novo edifício, que parte do pátio alongado e das construções pré-existentes, pretende funcionar essencialmente como uma estrutura deambulatória, representativa do sentido deste lugar, que proporcione o abrigo, o movimento, o espreitar, a vigilância, a transição, *o caminhar como prática estética*¹⁰² e interpretativa.

Este princípio da leitura do território pelo corpo e o seu movimento relembra os ensaios do movimento *Land Art*, em particular de Ricard Long: (figura 96)

*The body is a tool for measuring space and time. Through the body Long measures his own perceptions and the variations in atmospheric agents, he uses walking to capture the changes in the direction of the winds, in temperature and sounds. To measure means identifying points, indicating them, aligning them, circumscribing spaces, alternating them in keeping with a rhythm and a direction, and here again Long's work has primordial roots: geometry as the measure of the world.*¹⁰³

Tratando-se de um edifício em percurso, a sua descrição é apresentada como tal. A aproximação ao CIIA começa então no pátio alongado, esculpido entre a edificação pré-existente e a rocha. Este funciona como um nó de ligações: para a área administrativa, para as salas de trabalho e investigação e para a receção ao público.



97. Centro de gravidade da vida social, Christopher Alexander

102 Expressão retirada do livro CARERI, Francesco – *Walkscapes, El andar como Práctica Estética*. 2002 *op cit*

103 CARERI, Francesco – *Walkscapes, El andar como Práctica Estética*. 2002 *op cit*, p. 148

98. *A Line Made by Walking*, Richard Long, 1967

A Line Made by Walking produces a sensation of infinity, it is a long segment that stops at the trees that enclose the visual field, but could continue around the entire planet. (...) it is also unmistakably the result of the action of a body, and it is an object, a something that is situated between sculpture, a performance and an architecture of the landscape.

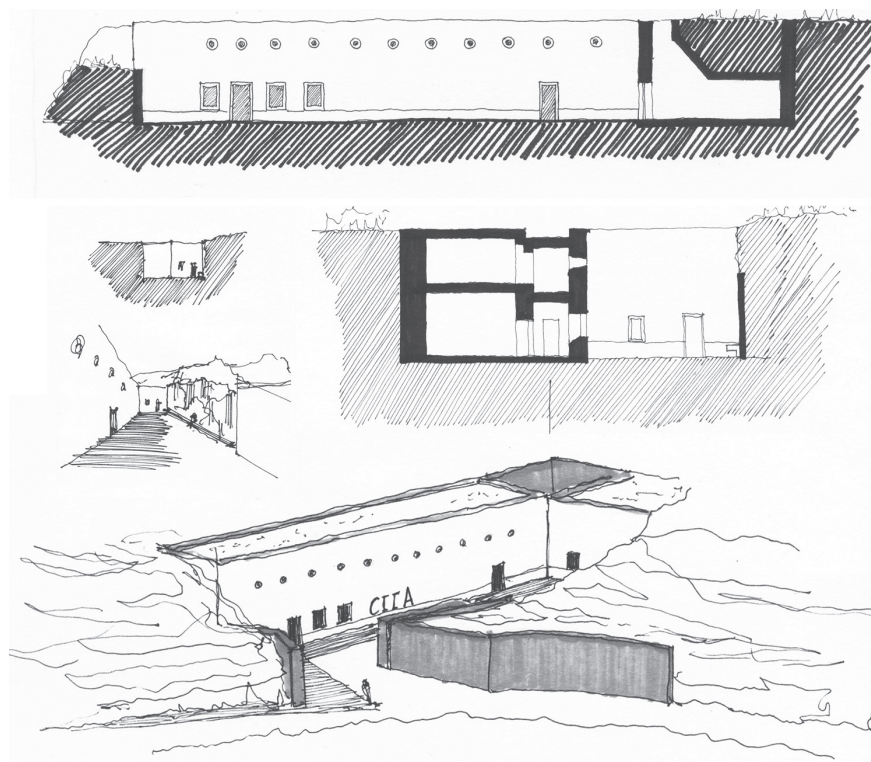
CARERI, Francesco – *Walkscapes, El andar como Práctica Estética*. 2002 *op cit*, p. 144



Este *pátio-pivot* constitui um *centro vivo* entre diversos intervenientes e permite que as funções se distribuam de forma autónoma. (*figura 97*)

O edifício pré-existente desenvolve-se em dois pisos, sendo introduzido um novo acesso entre eles. A sua configuração permite receber os espaços dedicados à administração e à investigação. Pretende-se que seja possível um diálogo entre investigadores e o público em geral. Nesse sentido, as áreas de trabalho funcionam como ateliers abertos, recebendo iluminação natural através dos óculos e das chaminés de luz.

A edificação no topo do pátio, que corresponde à antiga central elétrica da 7ª Bateria, funcionará como área de receção ao público visitante, servindo como ponto de informação e de controlo de entradas. A partir deste momento, desenvolve-se a nova estrutura subterrânea. (*figura 99*)



99. Esquissos do primeiro pátio e das edificações pré-existentes

Através deste espaço, tem-se acesso à área de recepção ao público (no volume de topo), aos gabinetes de administração e de investigação (no volume alongado).

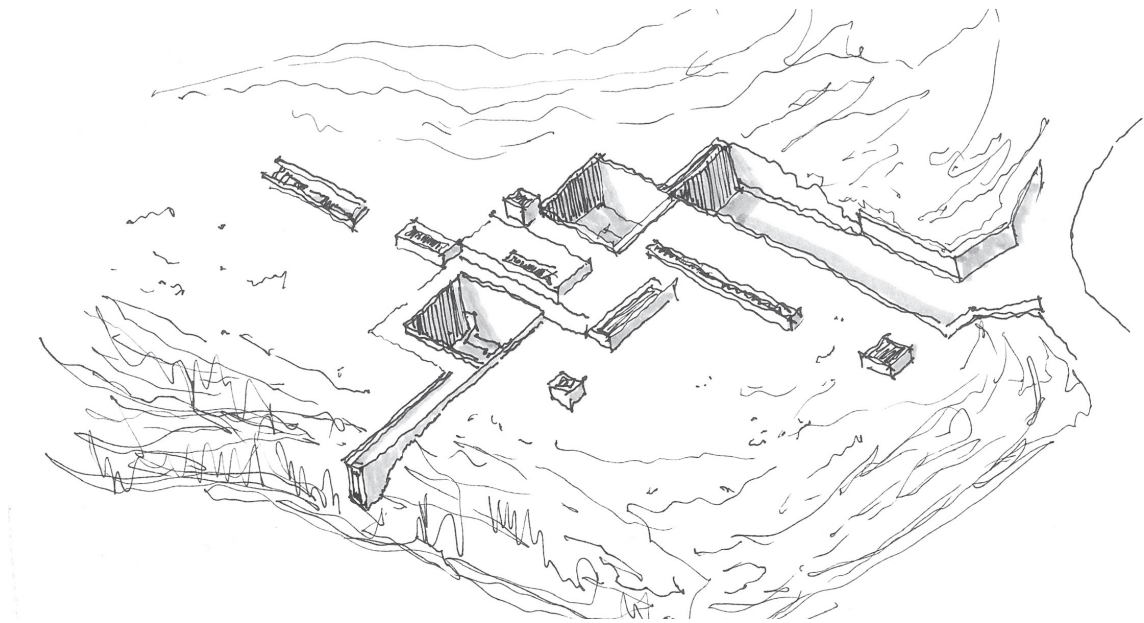
O primeiro espaço é um segundo pátio, um intervalo onde se desenvolve uma rampa até à entrada seguinte. Novamente no interior, o percurso distribui-se a partir do átrio central que oferece a escolha entre vários caminhos.

A exposição permanente desenvolve-se em dois níveis, interligados por rampas, permitindo áreas com duplo pé direito, com conexões visuais entre elas, onde a luz natural escorre pelas paredes maciças. As exposições temporárias ocorrem em duas amplas câmaras *gêmeas*, permitindo uma maior flexibilidade do uso destes espaços.

O terceiro pátio funciona novamente como um vazio articulador entre as salas expositivas e a galeria que se prolonga até ao exterior, procurando a luz e o enfiamento do mar. (figura 101)

O novo edifício possibilita ainda uma conexão para o exterior, para o *plateau* à cota superior, onde o acesso surge como uma fenda no terreno. Este aterro, atualmente descaracterizado, passará a ser lido como lugar humanizado, em confronto com a paisagem natural.

Aqui procura-se uma lógica relação entre o que está enterrado e o que

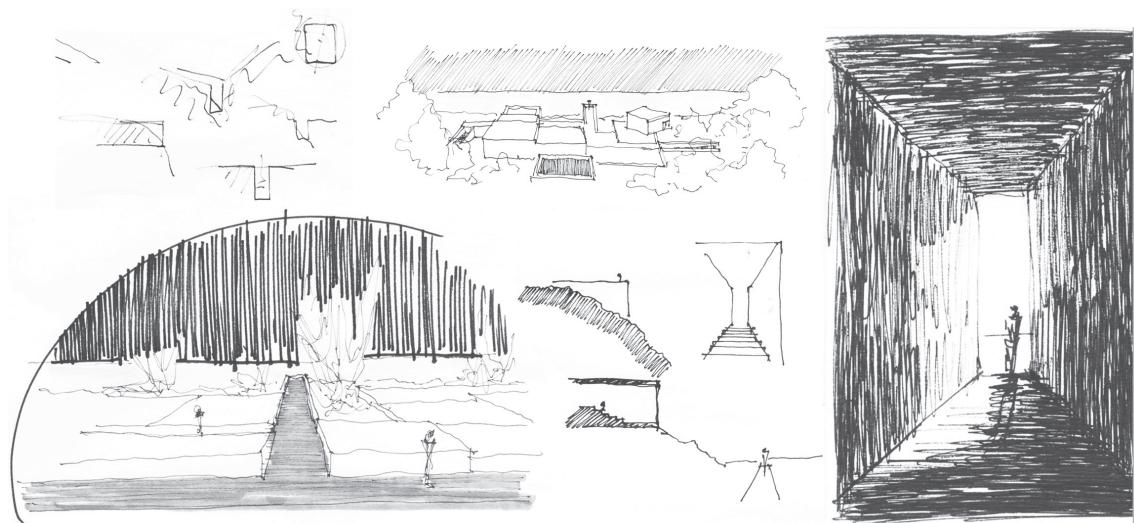


100. Esquisso da vista geral do CIAA

está visível: as entradas de luz para os espaços interiores, sobressaem no terreno, os pátios evidenciam-se e o pavimento desenha, à cota superior, circulações pedonais, criando áreas de estar ao ar livre. (figura 100)

101. (em baixo) Esquissos da galeria, que possibilita uma dupla visão sobre a paisagem: através do espaço interior ou da correspondente cota superior, um mirante a céu aberto

Reconhecendo o valor do detalhe, das ambiências, das texturas, também a materialidade reafirma a experiência fenomenológica do lugar. O projeto assume o betão estrutural, plástico e tectónico, com remates de peças metálicas, associando-se assim às pré-existências militares, também elas de encorpadas paredes em betão armado; preserva-se o Forte como a peça protagonista: a única a fazer uso da nobreza da pedra.



5.4 | A BATERIA

Relativamente à bateria, propriamente dita, de três peças de artilharia alinhadas, a intervenção é de menor escala, mas ainda assim de elevada pertinência e urgência. Pretende-se, essencialmente, restituir a dignidade dos vários elementos, hoje danificados e vandalizados, pelos já longos anos ao abandono.

As acções devem garantir a protecção e restauro das estruturas e uma salvaguarda e tratamento do espólio. Cada peça de fogo é composta por um sistema integrado, que compreende a arma e a estrutura que a suporta, os respetivos paióis subterrâneos e uma pequena edificação de apoio. (figuras 102 103 104)

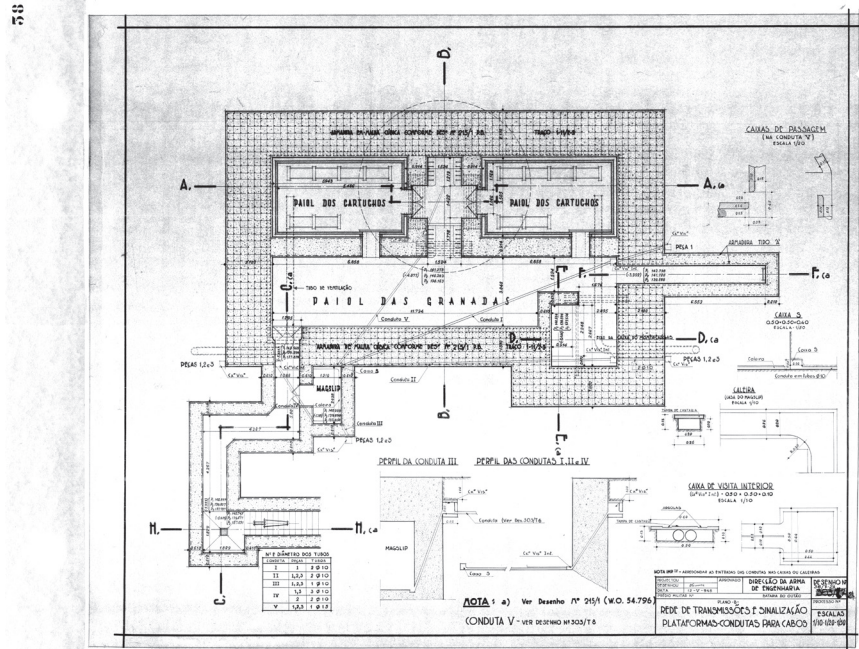
Além da forte imagem paradigmática que os canhões imprimem a este flanco da encosta, as escadas de acesso à estrutura enterrada, na cota inferior, constituem marcas humanas extremamente expressivas: longas fissuras incisivamente talhadas no terreno. (figura 105 107)

Através da reabilitação dos seus diversos componentes, a bateria funcionará como um *museu de si mesma*, através de percursos e pontos explicativos, de modo a comunicar o seu próprio passado. O visitante é, mais uma vez, levado a palmilhar a paisagem, numa interpretação e constante descoberta do sítio, pelo andar e pelo movimento. (figura 105)

O projeto passa, fundamentalmente, pela anulação do pavimento asfáltico e pela recuperação de todas as estruturas, a colocação de iluminação, de guardas metálicas e a introdução de uma simples plataforma no terreno, entre a primeira e segunda peças, como lugar de paragem e contemplação.¹⁰⁴ (figuras 108 109)

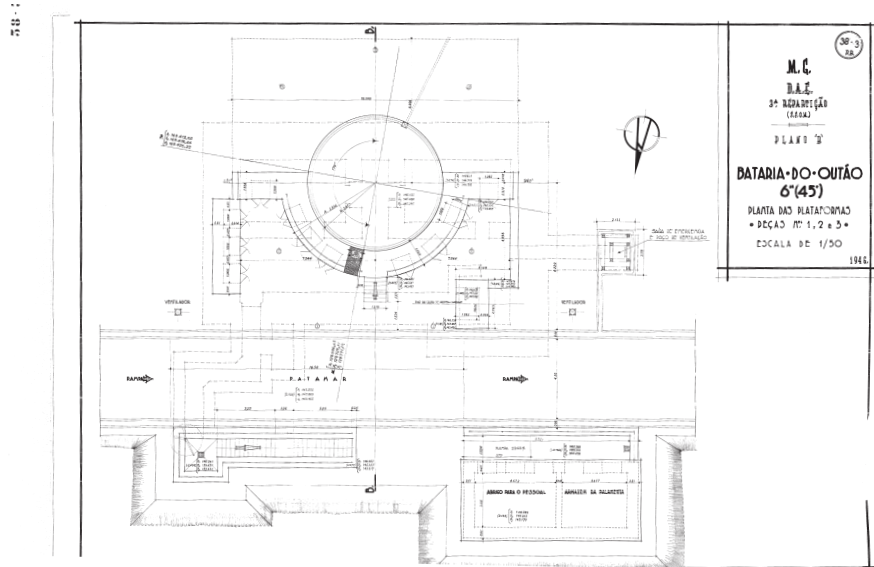
104 Veja-se o caso do Miradouro Turó de la Rovira nos arredores da cidade de Barcelona, p. 125

102. Planta dos paíós subterrâneos das granadas e cartuchos, 1946

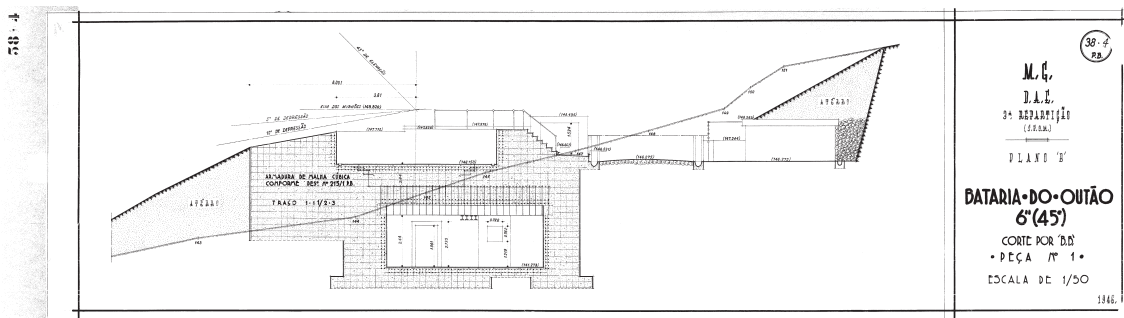


103. Planta à cota superior, 1946

Note-se os vários elementos do sistema de cada peça: arma de fogo, escada de acesso aos paíós, abrigo para o pessoal, armazém da palamenta, monta cargas e saída de emergência.



104. Corte transversal pela estrutura da peça de artilharia, 1946





105. Fotomontagem das peças de artilharia recuperadas, sem o pavimento asfáltico

106. Fotomontagem da escada de acesso aos paíóis subterrâneos

A escada que conduz ao porão, descemo-la sempre. É a descida que fixamos em nossas lembranças, é a descida que caracteriza o seu onirismo.
BACHELARD, Gaston – *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1957, p. 43

107. Fotomontagem das peças de artilharia

Note-se o vão rasgado de acesso aos paíóis.



108. Corte e perspectiva sobre as peças de artilharia

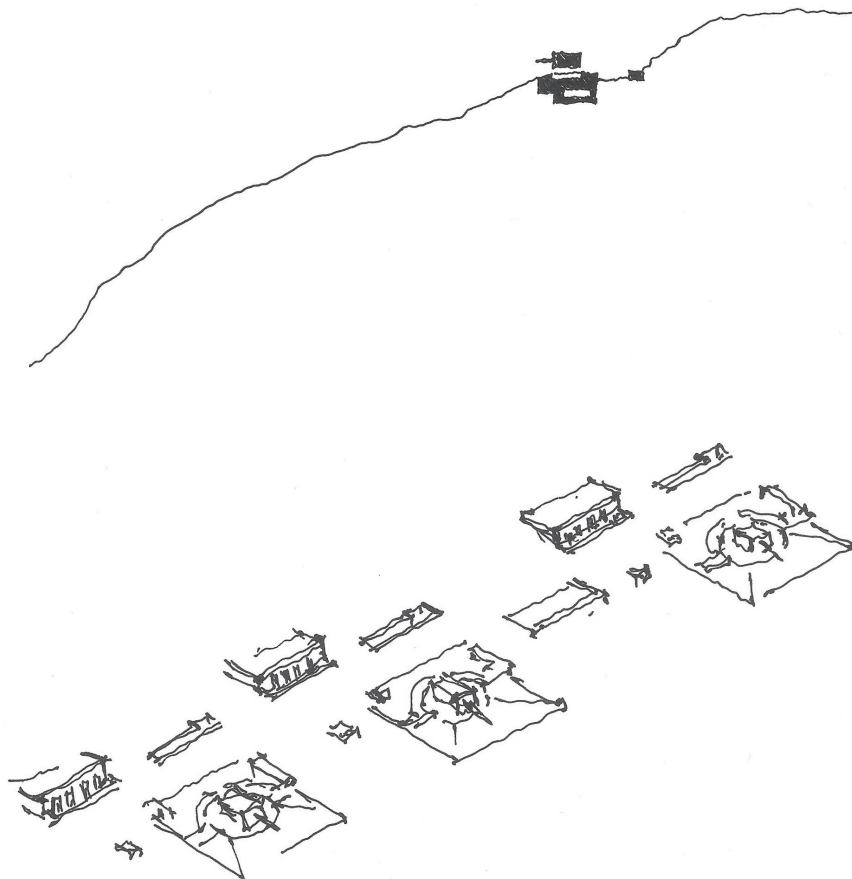
109. Turó de la Rovira, Barcelona, 2013

Turó de la Rovira é um lugar marcado pela presença do Bunker del Carmel, construído em 1937 como bateria antiaérea durante a Guerra Civil espanhola.

Em 2011, após um período de reabilitação *pouco profunda*, foi inaugurado como miradouro e espaço histórico da cidade.

(...) el proyecto arquitectónico que lo convierte no sólo en un balcón sobre la ciudad de Barcelona, sino también en un mirador al pasado.

Veja-se o trailer do documentário *La Intervenció Invisible*, disponível em <http://vimeo.com/78620019>



CAPÍTULO VI
_CONSIDERAÇÕES FINAIS

Socialmente, a procura da «paisagem», dos «lugares», do «património» vivido ou percebido, desdobra-se numa heterogeneidade de conteúdos e significações por vezes vagas e contraditórias. Percebe-se, no ruído, uma vontade de reconstituir uma identidade e um enraizamento local, uma defesa de valores naturais e ecológicos, uma necessidade de qualificar o quadro de vida quotidiano, mas também (e, sobretudo agora) de chamar a atenção sobre patrimónios e lugares excepcionais.¹⁰⁵

A investigação desenvolvida recaiu sobre o entendimento do lugar da 7ª Bateria do Outão como um espaço de exceção, singular, detentor de um panorama ímpar sobre a foz do rio Sado, suscitando inquietações que cruzam os mundos da Arquitetura, do território, da paisagem e do Património. Ainda assim, o deslumbramento que o lugar provoca é, atualmente, proporcional ao seu estado de abandono e desconhecimento comum, razão pela qual despertou uma enorme empatia, interesse e envolvimento pessoal e, conseqüentemente, constituiu um desafio a todos os níveis.

A extensão dos temas levantados e a falta de dados *a priori*, despoletou a realização de uma ampla análise do território, enquadrado em perímetros distintos, de crescente aproximação ao lugar: a defesa da barra do Tejo e do Sado, as particularidades únicas do espaço da Arrábida e a singularidade da região do Outão.

No entanto o enfoque principal do trabalho foi sempre a premência da leitura da especificidade da 7ª Bateria. Para a sua total compreensão foi dividida uma análise em três partes. A investigação histórica facilitou a tomada de consciência da presença de significativos elementos de valor patrimonial; a observação das características formais permitiu discernir o modo como o lugar se comunica ao sujeito que o permeia; e a apreensão da experiência fenomenológica possibilitou a compreensão da *personalidade* vincada do lugar, mas deu conta, simultaneamente, duma carência de sentido existencial, próprio da arquitetura.

105 DOMINGUES, Álvaro – *A paisagem revisitada*. In Finisterra: Revista portuguesa de geografia, Vol.36, Nº 72, p. 62

Esta insuficiência tornou-se perceptível e tangível através da referência ao *templo grego*, descrito por Heidegger, como um acontecimento de verdade que inaugura o lugar, trá-lo à luz da revelação e reúne, numa totalidade, toda a envolvente. Na presença do *templo*, isto é, da arquitetura *do e para* o lugar, todas as coisas – a tempestade, a pedra, o dia, o céu, a noite, o ar, o mar, a árvore, o animal – adquirem a sua autêntica essência, aparecem como são: o templo atribui verdadeiramente *às coisas o seu rosto e aos homens a vista de si mesmos*.¹⁰⁶

Assumida a necessidade deste evento de reunião e simultaneidade, a intervenção na 7ª Bateria não se poderia restringir a uma mera operação de reconversão ou restauro. Tornou-se necessário desenhar o lugar, trazê-lo à clarividência, pôr *chão-debaixo-dos-pés* num sítio que, embora ocupado no passado pelo homem, não fora *instaurado como mundo*, permanecendo informe, sem estrutura.

O completo entendimento desta questão – e da importância basililar que reside nela – deu desenvolvimento à reflexão sobre a proposta de intervenção.

Ocupado por construções *menos dignas*, foi necessário *auscultar* o lugar, compreender os elementos que eram essenciais para a sua consagração e que, por isso, deveriam ser preservados; e os componentes que eram excedentes e aptos a serem eliminados.

O projeto pretende funcionar como um todo, uma solução de conjunto, capaz de conceder totalidade, integridade, completude. Ainda assim, para facilidade de comunicação, é possível aferir quatro momentos chave da proposta, que não funcionam isoladamente, mas *amarrados* entre si.

Pela reabilitação do Forte Velho, alcança-se a experiência paradigmática do promontório, *frente-a-frente* com o horizonte, num sentido de projeção exponencial sobre a paisagem, como o extremo vértice do lugar.

A Norte do Forte, no projeto do alojamento, de longa ou curta duração, para investigadores ou meros viajantes, articulam-se, num edifício-muro, as escalas do momento mais privado da proposta – os espaços de dormir

106 HEIDEGGER, Martin – *A origem da obra de arte*. 1999 *op cit*, p. 33

e introspecção, em *celas* individuais – com a escala pública da recepção e cafetaria.

A Poente, no projeto do Centro de Investigação e Interpretação da Arrábida, pretende-se um retorno ao subsolo, uma construção pelo vazio, que se agarra à pré-existência semienterrada. Esta dá o mote para uma intervenção menos visível, camuflada, seguindo o imaginário militar das trincheiras, dos paióis, dos calabouços. Estabelece-se uma relação entre aquilo que está oculto e o que sobressai à cobertura do *plateau*, humanizando-o, atribuindo-lhe uma face, pelas enigmáticas peças pontuais que se revelam, na procura da luz natural e da paisagem.

A reabilitação da frente sul, ocupada pela *insólita* imagem das peças de artilharia, pretende oferecer pontos explicativos sobre esta ocupação. É marcada por uma experiência quase *distópica*, que suscita o mistério, a curiosidade de *sucumbir ao enterro* nos paióis, enquanto as armas de fogo são apontadas à doçura da paisagem.

O projeto reúne as condições para a preservação da memória do património construído, propondo, não o *monumento* enquanto objeto possuidor de informações neutras, mas criando uma natureza afetiva, despoletando *memórias vivas*.

O tema da interpretação e da resignificação do território esteve presente em todas as fases do trabalho, demonstrado nas suas vertentes prática e teórica. No seu conjunto, o projeto estimula uma constante leitura do território, pela percepção demorada e contínua, pela apreensão do lugar pelos sentidos e pela experiência deambulatória. É privilegiada a presença do corpo e do movimento, através da criação de espaços capazes de suscitar a surpresa, a contemplação, a fluidez do percurso, com limites claros e integradores, entre a luz e a sombra.

Em suma, procurou-se, através de uma nova fase da vida deste território, conservar e enfatizar a sua especificidade, transformando o lugar de defesa – que nunca chegou a desempenhar efetivamente este propósito original – num lugar *ao serviço* da leitura e da contemplação, através da experiência indelevelmente marcante e primordial do encontro entre a arquitetura e a paisagem.

FONTES DOCUMENTAIS

I BIBLIOGRAFIA

ABREU, Pedro Paulo da Silva Marques de – *Os palácios da memória. Percurso crítico sobre o restauro da arquitectura*. Lisboa: FAUTL, 1997. Tese de Mestrado

ABREU, Pedro Paulo da Silva Marques de – *Palácios da memória II: a revelação da arquitectura*. Lisboa: FAUTL, 2007. Tese de Doutoramento

ABREU, Pedro, Ana Sofia Guerra, Catarina Mascarenhas e Frederico Vicente – *Á Soleira do Infinito: arquitectura e paisagem no lugar de Cacela Velha*. In Anais do Seminário Internacional Patrimônio e Paisagem em espaços lusófonos e hispânicos, FAU-UFRJ (org. Professor Doutor Luiz Manoel Cavalcanti Gazzaneo), 2012

ALMEIDA, João de – *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Lisboa: Edição do autor, 1947

ÁLVARO, Alexandre Borges – *Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel: sentido para um restauro*. Lisboa: FAUTL, 2010. Tese de Mestrado

ALEXANDER, Christopher – *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977

ANDRESSEN, Sophia de Mello Breyner – *Histórias da Terra e do Mar*. Lisboa: Texto Editora, 1989

ANDRESSEN, Sophia de Mello Breyner – *Ilhas*. Lisboa: Texto Editora, 2001

ANDRESSEN, Sophia de Mello Breyner – *Obra Poética I*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1992

ANDO, Tadao – *Pensé sur l' espace souterrain*. In L'architecture d'aujourd' hui Nº 340, Maio-Junho 2002, p. 58-67

BACHELARD, Gaston – *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998

BACHELARD, Gaston – *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1957

BANDEIRA, Pedro – *Torre na paisagem, da utopia à distopia*. In Jornal arquitectos Nº 210, Março- Abril 2003, p. 63-68

BOIÇA, Joaquim Ferreira, e outros – *As Fortificações Marítimas da Costa de Cascais*. Lisboa: Quertzal Editores, 2001

BRANDÃO, Raul – *Os Pescadores*. Lisboa: Estúdios Cor, 1966

CALLIXTO, Carlos Pereira – *Fortificações Marítimas do Conselho de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal, 1986

CARERI, Francesco – *Walkscapes, El andar como Práctica Estética*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002

CARITA, Rui – *A Cidadela de Cascais: Pedras, Homens e Armas*. Lisboa: Estado Maior Do Exército, 2003

CARQUEIJEIRO, Eduardo (compilação e organização), Vários – *O Desafio da Arrábida: 20 anos de histórias do Parque Natural da Arrábida*. Setúbal: PNA e ICN, 1996

CRUZ, Frei Agostinho – *Obras de Frei Agostinho da Cruz, com prefácio e notas de Mendes dos Remédios*. Coimbra: França Amado, 1918

DOMINGUES, Álvaro – *A paisagem revisitada*. In Finisterra: Revista portuguesa de geografia, Vol.36, Nº 72, p. 55-66

FRAMPTON, Keneth – *Introdução ao estudo da cultura tectónica*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1998

FREIRE, Ana Lúcia e outros – *Parque Natural da Arrábida, Plano de Ordenamento*. Setúbal, 1996

GAMA, Sebastião da – *Serra-Mãe*. Lisboa: Portugália Editora, 1945

HEIDEGGER, Martin – *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1999

HEIDEGGER, Martin – *Construir, habitar, pensar*. Ensaios e conferências. Petrópolis: Vozes, 2001

KAHN, Louis – *Conversations with students*. Texas: Princeton Architectural Press, 1998

LEACH, Neil – *A Anestésica da Arquitectura*. Lisboa: Antígona, 2005

LOBO, Francisco Sousa – *Decifrar a arquitectura militar*. In Revista *Arquitectura e Vida* Nº 51, Novembro 2004

LOBO, Francisco Sousa – *O homem e a fortificação urbana*. In Revista *Arquitectura e Vida* Nº1, Fevereiro 2000

MERLEAU-PONTY, Maurice – *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999

MIRCEA, Eliade – *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992

MOREIRA, Rafael – *A arquitectura militar, História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986

MOREIRA, Rafael – *Edificações Militares: um percurso*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional, 1999

NESBITT, Kate – *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory*. New York: Princeton Architectural Press, 1996

NORBERG-SCHULZ, Christian – *A paisagem e a obra do homem*. In *Arquitectura: revista de arte e construção* N° 102, Março-Abril 1968, p. 52-58

NORBERG-SCHULZ, Christian – *Architettura: presenza, linguaggio e luogo*. Milano: Skira, 1996

NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. Edinburgh: Ed. Rizzoli, 1991

NUNES, António Pires – *Dicionário de Arquitectura Militar*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2005

ORTIGÃO, Ramalho – *As Praias de Portugal, Guia do Banhista e do Viajante*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943

PALLASMAA, Juhani – *The Eyes of the Skin, Architecture and the Senses*. Academy Editions, 1996

PEDRO, José Gomes e Isabel Silva Santos – *Flores da Arrábida: Guia de campo*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, Parque Natural da Arrábida, 1998

PEREIRA, Mariana Calvete – *Itinerâncias e Percursos da Memória, Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Lisboa: FAUTL, 2013. Tese de Mestrado

PEREIRA, Paulo – *Castelos e Fortalezas: pequena reflexão (meramente) teórica*. In *Pedra & Cal* N° 15 Julho, Agosto e Setembro 2002, p. 18-19

PEREIRA, Paulo – *Colecção Lugares Mágicos de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2009

PEREIRA, Paulo – *“Lugares de passagem” e o resgate do tempo*. In *Estudos/Património - IPPAR* N.º 1 2001, p. 6-16

PIMENTEL, Sofia Isabel Tojeiro – *A Adaptação de Fortalezas Abaluartadas a Novos usos*. Lisboa: ISTUTL, 2010. Tese de Mestrado

PORTOCARRERO, Gustavo – *Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna: uma visão social*. Lisboa: Edições Colibri, 2003

RIBEIRO, Orlando – *A Arrábida: Esboço Geográfico*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1986

RIBEIRO, Orlando – *Mediterrâneo: ambiente e tradição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987

RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: João Sá da Costa Editora, 1993

RIBEIRO, Orlando e Hermann Lautensach – *Geografia de Portugal: a posição geográfica e o território*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2000

RIBEIRO TELLES, Gonçalo – *Paisagem Território*. In AP Arquitectura Paisagista Nº 7, Junho a Dezembro, 2011

SARAMAGO, José – *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho, 2009

TAVARES, Gonçalo M. – *Opúsculo 14, Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura – Arquitectura, Natureza e Amor*. Porto: Dafne Editora, 2008

TÁVORA, Fernando – *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP, 2006

VICTOR, Isabel – *Castelos e Fortalezas da Costa Azul*. Setúbal: Região de Turismo da Costa Azul, 1993

ZUMTHOR, Peter – *Atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, SL, 2006

ZUMTHOR, Peter – *Pensar a Arquitectura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, SL, 2009

II WEBGRAFIA

IGESPAR | <http://www.igespar.pt>

SIPA | <http://www.monumentos.pt>

ICNF | <http://www.icnf.pt>

Biblioteca Nacional Digital | <http://purl.pt/index/geral/PT/index.html>

Arquivo Histórico Militar | <http://arqhist.exercito.pt>

Projeto SIDCARTA (Direção de Infraestruturas do Exército) | <http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/bin/wxis.exe/bibliopac/?IsisScript=bin/bibliopac.xic>

Arrábida a Património Mundial | <http://m.setubalpeninsuladigital.pt/index.html>

Secil | <http://www.secil.pt>

Sítio Oficial Orlando Ribeiro | <http://www.orlando-ribeiro.info>

III FILMOGRAFIA

Nunes, Virgílio – *Setúbal Sanatório do Outão*, 1930

Disponível em:

<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=5321&type=Video>

COSTA, José Fonseca e – *E Era o Vento... e Era o Mar*, 1966

OLIVEIRA, Manoel de – *O Convento*, 1995

AMRS – *Arrábida a Património Mundial*, 2010

Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=nnCcfWQiRy0>

AMRS – *Arrábida Imaterial*, 2010

Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=dCHQpD8l3to>

GUERREIRO, Ricardo e Luís Quinta – *Arrábida: Da Serra ao Mar*, 2013

Disponível em:

<http://eco123.info/mediateca/documentario-arrabida-da-serra-ao-mar/>

SIC – *Abandonados: Regimento de Artilharia de Costa*, 2014

Disponível em:

<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/abandonados/2014-04-28-abandonados-regimento-de-artilharia-de-costa>

DOCUMENTOS ANEXOS

ANEXO 1 | CADERNO DE ANÁLISE

Do(s) Território(s) ao Lugar

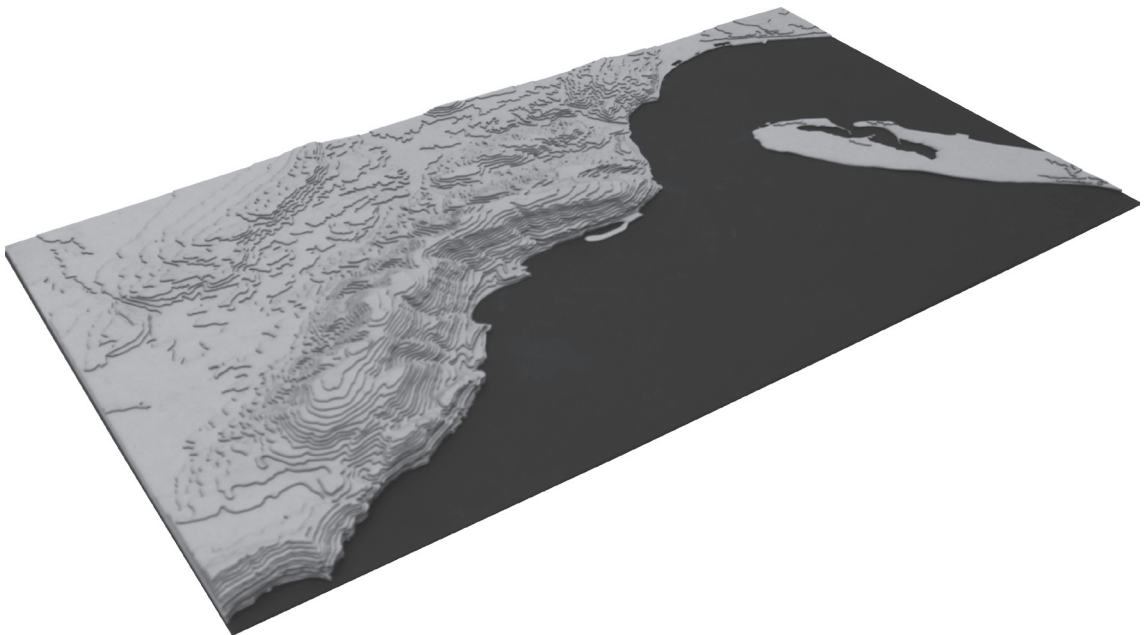
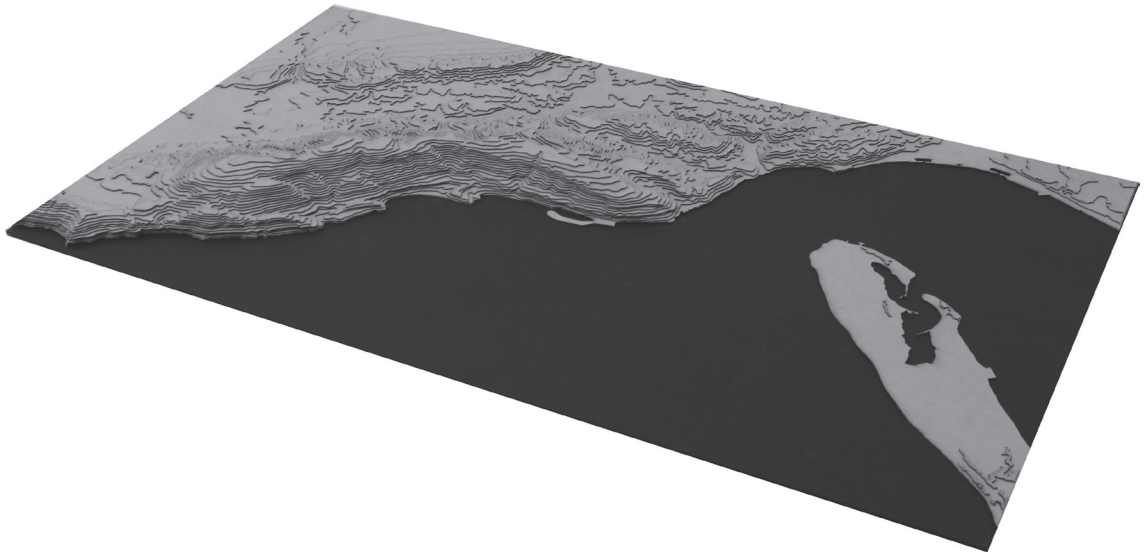
- A. A Barra do Tejo e do Sado
- B. Sitio Arrábida/Espichel
- C. As Baterias de Costa e o lugar do Outão

ANEXO 2 | CADERNO DE PROCESSO

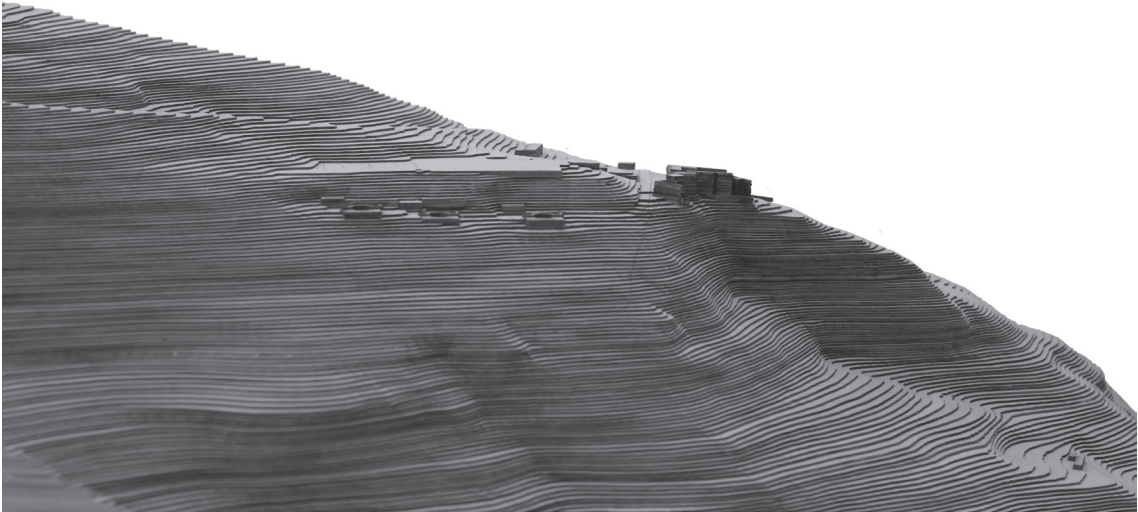
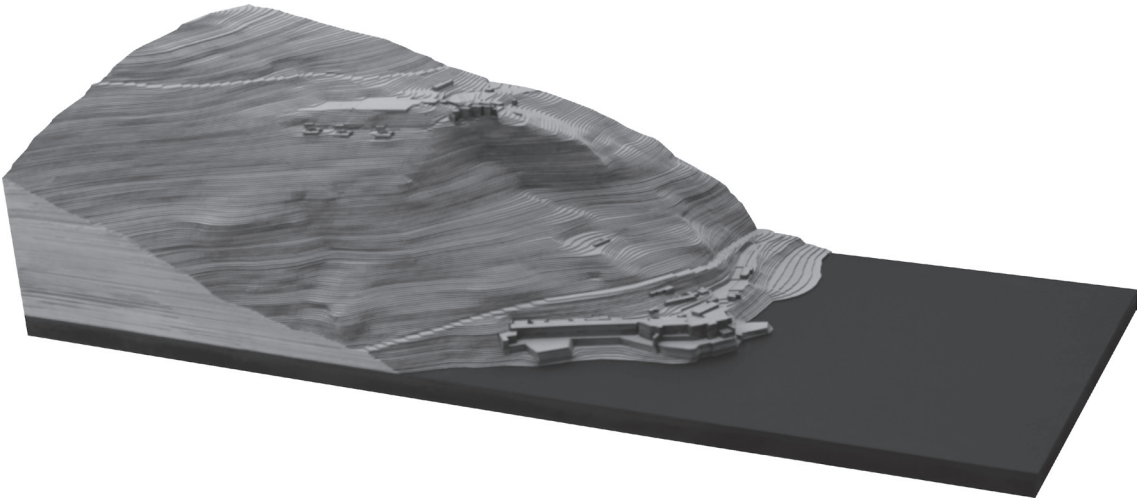
Da(s) Ideia(s) ao Projeto

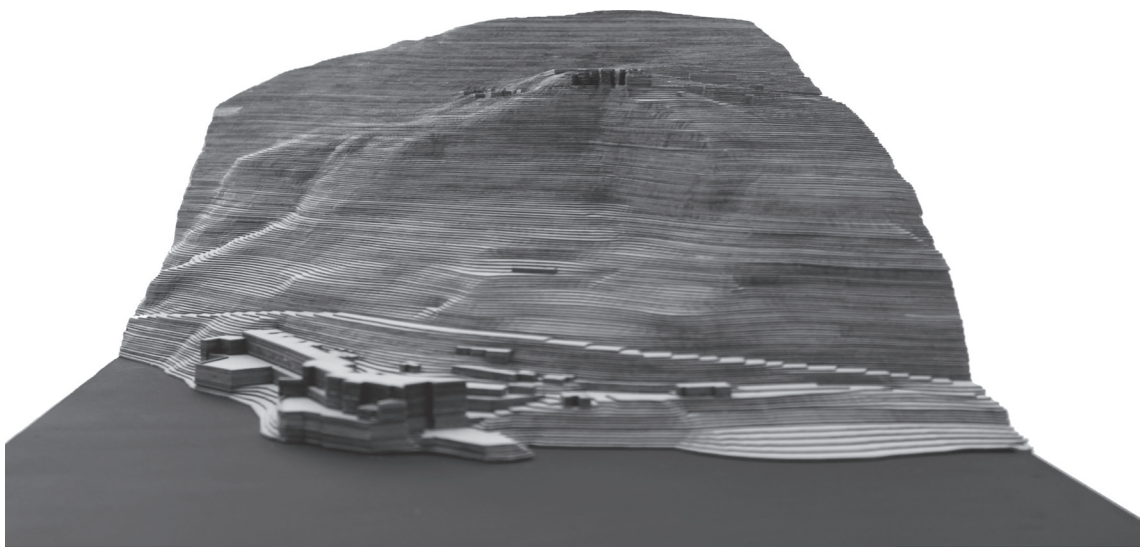
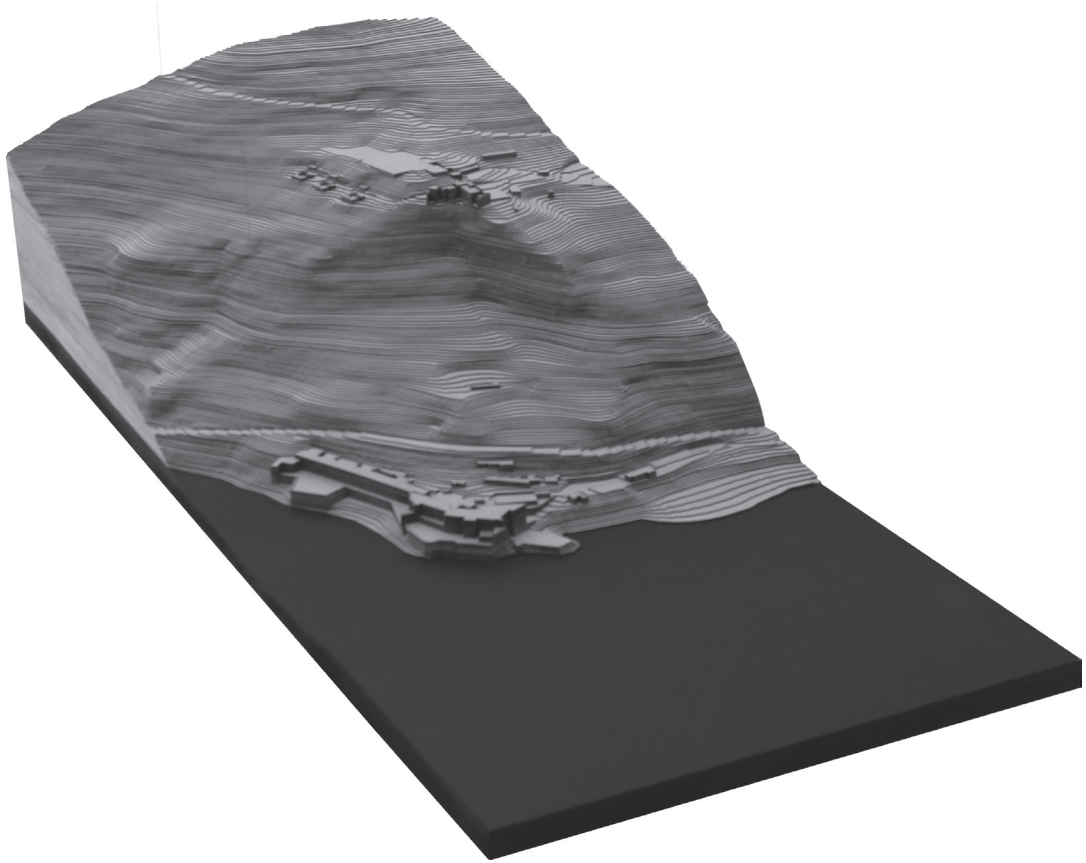
- A. Artigo: *À Soleira do Infinito*
- B. Referências de Projeto
- C. Esquissos de Projeto
- D. Fotografias *soltas* do sítio

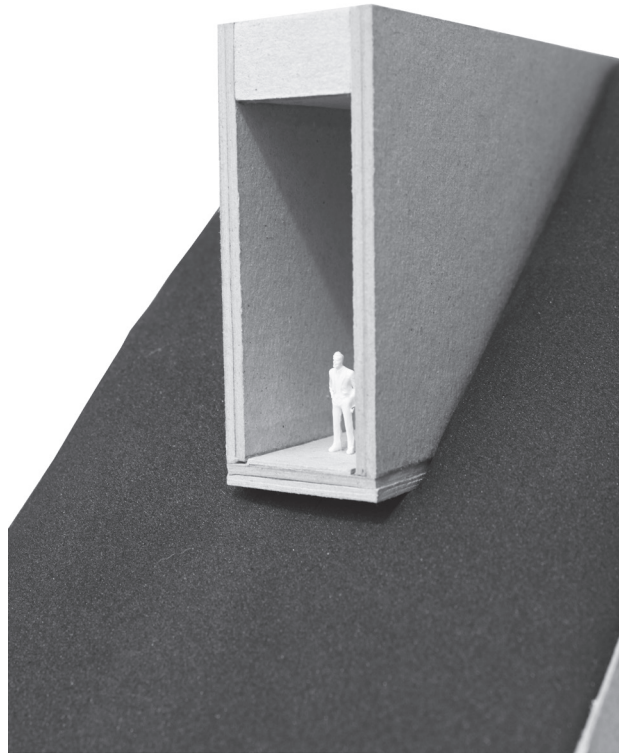
MAQUETES E PEÇAS DESENHADAS



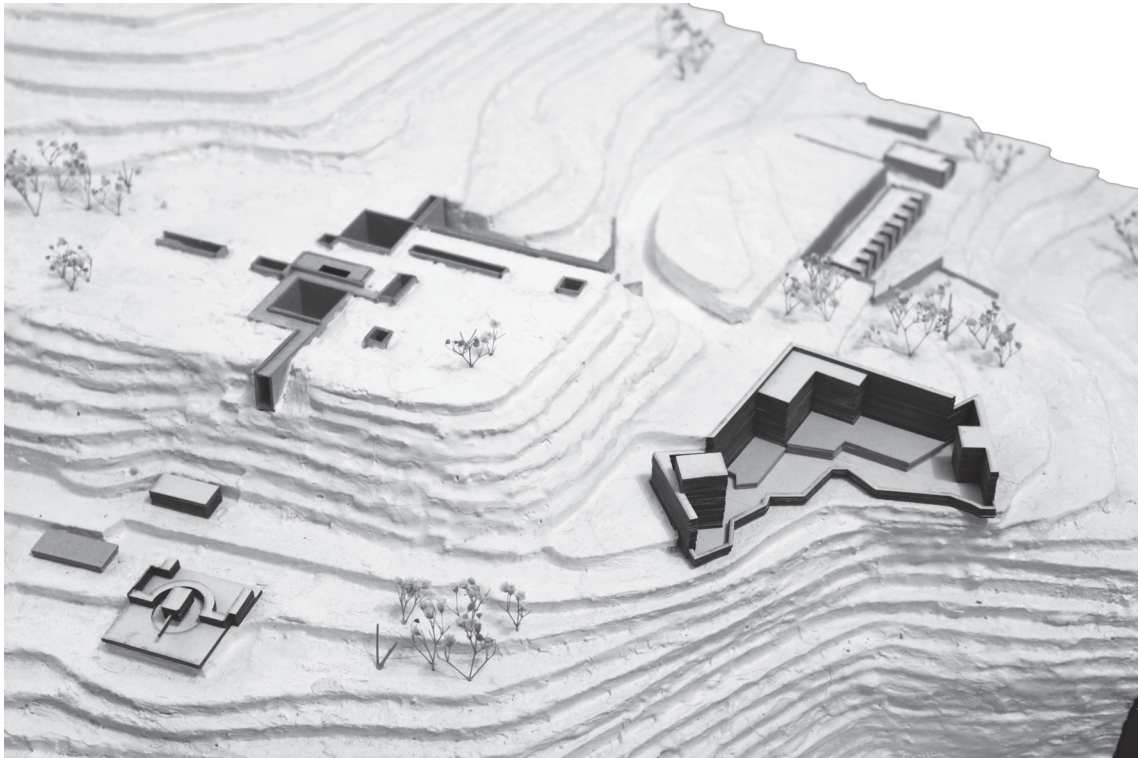
Maquete 1.1000

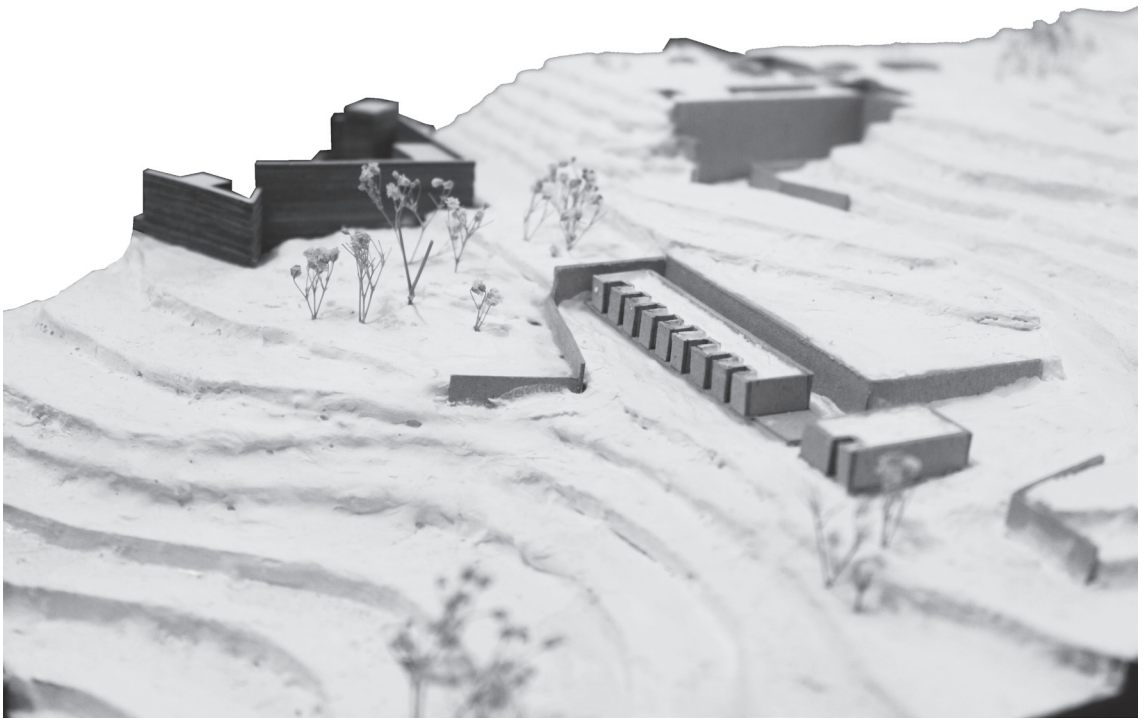
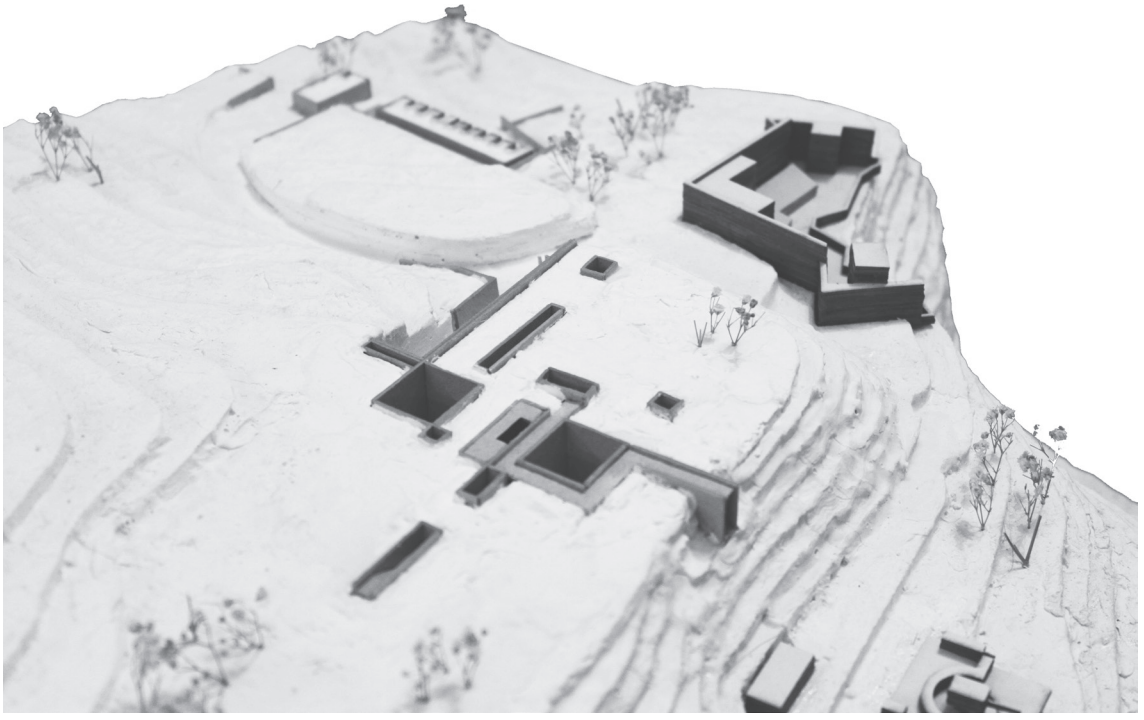






Maquetes 1.500 e 1.100







O termo Arrábida é atribuído ao imponente maciço calcário, facilmente reconhecível e identificável, da extremidade meridional da península de Setúbal, que vai desde Palmela até ao promontório oceânico do Cabo Espichel, numa área de cerca de 35 quilómetros de comprimento e sete quilómetros de largura. É limitada a Sul e Oeste pelo Oceano Atlântico, descrevendo falésias abruptas que caem sobre ele, e a Norte e Este pelas terras baixas e arenosas e pelo morro de Palmela.

A costa mais ocidental da cordilheira da Arrábida, geralmente elevada com falésias abruptas, esconde algumas raras e pequenas praias e abrigos que muitas vezes apenas são acessíveis de barco. De Alportuche ao Outão a costa é menos elevada que no troço anterior, aparecendo uma série de famosas praias, como a de Galapinhos, da Figueirinha, do Creiro, ou dos Coelhoos.

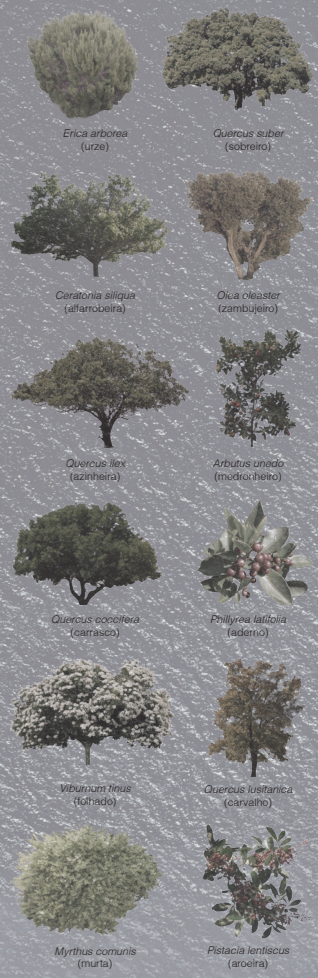
Destaca-se pela sua grandeza e importância a baía do Portinho, onde se hospedava Sebastião da Gama, aí, mesmo nos braços da Serra, sua mãe. No fundo dos barrancos deste trecho há uma maior densidade de vegetação, dada a elevada humidade e abrigo dos ventos, que contrasta com o limpo azul, no recôncavo de uma baía de águas serenas como num mar interior. Sobressai a Pedra da Anixa, um rochedo miocénico, de estratos muito levantados, fendidos a meio, resíduo de um litoral desaparecido.

Geograficamente, o Outão corresponde à área no sopé Serra da Arrábida, quando esta se desenvolve para Nascente, formando um braço de terra que avança sobre o mar. Este flanco da Serra que aqui termina separa duas baías: uma quase selvagem, a enseada que vai do Portinho à Figueirinha, outra humanizada, a da cidade de Setúbal.

Situa-se, deste modo, numa posição de transição entre unidades de paisagem diferenciadas. Este é o último momento, em que se pode avistar, de um lado, a Serra na sua imponente, ou, do outro, a cidade de Setúbal na sua larga extensão.

Quem percorreu as solidões da Arrábida sente que abandonou o braço da serra penhascosa e da mata sombria e se aproxima da cidade. Setúbal jaz no começo da planície (...)

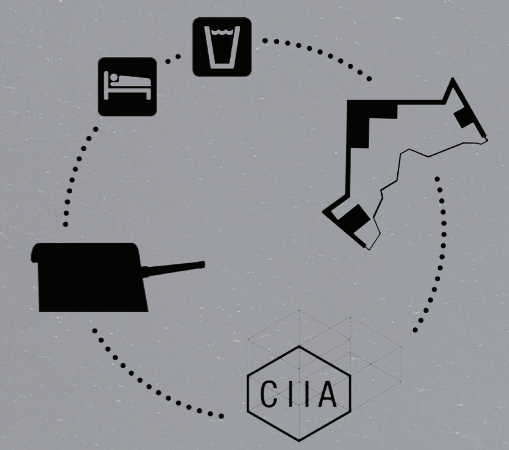
Orlando Ribeiro
A Arrábida. Esboço Geográfico, p. 34



O complexo da 7ª Bateria de Costa descobre-se numa saliência pontual da linha de costa, localizada a meio da encosta do ponto extremo do Outão, frente à barra do rio Sado. Traçando um perfil perpendicular à costa, passando pela Fortaleza de Santiago do Outão, compreende-se que o lugar é detentor de uma cota relativamente elevada, que lhe concede dominância sobre o litoral e um horizonte de larga visão.

As disposições dispares do Forte Velho e da Fortaleza do Outão são logo reveladoras dos seus dissemelhantes caracteres. A Fortaleza, em baixo, à cota nobre do mar límpido, na sua orgulhosa soberania, é luminosa e jovial. O próprio volume do antigo sanatório ostenta graciosamente a fachada ritmada, quase festiva, recebendo condignamente quem entra na barra do Sado.

O Forte Velho, em cima, encontra-se numa posição escalavrada, dura, sem água. Dissimula-se na crista da rochosa escarpa, deixando que só o observador mais atento adivinhe a sua presença. Construído para amparar a imponência da Fortaleza de Santiago, o Forte assume-se como o seu fiel servo, recôndito na paisagem. Poder-se-ia dizer que a Fortaleza de Santiago representa um lugar de comunhão, enquanto o Forte Velho um lugar de isolamento.

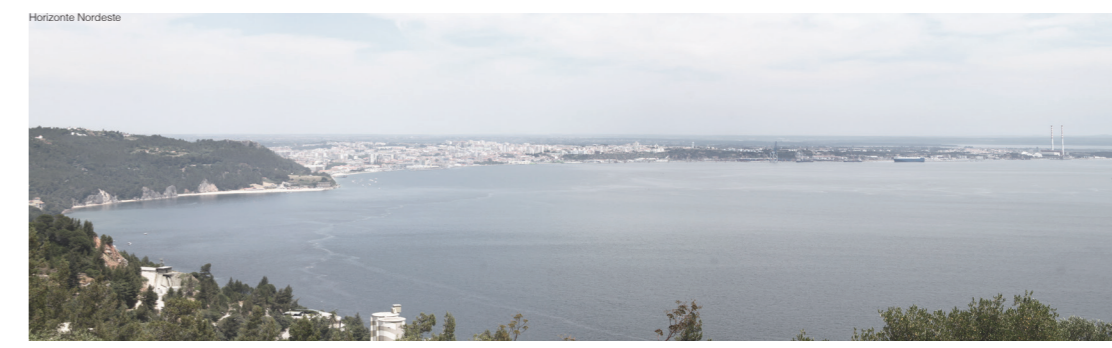
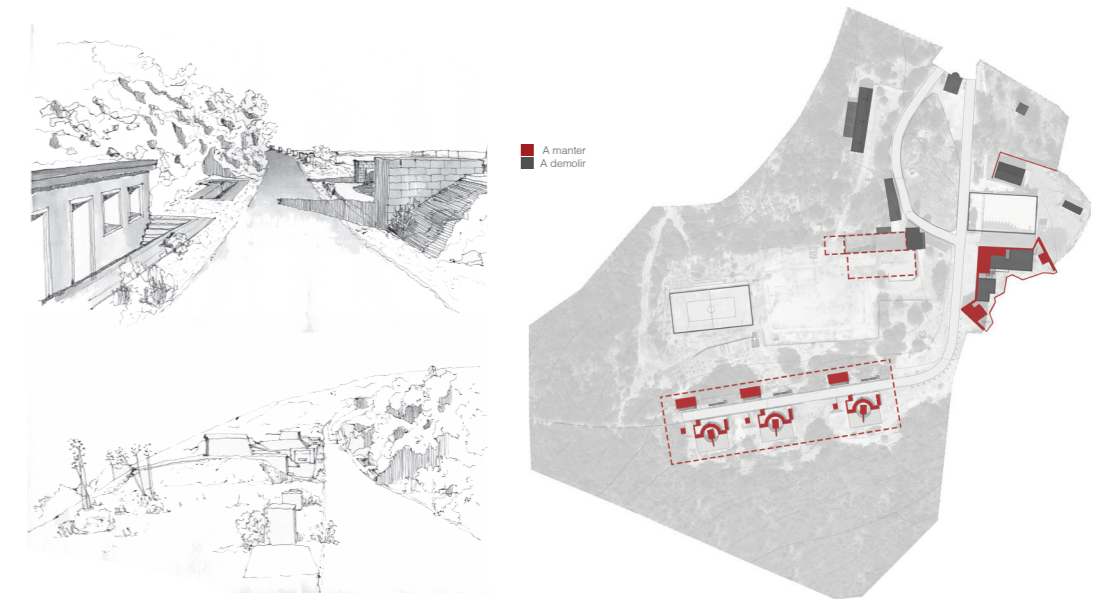


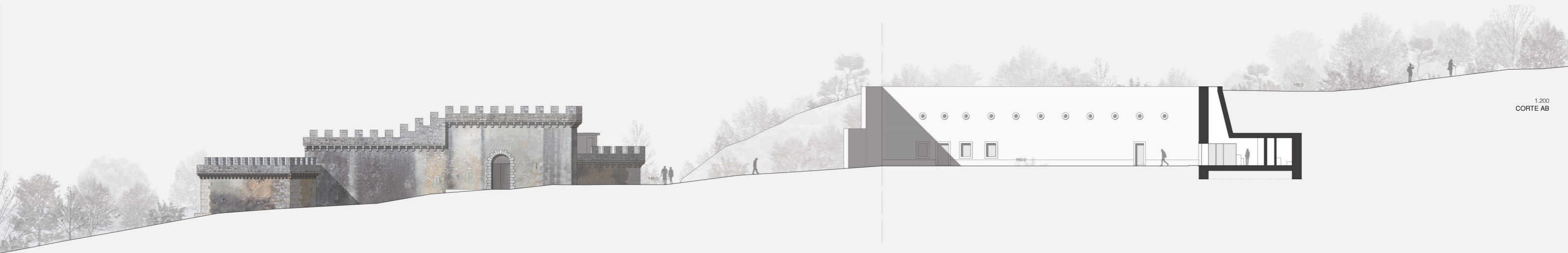
ESCALA 1:1 000
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO



- 1. Forte Velho
- 2. Construção a Norte
[Alojamento e Cafeteria]
- 3. Construção a Poente
[Centro de Investigação e Interpretação da Arrábida]
- 4. Bateria

ESCALA 1:500
PLANTA PROPOSTA-CONJUNTO





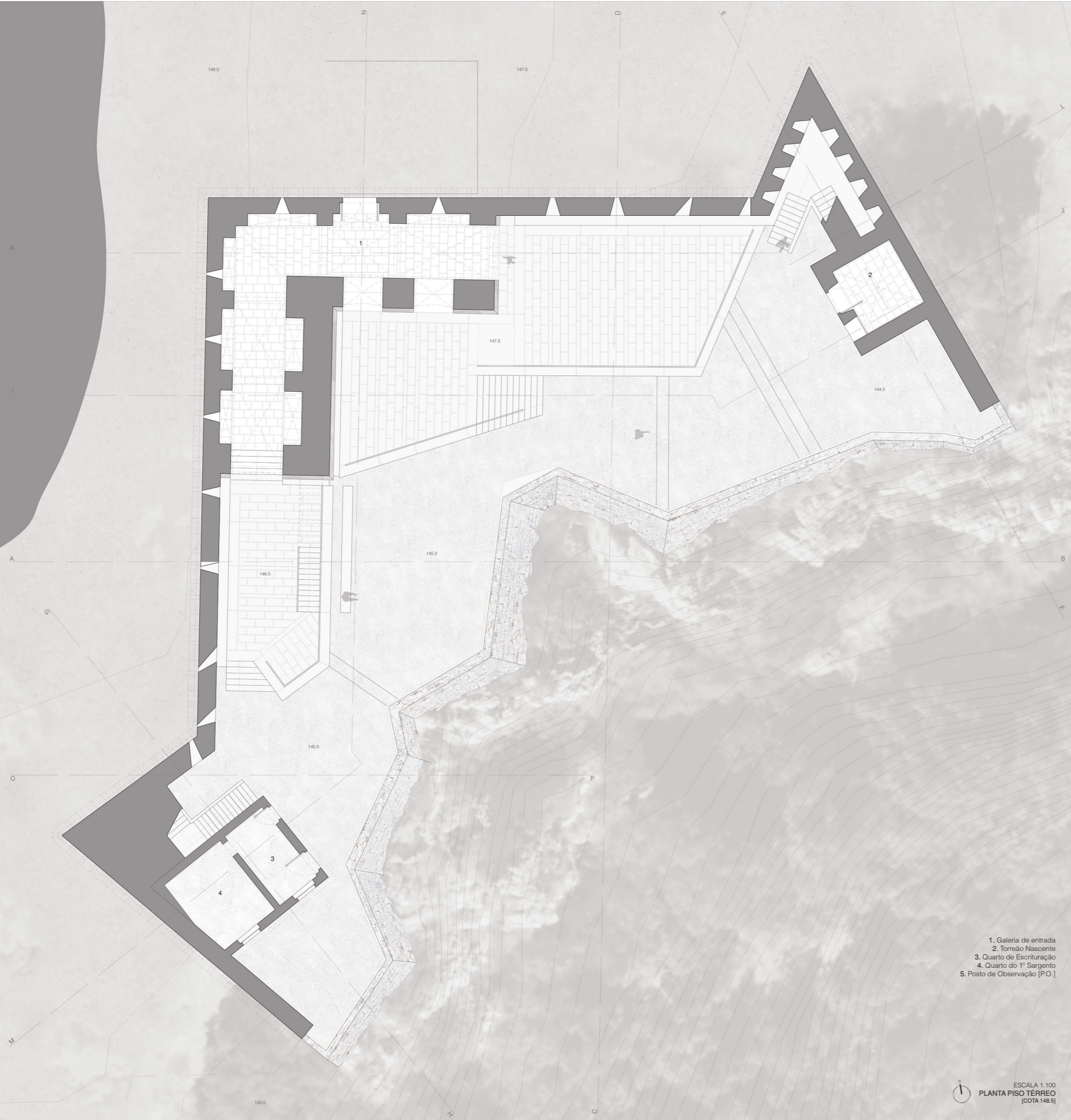
1.200
CORTE AB



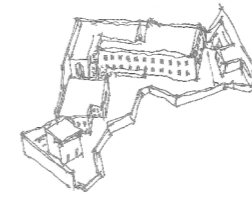
1.200
CORTE CD



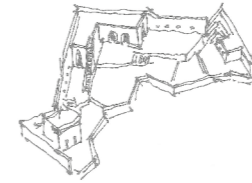
1.200
CORTE EF



a. Esquisso do Forte atualmente, com a presença dos edifícios do aquartelamento, construídos na década de 1950



b. Esquisso do projeto de reabilitação do Forte, procura-se restituir a fruição dos diversos espaços do Forte, permitindo um acolhimento e uma visitação, e, simultaneamente, preservá-lo no seu valor próprio, sem adições mais agressivas.



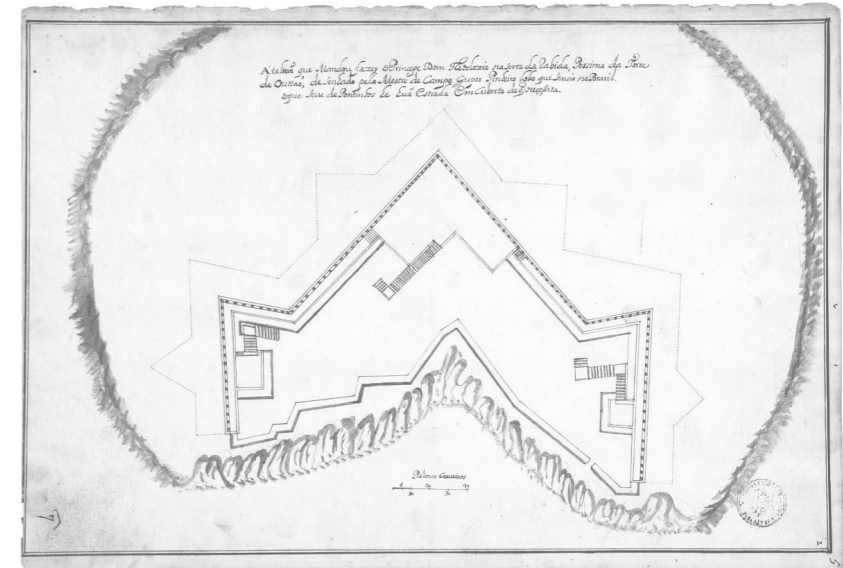
A intervenção pretende-se leve, evitando-se uma excessiva equipamentalização do património.

Na galeria de entrada, a intervenção consiste apenas na manutenção do pavimento e no restauro das abobadadas e paredes que as suportam. É ainda reaberto o segundo arco – encerrado na construção do aquartelamento – reforço a dupla permeabilidade desta frente.

A céu aberto, o projeto passa essencialmente pelo desenho do pavimento e pelo controlo das cotas através de duas plataformas, que reinterpretam a simetria original do Forte e prolongam a materialidade pétreo. Estas funcionam como esplanadas abertas para a fruição da paisagem, interligadas por lanços de escadas e rematadas por guardas metálicas claras e finas. A linha de soleira destes volumes pretende-se limpa e magnética, como um pódio, de modo dar apoio à horizontalidade do mar.

Na cota inferior, o pavimento pretende-se abstrato, sem esterotomia, como uma superfície lisa e contínua, por oposição às paredes rugosas do Forte, sem nunca lhes tocar, deixando uma linha de sombra como remate entre os dois planos – chão e muralha.

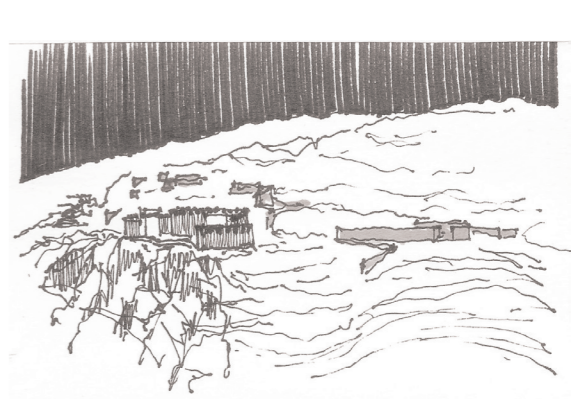
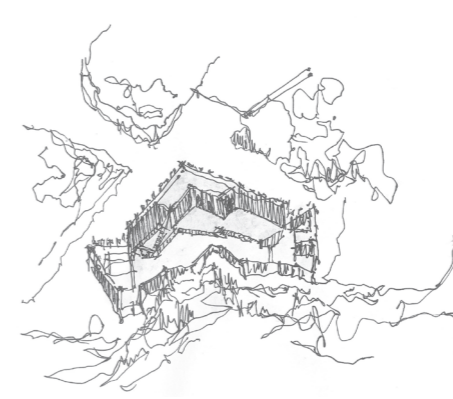
São criados sub-espacos, que oscilam entre escalas mais individuais e coletivas, dentro do perímetro muralhado; e permitem um percurso deambulatório entre níveis, em sucessivos caminhos de ronda, num olhar vigilante, pontuado por momentos de paragem e contemplação.

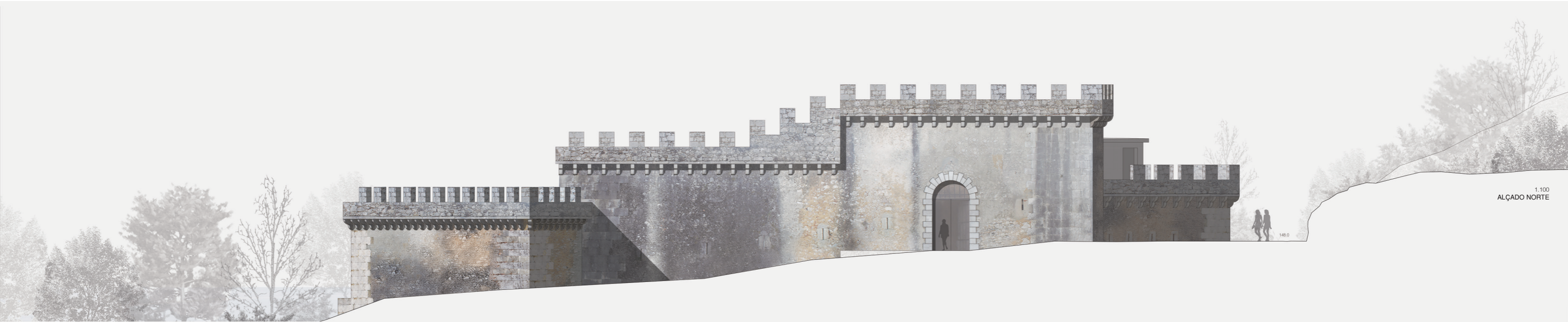




1. Galeria de entrada
2. Torreão Nascente
3. Quarto de Escrituração
4. Quarto do 1º Sargento
5. Posto de Observação [P.O.]

ESCALA 1:100
 PLANTA COBERTURAS
 [COTA 152 PELO P.O.]





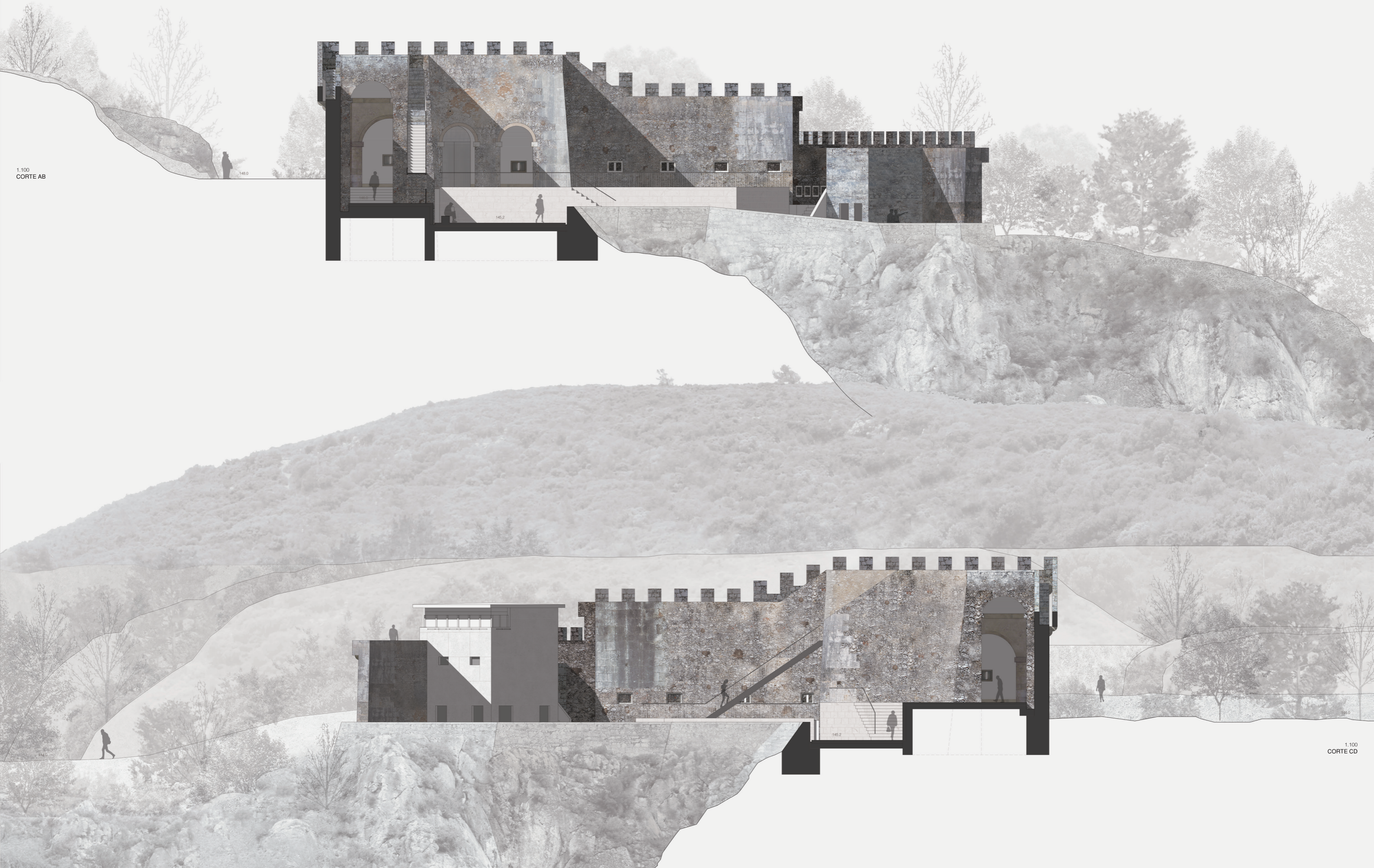
1.100
ALÇADO NORTE



1.100
ALÇADO POENTE



1.100
ALÇADO NASCENTE

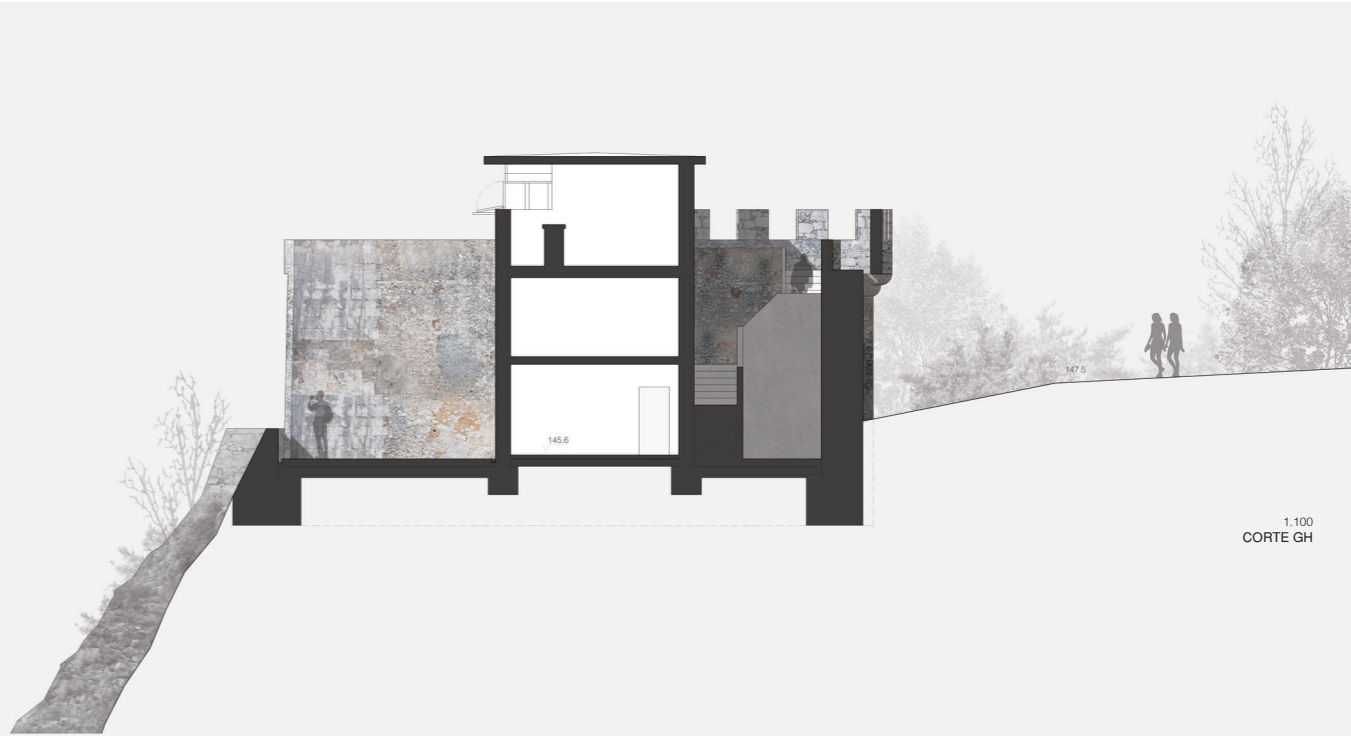


1.100
CORTE AB

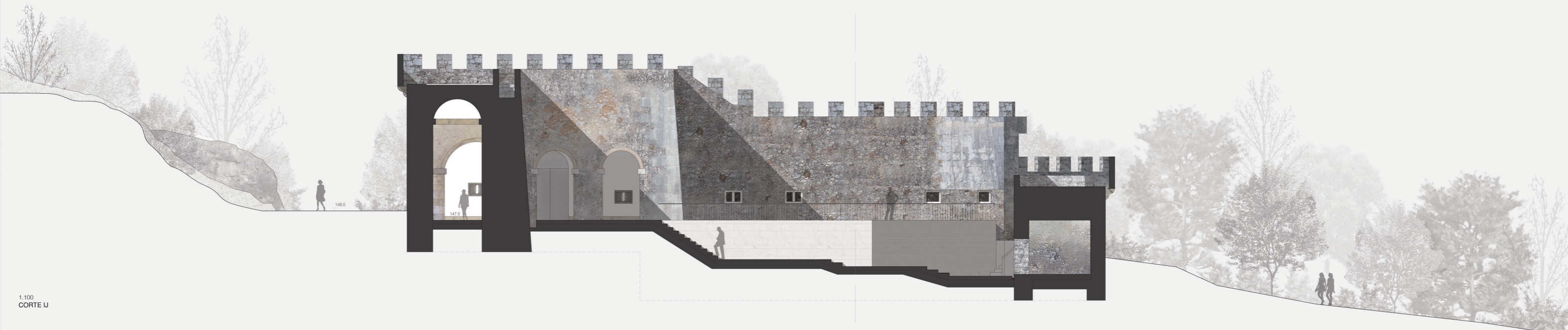
1.100
CORTE CD



1:100
CORTE EF



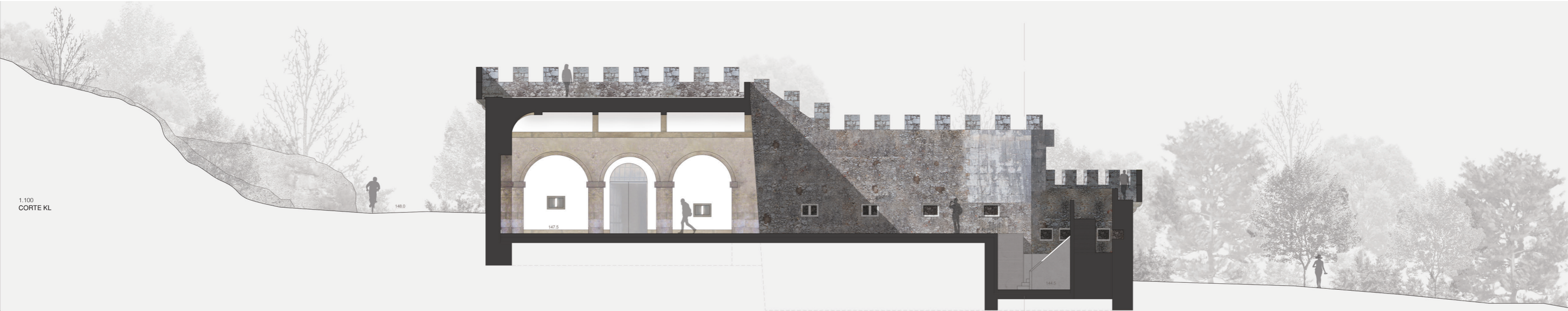
1:100
CORTE GH



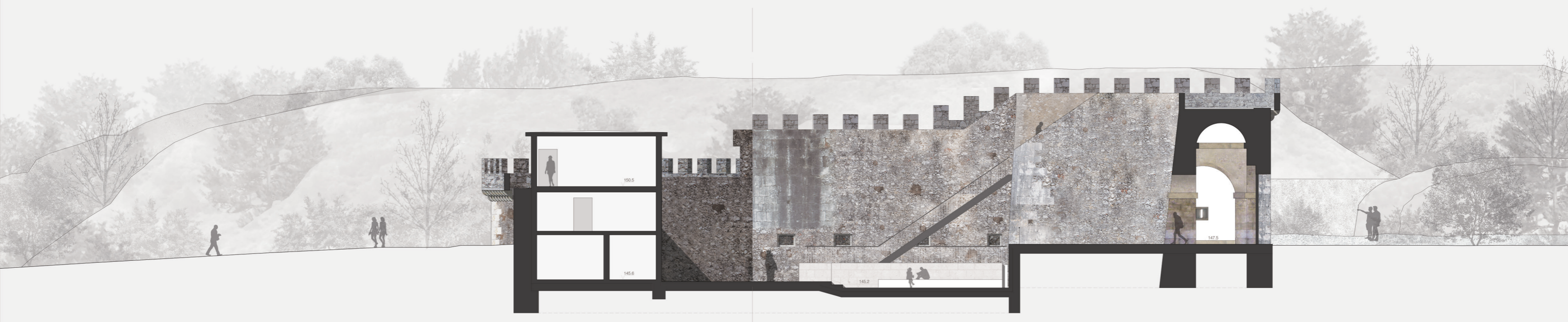
1:100
CORTE IJ



1:100
ALÇADO SUL

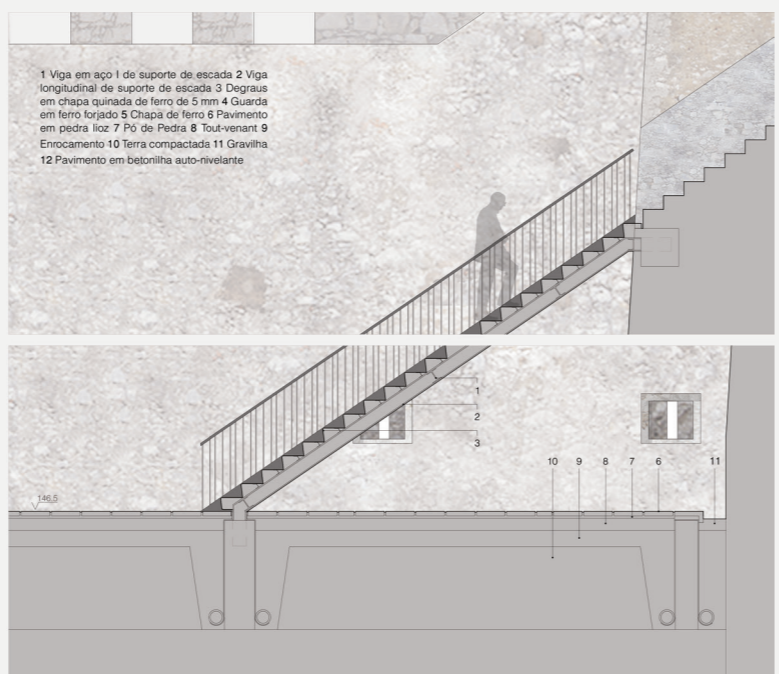


1.100
CORTE KL

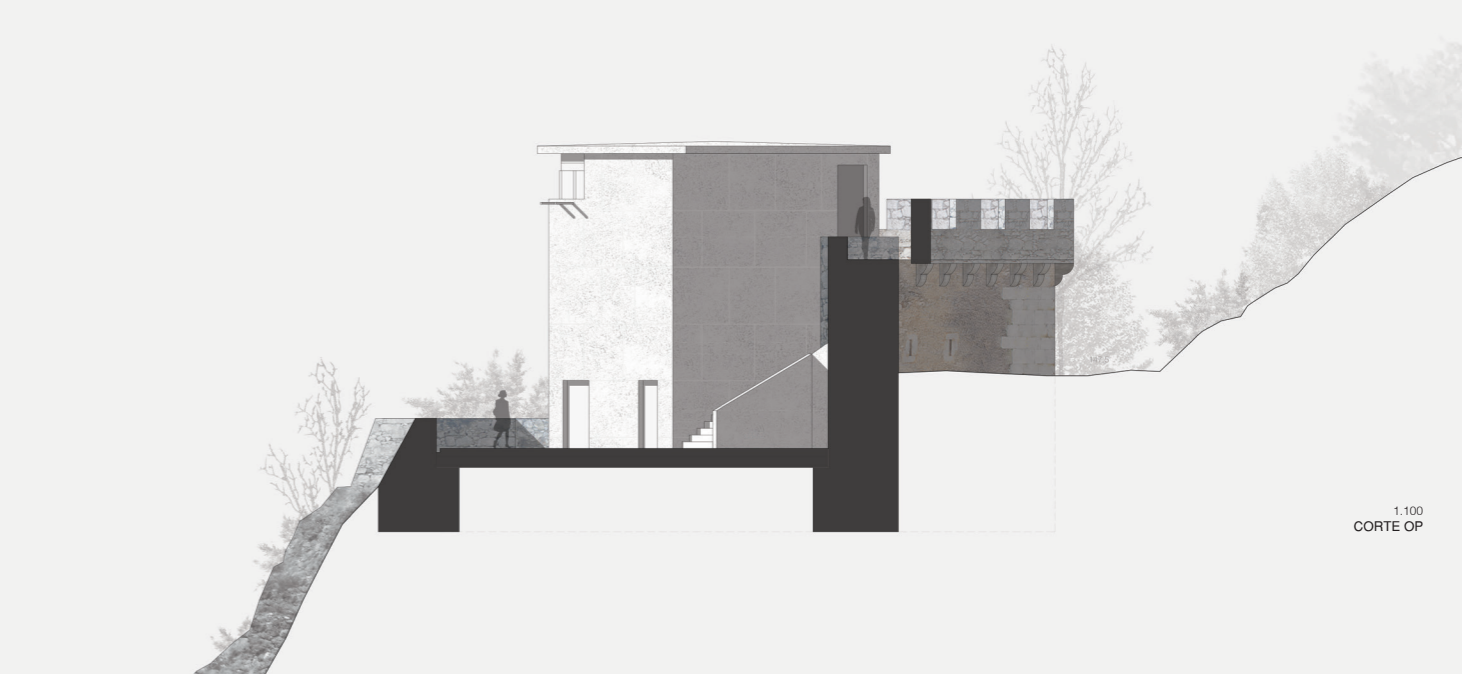


1.50
PORMENORES CONSTRUTIVOS

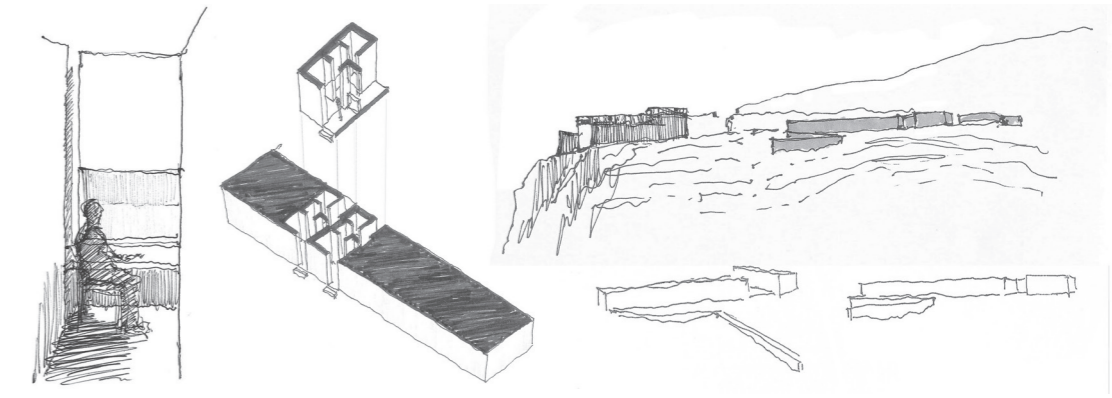
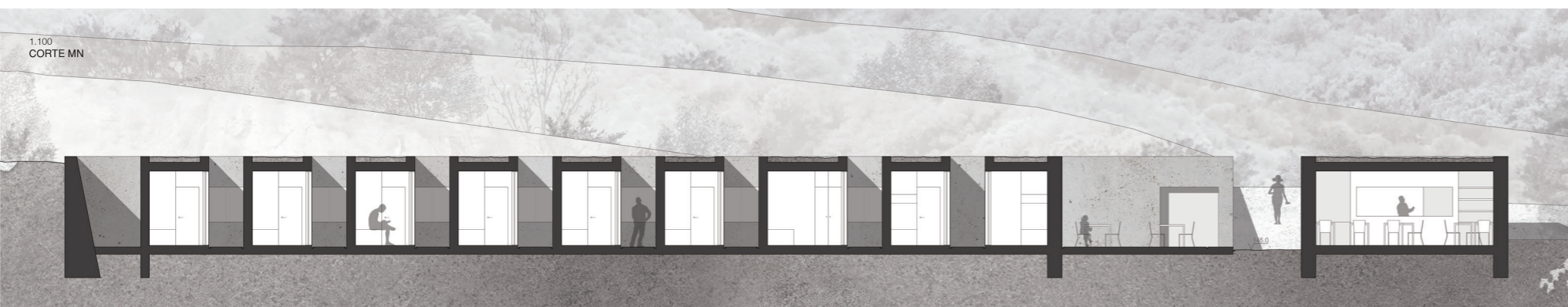
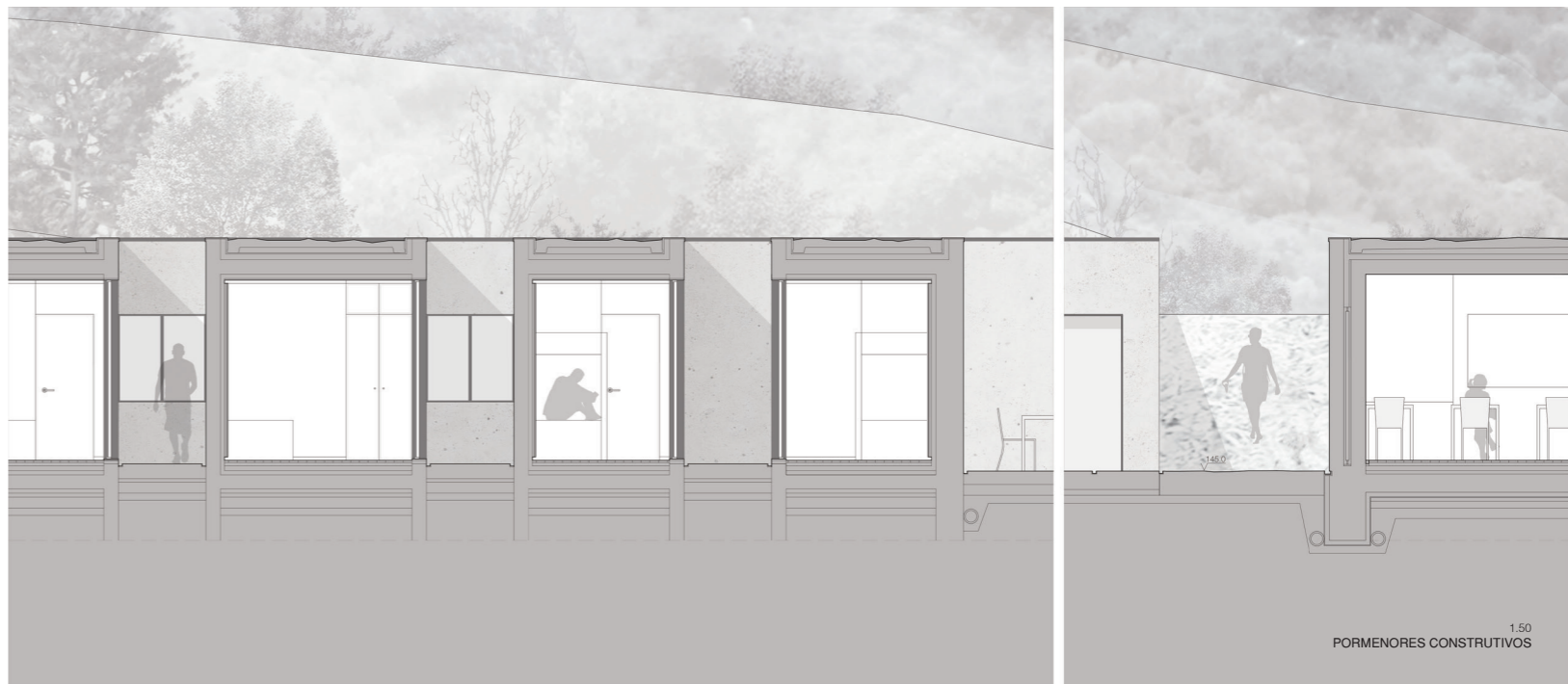
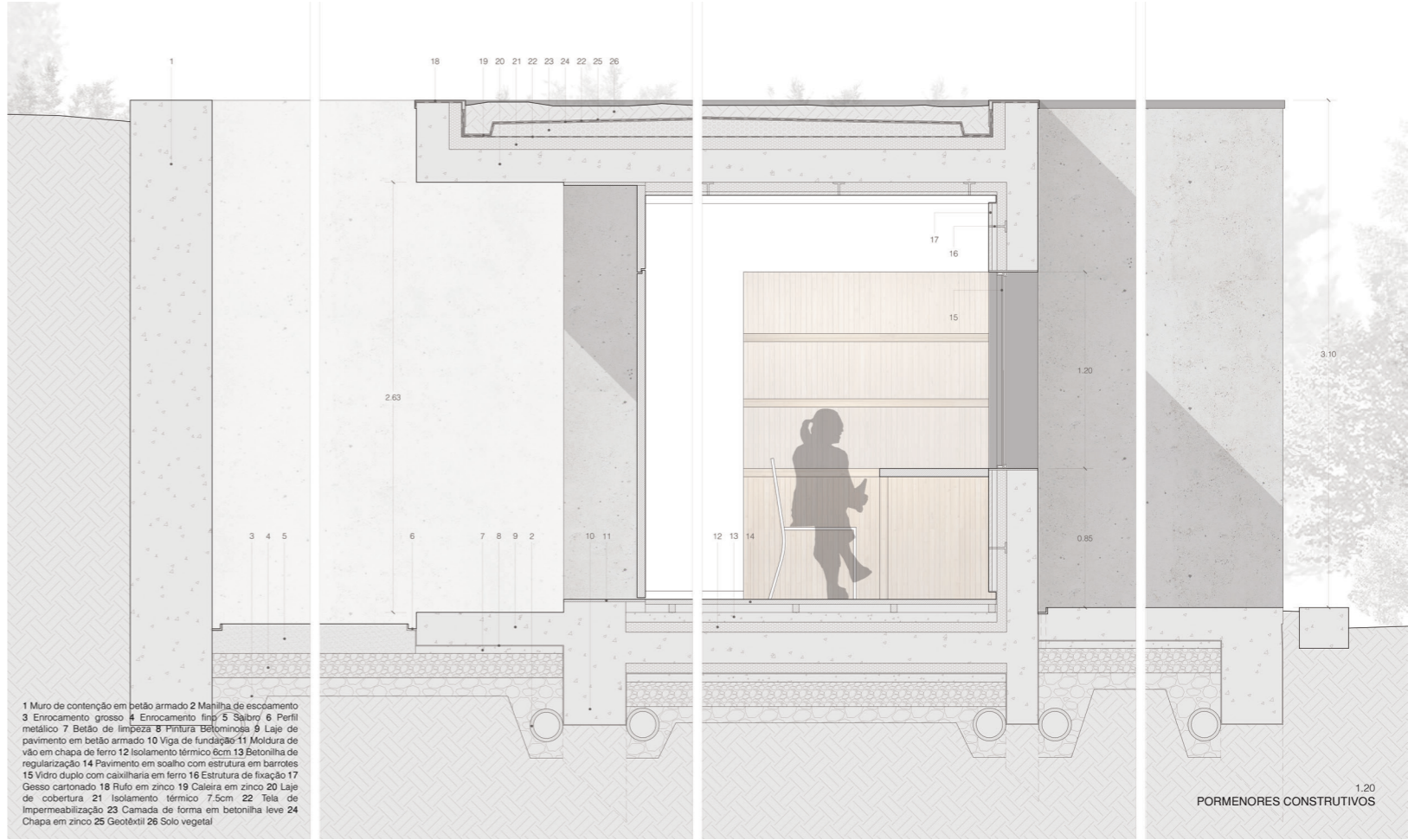
1.100
CORTE MN

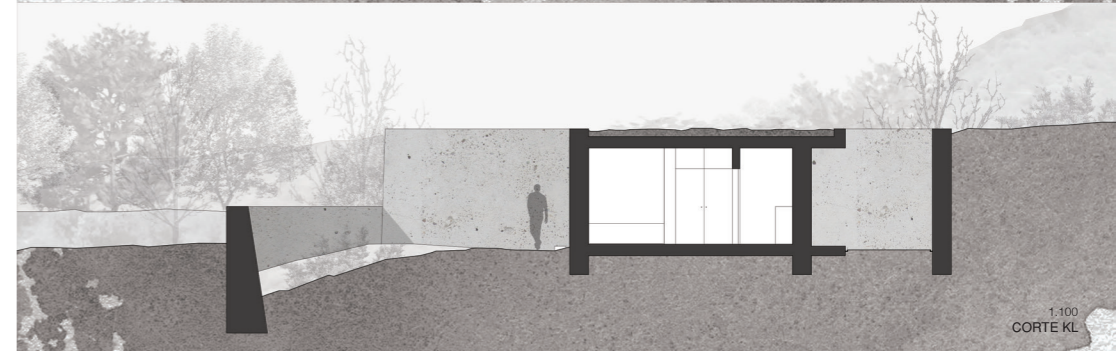
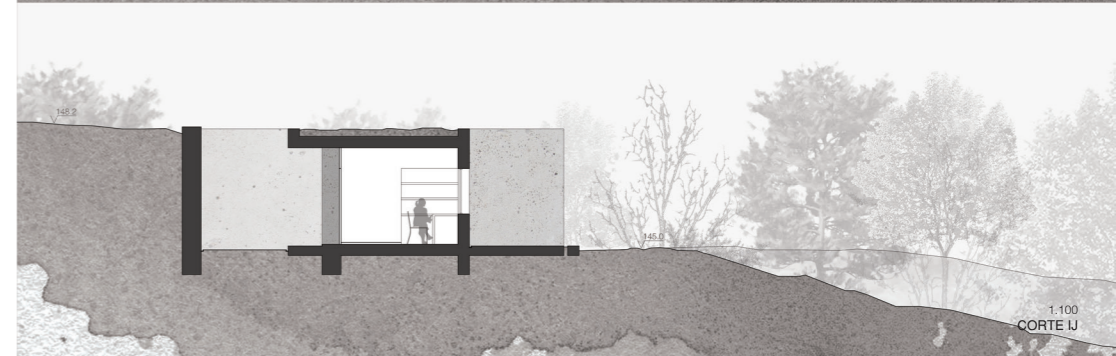
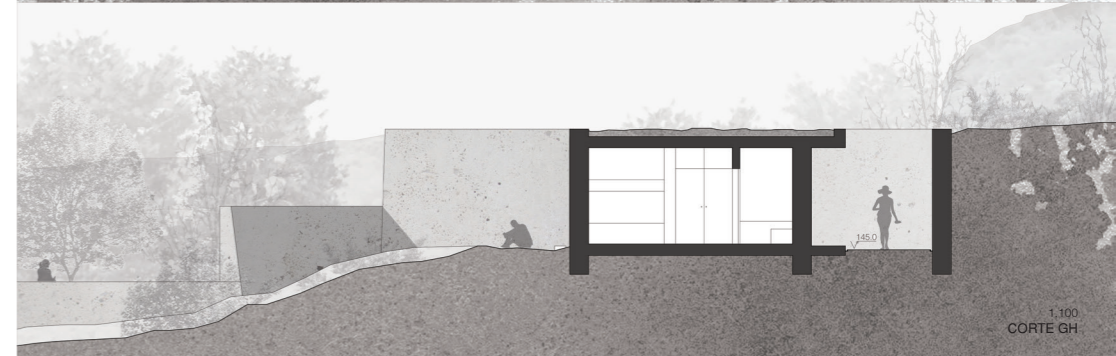
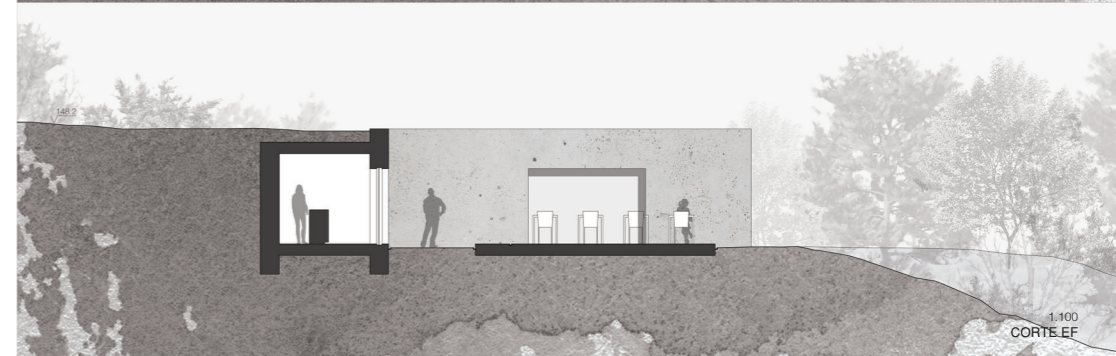
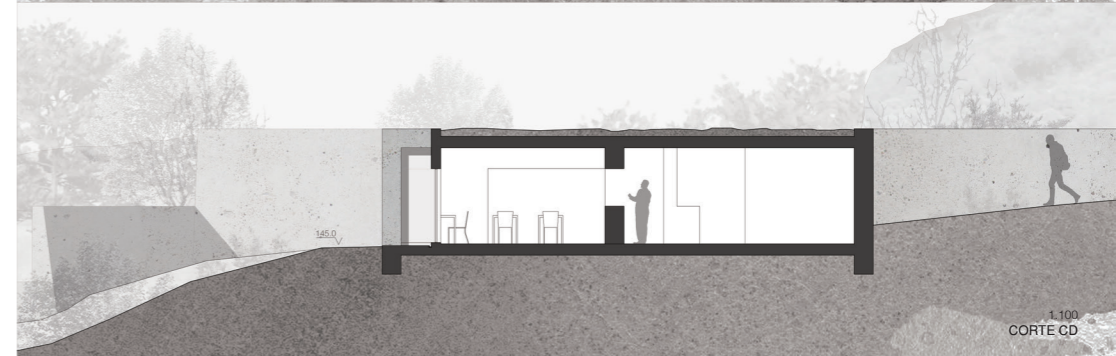
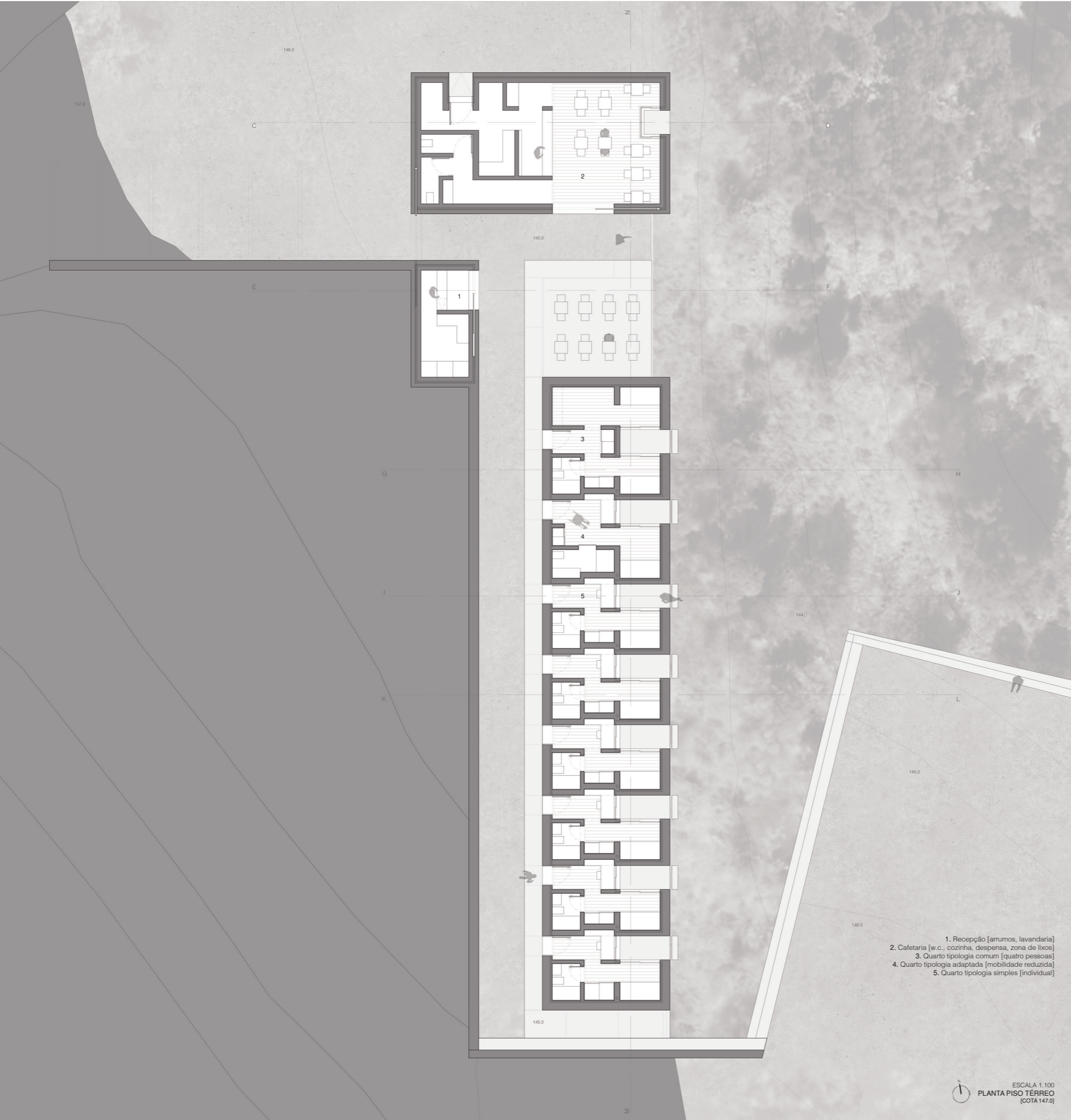


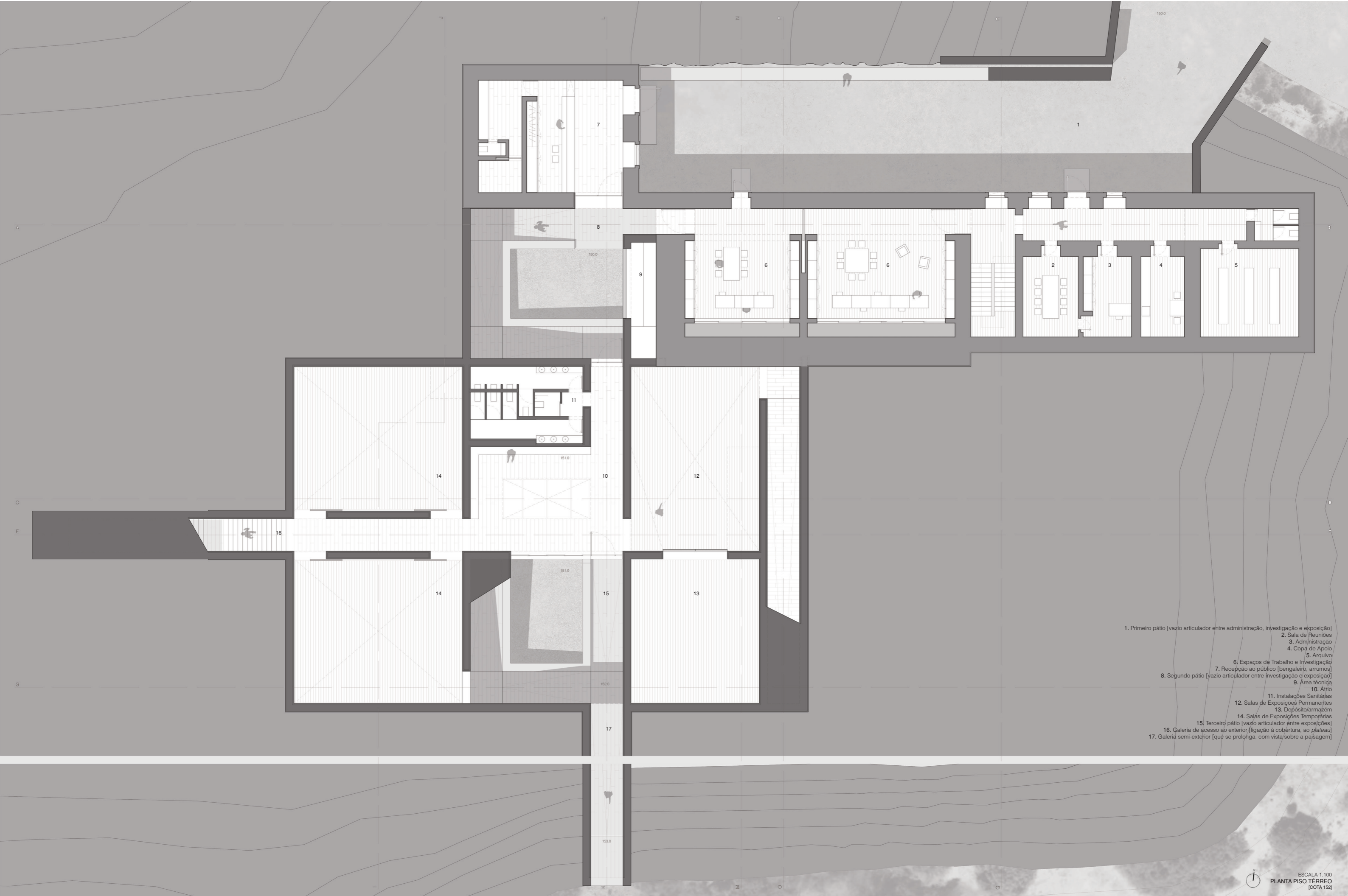
1 Viga em aço 1 de suporte de escada 2 Viga longitudinal de suporte de escada 3 Degraus em chapa quinada de ferro de 5 mm 4 Guarda em ferro forjado 5 Chapa de ferro 6 Pavimento em pedra lioz 7 Pó de Pedra 8 Tout-venant 9 Enrocamento 10 Terra compactada 11 Gravelha 12 Pavimento em betonilha auto-nivelante



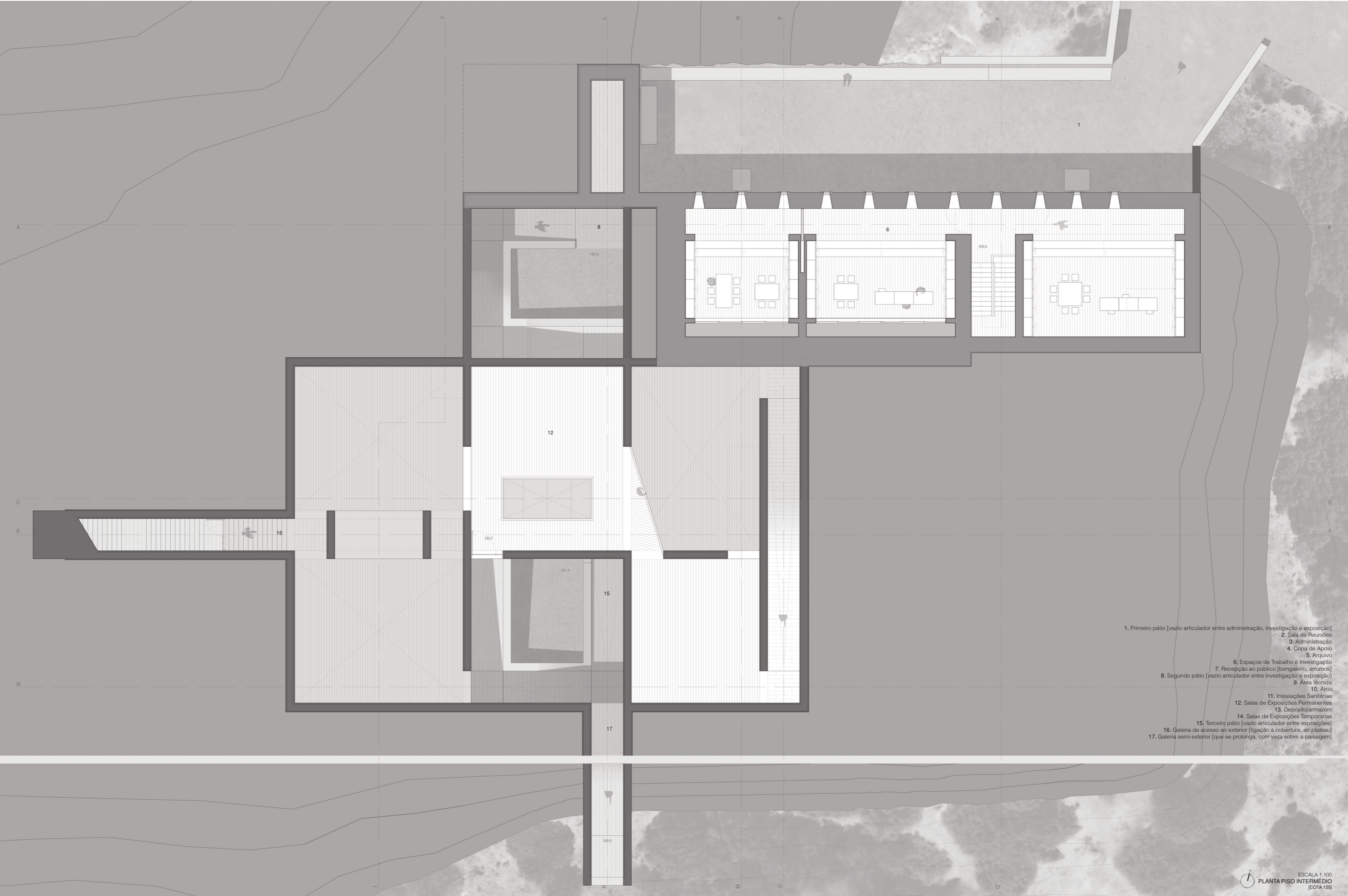
1.100
CORTE OP



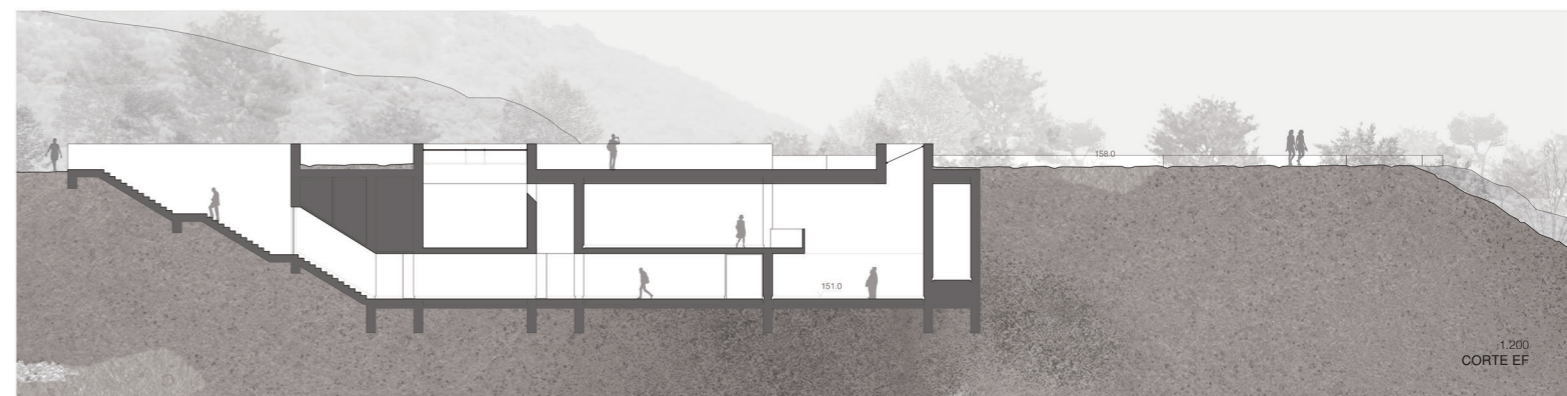
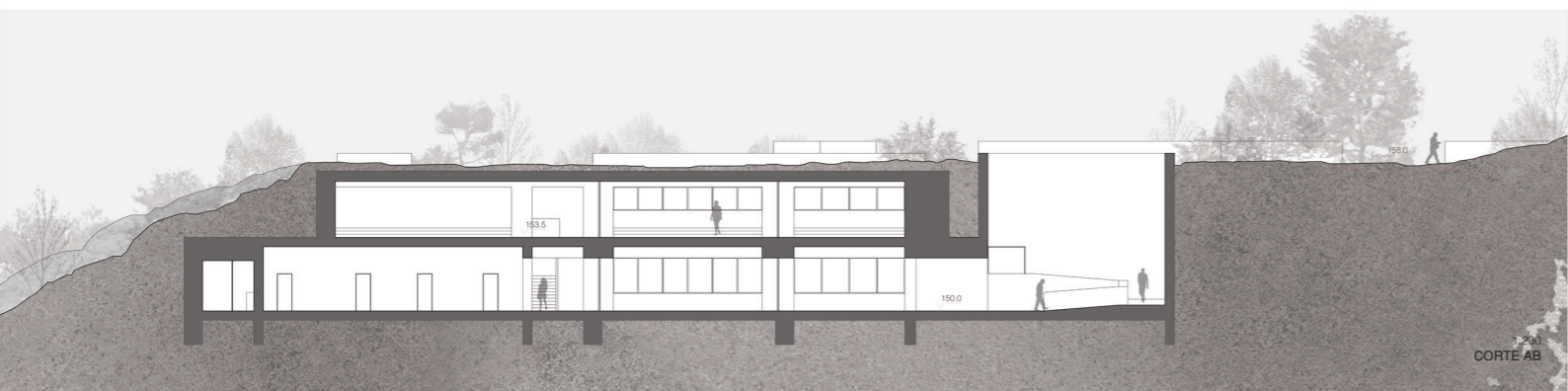
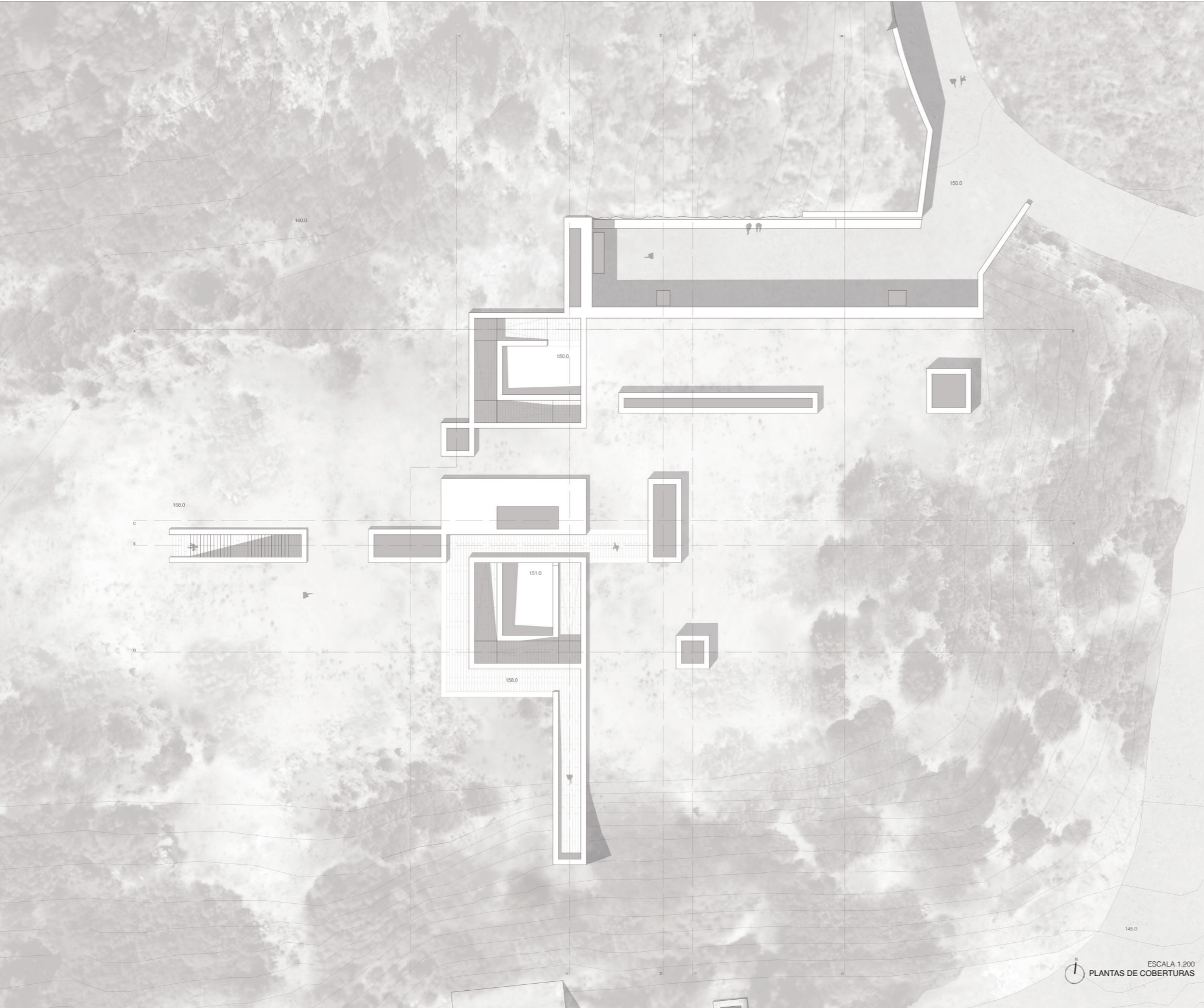


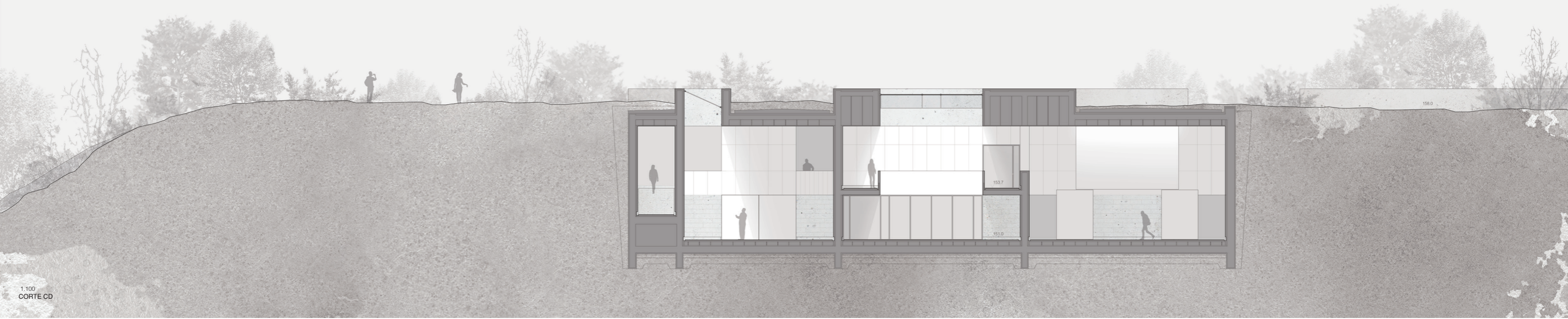


- 1. Primeiro pátio [vazio articulador entre administração, investigação e exposição]
- 2. Sala de Reuniões
- 3. Administração
- 4. Copo de Apoio
- 5. Arquivo
- 6. Espaços de Trabalho e Investigação
- 7. Recepção ao público [bengaleiro, arrumos]
- 8. Segundo pátio [vazio articulador entre investigação e exposição]
- 9. Área técnica
- 10. Atrio
- 11. Instalações Sanitárias
- 12. Salas de Exposições Permanentes
- 13. Depósito/armazém
- 14. Salas de Exposições Temporárias
- 15. Terceiro pátio [vazio articulador entre exposições]
- 16. Galeria de acesso ao exterior [ligação à cobertura, ao plateau]
- 17. Galeria semi-exterior [que se prolonga, com vista sobre a paisagem]

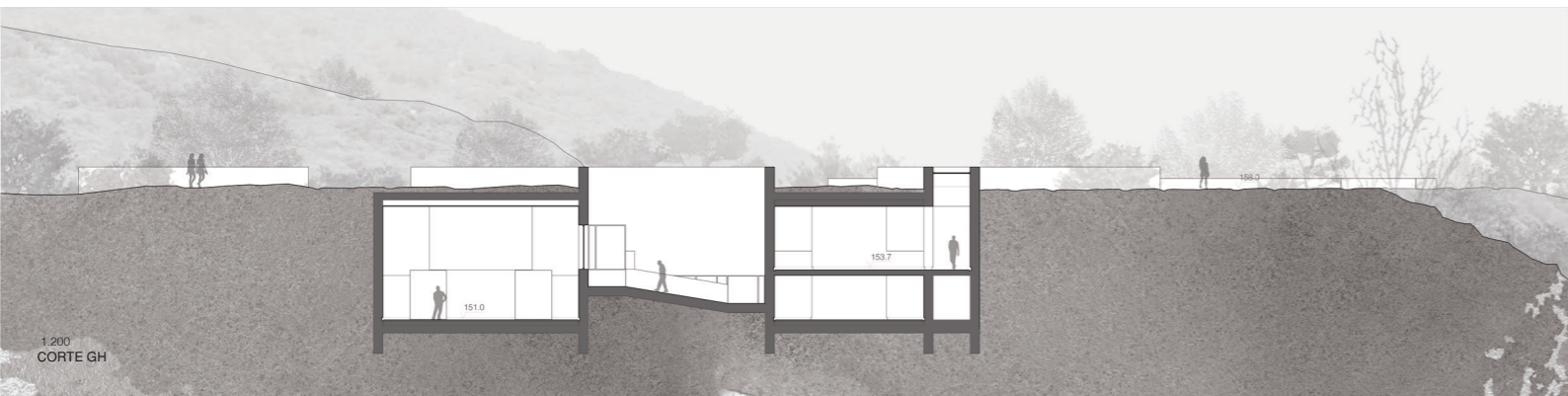


- 1. Primeiro pátio [vazio articulador entre administração, investigação e exposição]
- 2. Sala de Reuniões
- 3. Administração
- 4. Copa de Apoio
- 5. Arquivo
- 6. Espaços de Trabalho e Investigação
- 7. Recepção ao público [bengaleiro, arrumos]
- 8. Segundo pátio [vazio articulador entre investigação e exposição]
- 9. Área técnica
- 10. Atrio
- 11. Instalações Sanitárias
- 12. Salas de Exposições Permanentes
- 13. Depósito/armazém
- 14. Salas de Exposições Temporárias
- 15. Terceiro pátio [vazio articulador entre exposições]
- 16. Galeria de acesso ao exterior [ligação à cobertura, ao plateau]
- 17. Galeria semi-exterior [que se prolonga, com vista sobre a paisagem]

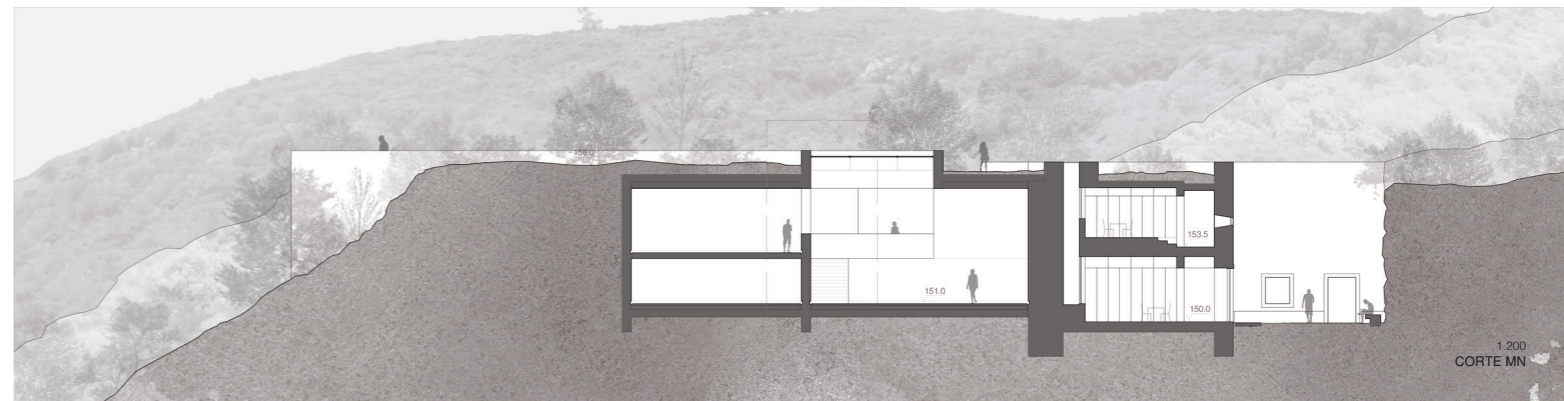




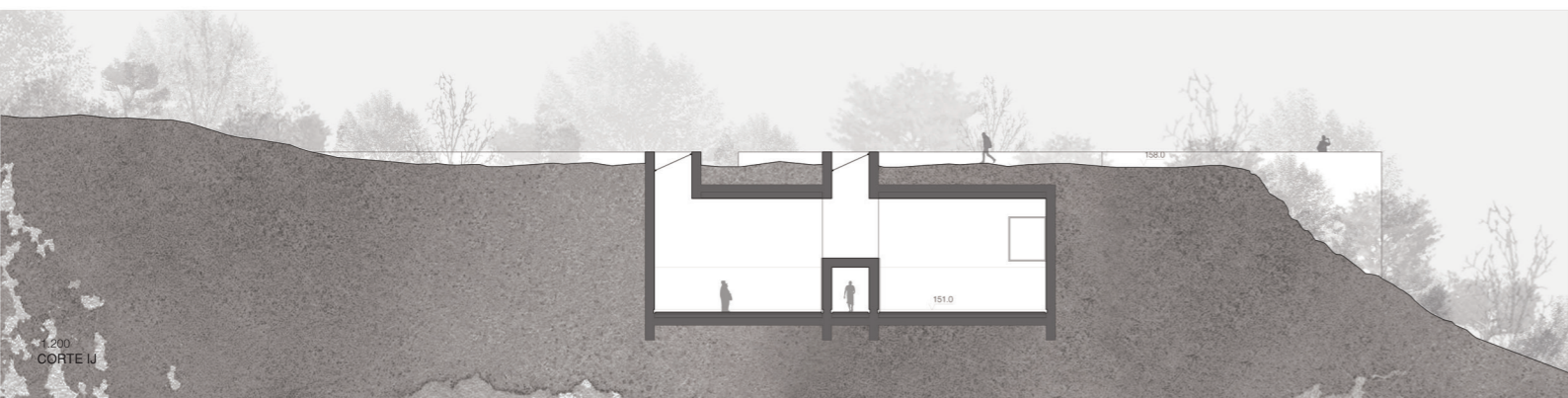
1:100
CORTE CD



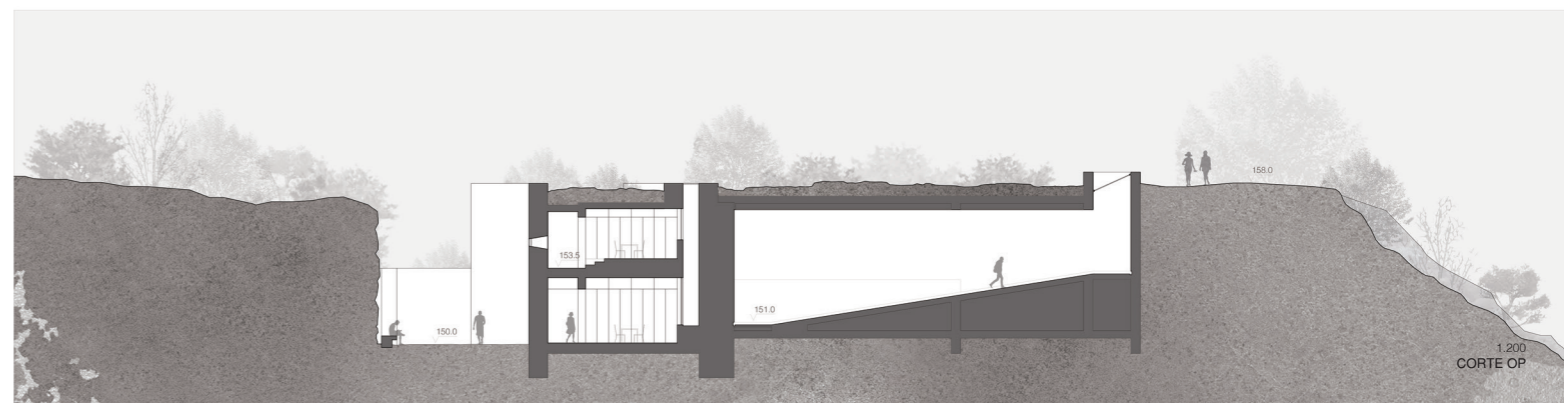
1:200
CORTE GH



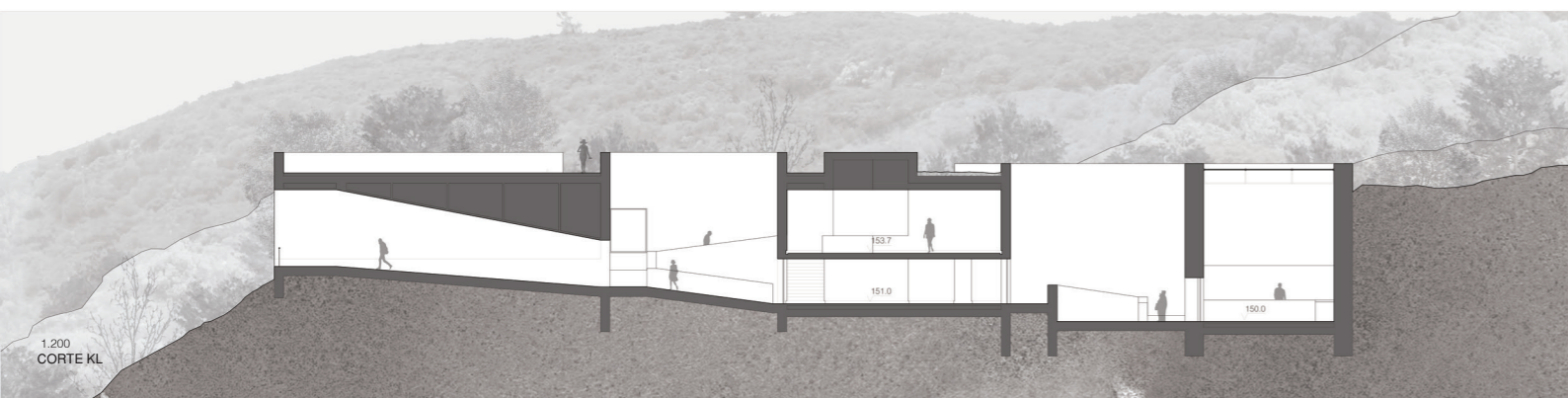
1:200
CORTE MN



1:200
CORTE IU



1:200
CORTE OP



1:200
CORTE KL



1:200
CORTE QR

